UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS

BEATRIZ RIBAS

A MEMÓRIA NO CIBERJORNALISMO: REFLEXÕES E APROXIMAÇÕES ÀS METODOLOGIAS DE ANÁLISE

Salvador

2012

B E A T R I Z R I B A S

A MEMÓRIA NO CIBERJORNALISMO: REFLEXÕES E APROXIMAÇÕES ÀS METODOLOGIAS DE ANÁLISE

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios

Salvador

2012

Sistemas de Bibliotecas - UFBA

Ribas, Beatriz.
A memória no ciberjornalismo : reflexões e aproximações às metodologias de análise / Beatriz Ribas. - 2013.
235 f. : il.

Inclui apêndices e anexos.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2012.

1. Jornalismo eletrônico. 2. Memória coletiva. 3. Arquivos. 4. Mídia digital. 5. Controle de qualidade. I. Palacios, Marcos Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação. III. Título.

CDD - 070.40285
CDU - 070.489

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURAS CONTEMPORÂNEAS

ATOS DE EXAME COMPREENSIVO DE DEFESA DE TESE

DOUTORANDA: BEATRIZ MUNIZ RIBAS
TÍTULO DA TESE: "*A memória no Ciberjornalismo: reflexões e aproximações às metodologias de análise*"
DATA DO EXAME: 12 de dezembro de 2012

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB);
Profª. Drª. Cláudia Irene de Quadros (Universidade Tuiuti-PR);
Prof. Dr. Giovandro Marcus Ferreira (POSCOM/UFBA);
Prof. Dr. José Carlos Santos Ribeiro (POSCOM/UFBA) e
Prof. Dr. Marcos Silva Palacios (Orientador).

PARECER COMPREENSIVO:

Depois de avaliarmos a aula pública da Tese intitulada: "**A memória no Ciberjornalismo: reflexões e aproximações às metodologias de análise**", depositada no Curso de Doutorado deste Programa de Pós-Graduação, e a nós submetida para exame, e depois de realizados os ritos acadêmicos da defesa de tese em que a doutoranda apresentou sua pesquisa e respondeu às nossas críticas, nós, os examinadores, decidimos, em sessão privada, que a doutoranda deve ser considerada APROVADA no Exame Compreensivo de Tese a que se submeteu em conformidade com os regulamentos deste Programa.

Salvador, 12 de dezembro de 2012.

FACOM – FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
Rua Barão de Geremoabo, s/n – Ondina
CEP.: 40.170-290
Tel: (71) 3283.6192/93 e-mail: pos-com@ufba.br
Página: www.poscom.ufba.br

Aos meus pais,

passado, presente e futuro.

AGRADECIMENTOS

Aos que estiveram de alguma forma presentes nestes tantos dias e noites de reflexão e dedicação. Nunca me faltarão à memória.

Àqueles que sempre estiveram ao meu lado, mesmo quando eu não estava, Tiago, Denise, Pedro, Gustavo, Luciane, Jade e Pedrinho,

À Graciela, por ter me ajudado a iluminar as ideias e abrir os caminhos em dias e noites de tormentas,

À Marcos, eterno Mestre, pelos ensinamentos para a vida toda, pela generosidade e paciência; minha referência *Top Five*,

À Luti e Suzana, primeira e eterna inspiração, o Norte,

Aos amigos do GJOL de todos os anos, desde 1999, companheiros de discussões e inquietações sobre o Jornalismo das Redes Telemáticas,

À Javier e Koldo, que tão bem me receberam para o período de estágio doutoral, e a todos os professores e colegas que fiz na Universidade do País Vasco (UPV-EHU), em Bilbao, Veh e Ali, os melhores momentos,

A todos os queridos amigos que aguentaram a minha ausência E a minha presença,

Aos professores da FACOM/UFBA, da graduação em Jornalismo em 1997.2, do mestrado em 2004, do doutorado em 2007; com eles aprimorei o pensar, pesquisar, ensinar, aprender,

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PÓSCOM), pelos enriquecedores anos de amadurecimento e aprendizado,

À CAPES, por viabilizar uma determinante parte de meu crescimento intelectual, cultural, profissional e pessoal,

À Faculdade de Comunicação da UFBA,

À Universidade Federal da Bahia.

The trouble de l'archive stems from a mal d'archive. We are en mal d'archive: in need of archives. Listening to the French idiom, and in it the attribute "en mal de", to be en mal d'archive can mean something else than to suffer from a sickness, from a trouble or from what the noun "mal" might name. It is to burn with a passion. It is never to rest, interminably from searching for the archive right where it slips away. It is to run after the archive, even if there's too much of it, right where something in it anarchives itself. It is to have a compulsive, repetitive, and nostalgic desire for the archive, an irrepressible desire to return to the origin, a homesickness, a nostalgia for the return to the most archaic place of absolute commencement.

Jacques Derrida, *Mal d´Archive*, 1995:57.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a memória no ciberjornalismo, em sua forma múltipla, instantânea e cumulativa e constata sua função produtiva desempenhada nos cibermeios. A investigação leva a concluir que elementos de memória servem de guia para análises de qualidade em ciberjornalismo, como mostraram o mapeamento e a classificação de características que concorrem com outras necessárias à prática jornalística contemporânea, quais sejam, Filtragem, Contexto e Disponibilidade. O presente trabalho analisa processos de composição, indexação e recuperação de informações jornalísticas na Internet, buscando padrões e indicadores de elementos capazes de conservar, produzir e transmitir a memória coletiva que ajuda a traduzir os significados do presente e a suprir as demandas informativas de usuários conectados à rede mundial de computadores. Na nova fase de pesquisa da memória cultural e social, biológica e histórica, a que os autores dos Estudos da Memória denominam *memory boom*, as Novas Mídias e Tecnologias de Informação e Comunicação ampliam os significados de 'lembrar' e 'esquecer' na sociedade, bem como os conceitos de ‘arquivo’ e ‘documento’, gerando efeitos na crescente valorização do passado nas coberturas jornalísticas. O jornalismo continua desempenhando função central no processo de codificação e transmissão de informações na contemporaneidade, servindo também como método de produção de memória, em constante e contínua reescrita. Em tempos de fluxo informacional exponencialmente aumentado, as capacidades de filtrar o relevante e contextualizar os acontecimentos se tornaram determinantes da qualidade dos produtos ciberjornalísticos. Esta pesquisa doutoral traz dados mapeados e análises baseadas em observações sistemáticas, realizadas entre 2008 e 2012, em 14 cibermeios brasileiros e espanhóis, considerando conjuntos de indicadores que partem de três unidades de análise: primeira página, arquivo e reportagem. O estudo explica como a memória pode e deve ser utilizada como critério para aferir qualidade em produtos jornalísticos on-line, e propõe ferramenta específica para avaliar níveis de uso destes elementos em cibermeios.

Palavras-chave: Memória, Arquivo, Metodologias, Qualidade, Ciberjornalismo.

ABSTRACT

This research investigates memory in cyberjournalism in its multiple, instantaneous and cumulative forms and sheds light on its productive role in online newspapers. The investigation leads to the conclusion that memory elements constitute important guides for analyses of quality in cyberjournalism as their mapping showed that they directly concur to features that are central in contemporary journalism: Filtering, Context and Availability. This document examines processes of composition, indexation and retrieval of news on the Internet, searching indicators and patterns of production, preservation and transmission of collective memory which helps to make sense of the present, contextualize meanings and satisfy the informational demands of users connected to the World Wide Web. In the new phase of investigation of social, cultural, historical and biological memory which authors of Memory Studies have been naming as a *memory boom*, the New Media and the Information and Communication Technologies broaden the meaning of 'remembering' and 'forgetting' in society. Similarly, the ideas and concepts associated to 'files' and 'documents' are also mutating, generating effects of increased appreciation of the past in news coverage. Journalism continues to play a central role in the process of coding and transmitting information in contemporary world, serving also as a method of constant and continuous memory production and reproduction. In times of exponentially increased information flow, the capacities of filtering and contextualizing the relevant events have become a determinant feature of quality to on-line newspaper products. This doctoral research mapped data and presented analyses as a result of systematic observations - between 2008 and 2012 - of 14 on-line Brazilian and Spanish newspapers, using three units of observation: first pages, archives and news coverage. The study provides examples of how memory can and should be used as a criterion to evaluate newspaper quality and proposes some technical tools to measure levels of its utilization in online products.

Keywords: Memory, Archive, Methodologies, Quality, Cyberjournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – *El Mundo*, campo de busca na primeira página 93

Figura 2 – *El Mundo*, indexação por formatos na primeira página 93

Figura 3 – *Jornal do Commercio*, mapa do site na primeira página 93

Figura 4 – *El Mundo*, links internos na primeira página 94

Figura 5 – *El Correo*, conteúdos indexados por acesso e atualidade 94

Figura 6 – *Correio Braziliense*, chamada para galeria de imagens, primeira página 95

Figura 7 – *El Mundo*, buscador avançado 95

Figura 8 – *El País*, busca por formatos 96

Figura 9 – *La Vanguardia*, ferramentas para análise de resultados 96

Figura 10 – *La Vanguardia*, resgate de conteúdos antigos 97

Figura 11 – Edições anteriores do impresso disponibilizadas pelo cibermeio 97

Figura 12 – *El Correo*, sistema de busca de conteúdos publicados pela edição on-line 98

Figura 13 – *A Tarde*, links contextualizam acontecimentos 98

Figura 14 – *A Tarde*, lista de notícias relacionadas 99

Figura 15 – *The Guardian*, links no corpo do texto 99

Figura 16 – La Vanguardia, comentários dos usuários 99

Figura 17 – *Gazeta do Povo*, linha do tempo 101

Figura 18 - Primeira página *El Correo*, 12/set/2011, o dia seguinte das homenagens aos dez anos dos atentados 123

Figura 19 - Primeira página *La Vanguardia*, em 11/set/2011 124

Figura 20 - Primeira página do *ElMundo*, em 11-set-2006 125

Figura 21 - Página que reúne todas as incursões sociais do cibermeio 129

Figura 22 – primeira página da hemeroteca em 10/09/2011 165

Figura 23 - Página interna servindo como filtro de notícias publicadas pelo impresso 167

Figura 24 – *La Vanguardia*, chamada para conteúdo de arquivo na primeira página 168

Figura 25 – *La Vanguardia*, ferramenta para análise de resultados 170

Figura 26 – *El Mundo*, primeira página, 10 anos 11/set 173

Figura 27 – Destaques para os acontecimentos principais do dia ou da semana 174

Figura 28 – *La Vanguardia*, reportagem 10 anos dos atentados à torres gêmeas 175

Figura 29 - Página de abertura da reportagem do *ElMundo.com* 176

Figura 30 – *El Mundo*, reprodução da primeira página do *The NYTimes* 177

Figura 31 – *El Mundo*, sistema de busca de edições impressas e on-line 178

Figura 32 – *El Mundo*, sistema de busca de edições on-line, organização cronológica 179

Figura 33 – *El Mundo*, primeira página em 2006, cinco anos dos atentados do 11/09 180

Figura 34 – *News Diamond* (BRADSHAW, 2007) 182

Figura 35 – Modelo de reportagem (CANAVILHAS, 2006) 184

Figura 36 – *Folha de S. Paulo*, reportagem 10 anos do 11 de setembro 185

Figura 37 – *Zero Hora*, blog/coluna de Rodrigo Lopes 186

Figura 38 – *Gazeta do Povo*, reportagem 10 anos do 11 de setembro 187

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma geral da pesquisa 32

Tabela 2 – As quatro temporalidades da memória e alguns conceitos associados 58

Tabela 3 – Elementos de memória em cibermeios 85

Tabela 4 – Indicadores de memória em cibermeios, por unidade de análise 86

Tabela 5 - Indicadores para analisar arquivos de imprensa digitais (GUALLAR e ABADAL, 2009) 97

Tabela 6 – Elementos de memória de filtragem, contexto e disponibilidade 98

Tabela 7 - Classificação (RIBAS, 2005) para a reportagem na Web 120

Tabela 8 - Classificação para a reportagem na Web atualizada 121

Tabela 9 – Resultados da aplicação da 2ª versão da ferramenta de memória 159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

I. Delimitação do Objeto de Estudo 21

II. Hipóteses e Objetivos 24

III. Corpus Empírico 26

IV. Metodologia 29

V. Estrutura da Tese 34

CAPÍTULO 1 – JORNALISMO E MEMÓRIA NA INTERNET 38

1.1 ESTUDOS DE MÍDIA E MEMÓRIA 42

1.2 O JORNALISMO COMO AGENTE DE MEMÓRIA 46

1.3 O CASO DAS MEMÓRIAS SECRETAS PUBLICADAS NA INTERNET 49

1.4 A MEMÓRIA DEPOIS DA WEB 52

1.5 E AGORA, COMO ESQUECER? 55

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTOS DA MEMÓRIA NO CIBERJORNALISMO 70

2.1 CARACTERÍSTICAS E ELEMENTOS DOS CIBERMEIOS 73

2.2 USUÁRIOS E TECNOLOGIA MAIS AVANÇADOS 105

2.3 AMBIENTE MAIS FAVORÁVEL 108

2.4 A MEMÓRIA NOS ARQUIVOS 109

2.5 A MULTIMIDIALIDADE E A VERVE DO PASSADO 110

2.6 A MEMÓRIA NA REPORTAGEM 116

2.7 A MEMÓRIA NA PRIMEIRA PÁGINA 122

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE QUALIDADE EM CIBERMEIOS 120

3.1 PARÂMETROS DE QUALIDADE PARA AVALIAR CIBERMEIOS 131

3.2 MEMÓRIA COMO ELEMENTO DE QUALIDADE 133

3.3 PADRÕES E CARACTERÍSTICAS DE MODELOS DE MEMÓRIA 151

CONCLUSÕES 178

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 188

APÊNDICE I: Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011) 215

APÊNDICE II: Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios, versão 2 219

ANEXO I: Ferramenta de Avaliação de Websites (CODINA, 2003) 225

INTRODUÇÃO

Não há estado de alma, por mais simples que seja, que não mude a cada instante, pois não há consciência sem memória, não há continuação de um estado sem adição, ao sentimento presente, da lembrança de momentos passados.
Henri Bergson

A memória está na moda. Nas capas de revistas, nas propagandas, nas redes sociais, nas latas de leite condensado e arquivos dos cibermeios. A memória produz. Incorporou-se de forma múltipla e diversificada aos espaços compartilhados por indivíduos com necessidades de resgatar e mostrar seu passado familiar, sua vida profissional, suas conquistas, derrotas, sentimentos, seus feitos diários marcados em fotografias e opiniões pessoais. A memória nunca esteve tão separada de nossos corpos físicos e, no entanto, tão ao nosso alcance. Está no *software*, nas mídias sociais, nos repositórios e bases de dados. Cada vez mais faz parte da tessitura do ciberespaço, uma vez que no hipertexto global que vai sendo minuto a minuto reconstruído e alargado deixa o hoje e o ontem à mesma distância de alguns cliques e crescentemente interligados em todas as suas dimensões. A memória vende. O vínculo com o passado traz o ar (ou a ilusão) do que era melhor, mais puro e original. No caso da informação jornalística, a memória permite encontrar associações úteis para compreender os acontecimentos do presente em seu contexto, em suas interligações, em plena consonância com os acontecimentos de ontem, tornando-se assim um fator de legitimação da autoridade jornalística (BERKOWITZ, 2011). Texto e contexto, a memória é produto. Estímulo, gancho de venda, riqueza, tesouro, a memória alterna entre figura e fundo, e – mais que nunca – é um dos elementos base na alquimia de nossa cotidianidade mediatizada.

Apresentamos como uma parte central desta tese o resultado de nossa participação na pesquisa *Jornalismo na Internet: estudo comparativo dos cibermeios Brasil-Espanha*, quando em conjunto com Marcos Palacios desenvolvemos a Ferramenta para Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011). Agregamos a este trabalho nosso percurso teórico e reflexões sobre o objeto de pesquisa, nossos procedimentos, testes e resultados, servindo também como histórico da trajetória que realizamos no curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação (PÓSCOM) da Universidade Federal da Bahia, nos últimos anos[1].

Nossa candidatura ao título de Doutor se apresenta, portanto, não apenas como o conjunto de (pré)suposições, observações, testes, análises e resultados contidos neste relatório de pesquisa, mas também como um percurso inscrito na experiência de pesquisa materializada no conjunto da produção bibliográfica do período, que incluímos neste trabalho. Acreditamos haver uma forte e necessária complementação entre este relatório e toda a produção decorrente do percurso que ora com ele se completa, ainda que provisoriamente.

Assim, este trabalho é uma síntese, mas também uma atualização de vários estágios de nosso percurso como pesquisadora, como uma tentativa de recuperação de elementos, produções e diversos documentos, desde nossa iniciação científica na graduação e o primeiro esforço mais sério de pesquisa no Mestrado (RIBAS, 2005).

É fundamental que se destaque que, tendo tal percurso se desenvolvido a partir de nossa integração ao GJOL[2] – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da Faculdade de Comunicação da UFBA, o produto que aqui se submete a julgamento remete fortemente a trabalhos de outros participantes do Grupo. Esse importante manancial bibliográfico constitui

---

[1] Com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), incluindo estágio doutoral com bolsa sanduíche, agosto/2008 e agosto/2009, na Universidade do País Vasco (UPV/EHU), com orientação dos professores Javier Díaz Noci e Koldo Meso, membros do convênio CAPES-DGU 140/07.

[2] http://www.facom.ufba.br/jol

um dos suportes e ponto de referência para muitos dos raciocínios e análises desenvolvidos no texto.

Nosso problema de pesquisa é compartilhado pelos campos da Comunicação, do Jornalismo, Cibercultura, Ciências da Informação, *Memory Studies*, Estudos Culturais, Psicologia, Antropologia, Neurociências. A lista poderia ser prolongada, abrangendo possivelmente a quase totalidade de áreas de investigação acadêmica. A localização temática da memória enquanto objeto de estudo é transdisciplinar (MORIN, 1999; NICOLESCU, 2000, ASSMANN, 2011a, 2011b[3]), tendo como fator comum, a partir dessas várias perspectivas, a atualização da problemática a partir de sua (re)definição e potencialização pelas tecnologias digitais e pela constituição de uma rede global em que a memória passou a ter um ambiente privilegiado de (re)construção.

O que potencialmente fazer com tanta informação gerada nas redes telemáticas? Um problema geral no qual situamos nosso objeto específico de estudo, a memória nos cibermeios[4]. Como abordar e descrever a memória no ciberjornalismo? Quais são seus fundamentos? Com que régua medir e avaliar seus elementos? (PALACIOS, 2008). Como classificar a memória ao analisar cibermeios? Existem indicadores de qualidade em cibermeios que se possa utilizar ao analisar produtos dessa natureza? São questões preliminares que guiaram a tese.

---

[3] *"The computer as a simulated mode of recollection offers an important background for cultural study, as does modern neurology with its new insigths into the buildup and breakdown of neuronal networks. The range of approaches alone makes it clear that memory is a phenomenon that no single discipline can call its own"*. (ASSMANN, 2011b, p.7). |Tradução nossa| "O computador como um modo simulado de recordação oferece importante referencial para os estudos culturais, assim como a neurologia moderna com suas novas percepções sobre acúmulo e colapso de redes neuronais. A gama de abordagens por si só torna claro que a memória é um fenômeno que uma única disciplina não pode reivindicar". (ASSMANN, 2011b, p.7).

[4] Dada a descrição de López García et al (2005), consideramos que cibermeio é aquele que utiliza na composição de seus conteúdos, fundamentalmente, critérios e técnicas jornalísticas, usa linguagem multimídia, é interativo e hipertextual, se atualiza e se publica na internet. Meio próprio com estruturas redacionais, narrativas e discursivas exclusivas. Ligado a um jornal ou a um congênere impresso, televisivo ou radiofônico, ou criado exclusivamente para a Web (LÓPEZ GARCÍA et al, 2005, BARBOSA et al, 2011). "Los sitios web de los medios de comunicación" (RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ et al, 2012).

A memória de que tratamos está a serviço do cotidiano e vem transformando a prática e o consumo de informações, notavelmente. Seja para celebrar ou lamentar, marcar ou contextualizar, complementar ou recriar narrativas, a memória permite estabelecer relações diretas ou indiretas entre um presente frenético – na imagem McLuhniana, sempre visto 'através do espelho retrovisor' – e um passado potencialmente recuperável. Nossa pesquisa traça um panorama de uso e articulação da memória no ciberjornalismo e identifica seu *modus operandi*; reflete sobre conceitos e descreve aplicabilidades; discute metodologia, testa e adéqua um instrumento de análise de qualidade em cibermeios; anuncia algumas conclusões sobre a relevância do tema memória para o ciberjornalismo.

Para a tarefa de analisar a memória nos cibermeios contamos com a contribuição dos pesquisadores membros do convênio Brasil-Espanha para o estudo comparativo dos produtos jornalísticos digitais destes países, uma vez que foi nesse ambiente de pesquisa que nosso trabalho pessoal esteve inserido. O convênio, identificado por CAPES-DGU 140/07, teve duas fases de funcionamento; a primeira (2007-2008), de discussões comparativas de metodologias para o estudo do ciberjornalismo, das quais resultaram dois livros já publicados[5]; a segunda (2009-2010), de análises aplicadas e mensuração da qualidade em cibermeios[6]. O ano de 2011 encerrou o convênio com produtos, resultados positivos e avanços para a área.

Utilizamos a Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011) como uma metodologia em fase de testes, empregada para ser aperfeiçoada e permitir trilhar os objetivos propostos na pesquisa. Neste processo, constatamos limites e ampliamos a discussão à crítica do instrumento em questão. Como resultados temos o

[5] Uma primeira coletânea foi publicada em Português pela EDUFBA (DÍAZ NOCI; PALACIOS, 2008), seguida de uma segunda, em Inglês e Espanhol, publicada pelo Servicio Editorial de la Universidad Del País Vasco (PALACIOS; DÍAZ NOCI, 2009). Ambas disponibilizadas gratuitamente na Internet.

[6] Manual de Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo (PALACIOS, 2011) é resultado dessa segunda fase do convênio.

aprimoramento do instrumento de análise de memória em cibermeios e a descrição de um percurso metodológico que se bifurcou em determinado momento e foi fundamental para alcançar as conclusões deste trabalho.

Em dezembro de 2007, o *I Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermeios* marcou o início do convênio com a vinda para a Faculdade de Comunicação da UFBA dos pesquisadores espanhóis[7], e dos brasileiros de vários estados[8]. Com o tema geral das metodologias da pesquisa em ciberjornalismo, em dois dias de apresentações, o colóquio serviu como ambiente para discussões conceituais e planejamento das etapas seguintes do estudo. Em abril de 2008, representantes dos dois países estiveram reunidos em Bilbao, na Espanha, para avaliar o desenvolvimento dos trabalhos até então, quando por sugestão do grupo brasileiro, se decidiu utilizar uma ferramenta de avaliação. A ferramenta havia sido criada pelo professor Lluís Codina, das Ciências da Informação, na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, para avaliar a qualidade de *websites* buscando definir o que seriam critérios objetivos.

A ferramenta (CODINA, 2003) consistia em uma ficha com aspectos principais sobre propriedades dos "hiperdocumentos" na composição de parâmetros e indicadores de qualidade[9] para avaliar *websites*.

Durante o desenvolvimento do convênio, a ficha original passou por diversas alterações, sendo aprimorada a cada aplicação, a cada reflexão, discussão, a cada produção

---

[7] O grupo de pesquisadores espanhóis já havia sido formado por ocasião de outro projeto de pesquisa *"El impacto de Internet en los medios de comunicación de España"*, financiado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia espanhol. Os membros do grupo brasileiro já mantinham relações de pesquisas anteriormente, pois em sua maioria integram ou integraram o GJOL, ou eram autores de trabalhos de referência sobre o ciberjornalismo.

8 Na FACOM/UFBA, apresentaram trabalhos, da parte brasileira, os seguintes pesquisadores: Marcos Palacios, Elias Machado, Luciana Mielniczuk, Zélia Leal, Beth Saad, Suzana Barbosa, Thais M. Jorge, Claudia Quadros, José Afonso da Silva Jr, Carla Schwingel, Tattiana Teixeira, Beatriz Ribas, Graciela Natansohn, Lia Seixas, Janalyne Barbosa, André Holanda. Da parte espanhola: Javier Díaz Noci, Ramón Salaverría, Pere Masip, María Á. Cabrera, José Larrañaga, Xosé López, Koldo Meso, Xosé Pereira, Bella Palomo, Guillermo López, Charo Sádaba.

[9] A ficha está descrita no capítulo "Hiperdocumentos: composición, estructura y evaluación" (CODINA, 2003), *Manual de Redacción Ciberperiodística* (DÍAZ NOCI; ALIAGA, 2003, pp. 141-193) e no Anexo deste trabalho.

coletiva de conhecimento em torno do que considerávamos preferencial para as pesquisas sobre o jornalismo nas redes telemáticas. Desde 2003, Lluís Codina sugeria que a lista de indicadores que compunha sua proposta poderia ser modificada em função do objeto de estudo. Resultado de mais discussões, outra lista de indicadores foi criada[10], agregando-se novas questões, suprimindo-se outras em nome da objetividade, e considerando as características específicas dos cibermeios.

A ferramenta é um instrumento de análise que permite obter um panorama comparativo do estado e da evolução do universo de estudo. De forma geral e com propósitos acadêmicos, possibilita avaliar a qualidade de conjuntos de cibermeios em função de indicadores agrupados em fichas que devem ser preenchidas por observadores. Além de atualizar as teorias do jornalismo, o esforço de pesquisa direcionou a estrutura da ferramenta original de Codina (2003) para a necessidade de empreender avaliações mais específicas sobre os aspectos que se mostravam desenvolvidos ou em desenvolvimento nos cibermeios. Com o instrumento geral, deixava-se de lado uma série de questões que diferenciavam os cibermeios de sites não jornalísticos. Grupos de trabalho foram formados por pesquisadores dos dois países colaborando com a definição dos indicadores e parâmetros para avaliação de especificidades dos produtos jornalísticos digitais e on-line. Características do meio como a hipertextualidade, a multimidialidade, a interatividade, a memória, entre outras, encabeçaram fichas específicas para identificar grupos de critérios de análise[11].

No final de 2009, o *I Congreso de Ciberperiodismo y Web 2.0*[12] foi realizado em Bilbao, reunindo pesquisadores do convênio e um público de estudantes e interessados. Os

[10] A nova ferramenta está descrita em (PALACIOS, 2011).
[11] Uma descrição mais detalhada da ferramenta está no capítulo 3.
[12] O congresso começou a ser organizado pelo professor Koldo Meso durante nosso estágio doutoral na UPV/EHU. A pedido do professor, contribuímos com a organização e administração do blog do congresso (*http://ciberpebi.wordpress.com*), fazendo pesquisas, inserindo conteúdos, traduzindo todos os textos em espanhol para o inglês, francês e português, gerenciando os comentários. Na segunda edição, em 2010, já no Brasil, contribuímos da mesma forma, realizando as novas traduções e gerenciando os comentários. Em sua terceira edição, 9 a 11 de novembro de 2011, contribuímos com as

pesquisadores apresentaram trabalhos sobre seus temas e realizaram reunião para continuar encaminhando a pesquisa conjunta. O tema do congresso "A revolução do jornalismo cidadão", desde o final de 2008 já despertava o interesse dos estudiosos e se refletia no desenvolvimento da ferramenta para avaliação de cibermeios.

De 2007 a 2011, houve o deslocamento de pesquisadores entre as universidades brasileiras e espanholas com objetivos de impulsionar as pesquisas e consolidar a rede que se formava em torno das especificidades do ciberjornalismo. Quase todos os pesquisadores do convênio, entre eles estudantes de doutorado e pós-doutorado, realizaram pelo menos uma atividade nos locais onde passaram temporadas mais curtas ou mais longas, ministraram cursos, mini cursos, participaram de aulas, bancas ou palestras para os estudantes locais interessados nas temáticas.

I. Delimitação do objeto de estudo

Os processos de incorporação da memória ao ciberjornalismo apresentam aspectos que contribuem com o desenvolvimento do jornalismo na Internet e possibilitam a compreensão de um fenômeno cada vez mais estudado entre os acadêmicos. O referencial das pesquisas brasileiras que abrangem o ciberjornalismo discute temas como a identificação e a observação das características do meio e de suas potencialidades[13]; a análise de gêneros e de sua composição no ciberespaço[14]; a identificação de formatos reconfigurados pelo meio como a TV e o Rádio[15]; o discurso[16], o comportamento e a participação dos usuários de notícias[17]; a

traduções de novos textos.

[13] (MACHADO E PALACIOS, 1996; PALACIOS, 1999, 2002, 2003; MACHADO, 2000; MIELNICZUK, 2003;).

[14] (SEIXAS, 2004, 2009; RIBAS, 2005).

[15] (NOGUEIRA, 2005; PORTO ALEGRE, 2005; LOPEZ, 2009; LOPEZ e FREIRE, 2010).

[16] (DALMONTE e FERREIRA, 2007; DALMONTE, 2008, 2009).

[17] (QUADROS, 2005b; MOHERDAUI, 2005).

dinâmica dos portais[18], das agências de notícias[19] e dos Blogs[20]; a importância dos sistemas de gestão de conteúdos e da Arquitetura da Informação para a consolidação do ciberjornalismo[21]; a dinâmica das bases de dados aplicadas às rotinas produtivas do jornalismo digital[22]; a Convergência em todos os seus sentidos; o Jornalismo de Dados; o Jornalismo Participativo, coletivo, aberto, social[23].

Especificamente, no que diz respeito à memória, encontramos alguns artigos que discutem sua conformação enquanto potencialidade[24] e sua relação com o tempo e a narrativa[25], tendo Moraes (2004b) desenvolvido com mais profundidade a questão em sua dissertação de mestrado. Outros autores tratam do tema de forma geral[26], normalmente integrante de discussões sobre a transformação da prática jornalística na Internet e suas potencialidades. Há também aqueles que se referem à memória enquanto característica de um novo meio com uma nova forma simbólica[27].

Palacios (2008) discute a necessidade de avaliação de qualidade de produtos jornalísticos disponibilizados na Web, considerando a memória como possível e importante critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo, que pode vir a diferenciar os resultados das análises desses produtos, já que permite observar características próprias do fazer jornalístico. Esta hipótese levantada por Palacios (2008) integra nosso estudo sobre a memória e será desenvolvida com mais profundidade nos capítulos seguintes.

---

[18] (BARBOSA, 2002).
[19] (SILVA JÚNIOR, 2006).
[20] (RECUERO, 2003; PALACIOS e MUNHOZ, 2007; HALL, 2007; PRUDKIN, 2010).
[21] (SCHWINGEL, 2004a, 2004b, 2005).
[22] (MACHADO, 2004a, 2004b, 2004c, 2006; LIMA JÚNIOR, 2004, 2006a, 2006b, 2007; QUADROS, 2004, 2005; BARBOSA, 2004a, 2004b, 2004c, 2005a, 2005b, 2006a, 2006b, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a, 2008b).
[23] (BRAMBILLA , 2006; HOLANDA et al, 2008a, 2008b; SAAD e MADUREIRA, 2010).
[24] (PALACIOS, 2002, 2003a, 2003b, 2005; CANAVILHAS, 2004; BARBOSA e MIELNICZUK, 2005).
[25] (PATINO, 2001; MORAES, 2004a).
[26] (MACHADO, 2000, 2001, 2006; MIELNICZUK, 2003; RIBAS, 2005; QUADROS, 2005a; SILVA JÚNIOR, 2006; BARBOSA, 2007).
[27] (MACHADO, 2004, 2006, 2010; BARBOSA, 2004, 2007, 2008).

Com a emergência das mídias sociais e das novas formas de apresentação, compartilhamento de informações na Internet, as relações entre memória, Internet e jornalismo ficaram cada vez mais visíveis, tornando-se interesses comuns de pesquisas em jornalismo[28]. *Twitter* e *Facebook* passaram a ser o meio e a mensagem, com produtores de conteúdo de todo o mundo jornalistas ou não, engajados em chamar a atenção para aquilo que consideram mais importante ou para aquilo que são pagos para ou querem colocar em evidência. Notícias são compartilhadas aos minutos por dia, em redes de pessoas que têm suas vidas conectadas por alguma razão. O jornalismo apresenta o mundo pelos links publicados em cibermeios e as pessoas comentam, colecionam e trocam informações que consideram relevantes. Relevância é um conceito que na Internet enfrenta transformações, desde que passou a ser possível a qualquer usuário conectado gerar conteúdos, publicá-los, e mais que isto, depois que passou a ser possível utilizar estratégias para otimizar o posicionamento de *websites* em sistemas de buscas (SEO)[29]. As experiências que vem sendo desenvolvidas pelo jornalismo para enriquecer conteúdos, contextualizar fatos e acontecimentos nos motiva a investigar as potencialidades da composição dos conteúdos nos cibermeios.

A razão da escolha do tema de nossa pesquisa doutoral traz também uma motivação iniciada no Mestrado concluído em dezembro de 2005, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PÓSCOM), na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. A dissertação intitulada A Narrativa Webjornalística – um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço (RIBAS, 2005) observou em especial as características da notícia, da reportagem, da entrevista e da infografia. Os diferentes gêneros jornalísticos e as possibilidades de composição narrativa na Web demonstraram as

[28] (JAVA et al, 2007; ZAGO, 2008, 2011a , 2011b, 2011c; LIMA JÚNIOR, 2009; NEWMAN, 2009; JERÓNIMO e DUARTE, 2010; FRANCISCO, 2010; PRIMO, 2011).
[29] *Search Engine Optimization* – Otimização de sistemas de busca.

transformações estruturais da apresentação de informações no meio digital. Características do meio, tais quais, hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, personalização, memória e instantaneidade, despertaram nosso interesse à medida que observávamos sua influência sobre os modelos de composição que se desenvolviam no ciberespaço.

Nesta tese, a memória é o foco de atenção sobre o ciberjornalismo. Nosso estudo busca desenvolver conhecimento sobre a memória enquanto característica potencializada por um meio eminentemente social, que agrega conteúdos publicados, compartilhados e livremente discutidos.

A memória como compreendemos neste trabalho está fundamentalmente relacionada com a articulação dos arquivos dos cibermeios enquanto bases de dados para as contínuas reescritas e recuperações que a prática demanda cada vez mais. Ela se configura como um conjunto de elementos que permite a realização de operações de indexação, recuperação e composição de informação na cobertura de acontecimentos, com base em sistemas automatizados ou semi-automatizados, em bases de dados dinâmicas. Interessa-nos destacar suas nuanças para ampliar a gama de critérios a se considerar quando da análise de suas condições de uso e funcionalidades em cibermeios.

II. Hipóteses e Objetivos

Como Hipótese principal de trabalho, apresentamos a seguinte afirmativa:

A memória é atualmente elemento indispensável à produção de conteúdos nos cibermeios, servindo como um dos parâmetros com padrões definíveis para empreender análises e estudos de qualidade em ciberjornalismo.

Como hipóteses secundárias, decorrentes da principal, definimos:

1. A prática e o consumo de relatos do cotidiano vêm sendo alterados de forma significativa, desde que o ciberjornalismo começa a se desenvolver, já permitindo identificar padrões de composição voltados para produtos jornalísticos crescentemente contextualizadores, bem como classificar seus elementos e operações.
2. À medida que a reportagem nos cibermeios aumenta a densidade informativa que enriquece os significados dela decorrentes, aumentam a inclusão de elementos de memória nas narrativas e consequentemente a qualidade do conteúdo disponibilizado ao usuário.
3. A reportagem, em suas modalidades na Internet, estabelece os contornos de uma arquitetura da memória nos cibermeios, operacionalizada pelo hipertexto, alimentada coletiva e continuamente, personalizável e ativada pela interatividade natural das redes digitais conectadas.

Considerando as hipóteses apresentadas, definimos como objetivo principal desta tese identificar e sistematizar padrões de memória no ciberjornalismo e indicar práticas fundamentais que devem ser consideradas em avaliações de qualidade em cibermeios.

Como objetivos específicos, agregamos:

1. Mapear conceitos que situam os estudos da memória e que a relacionam com o jornalismo e a Internet;
2. Identificar características dos principais cibermeios brasileiros e espanhóis, selecionados no contexto do convênio de pesquisa Brasil-Espanha CAPES-DGU 140-07;
3. Realizar levantamento e classificação de elementos de memória para observar ocorrência de padrões em cibermeios, que possam compor avaliações e diagnósticos de produtos;

4. Discutir e classificar os principais fundamentos da memória no ciberjornalismo para atualizar a Ferramenta de Avaliação de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011);
5. Avaliar criticamente um tipo de proposta de mensuração de qualidade em cibermeios e propor possíveis alternativas para desenvolvimento e aprofundamento do modelo de análise;
6. Resgatar para registrar o desenvolvimento do presente estudo à luz e integrante da pesquisa do convênio Brasil-Espanha CAPES-DGU 140-07.

III. Corpus empírico

Nosso corpus empírico é composto por cibermeios de Quarta Geração (BARBOSA, 2007a, b, 2008a,b) que foram selecionados no contexto do convênio Brasil-Espanha:

Folha de S. Paulo[30], *Diario Catarinense*[31], *Gazeta do Povo*[32], *Jornal do Commercio*[33], *Zero Hora*[34], *A Tarde*[35] e *Correio Braziliense*[36], do Brasil, e da Espanha: *Sur*[37], *El Correo*[38], *Diario de Navarra*[39], *La Vanguardia*[40], *El Correo Gallego*[41], *Las Provincias*[42] e *El Mundo*[43]. Os cibermeios foram escolhidos conjuntamente por sua importância no panorama da produção ciberjornalística dos dois países e pela proximidade geográfica dos pesquisadores integrantes do convênio, no Brasil e na Espanha, pois algumas fichas incluíam observações sistemáticas,

[30] http://www.folha.uol.com.br
[31] http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc
[32] http://www.gazetadopovo.com.br
[33] http://jconline.ne10.uol.com.br
[34] http://zerohora.clicrbs.com.br/rs
[35] http://atarde.uol.com.br
[36] http://correiobraziliense.com.br
[37] http://www.diariosur.es
[38] http://www.elcorreo.com
[39] http://www.diariodenavarra.es
[40] http://www.lavanguardia.com
[41] http://www.elcorreogallego.es
[42] http://www.lasprovincias.es
[43] http://www.elmundo.es

aplicação de questionários e entrevistas presenciais (PALACIOS, 2011). O corpus empírico foi analisado diversas vezes ao longo de cinco etapas:

1. Revisão bibliográfica. Primeira fase de qualquer estudo, a revisão bibliográfica serviu de amparo para os primeiros questionamentos em relação ao lugar da memória nos cibermeios. Ao passo que avançávamos as leituras, realizávamos conexões entre conceitos de memória e seus elementos materializados na prática do ciberjornalismo. O corpus empírico foi definido com base na pesquisa do convênio, após uma primeira aplicação da ferramenta geral de análise de cibermeios no jornal *Público*[44]. Antes disso, definimos um corpus provisório de 10 cibermeios (*El Mundo, El País, El Correo Digital, Estadão, Folha de S. Paulo, A Tarde, O Globo, The Guardian, The NY Times, Público*) em que realizamos observações que permitiram refletir sobre a prática, compor e testar a ferramenta de análise e anotar resultados. Avaliamos os dados coletados e discutimos questões que pareciam, à época, obscuras em relação ao tipo de resultados que obtínhamos a partir do uso do instrumento. Apareciam limites que impunham de nossa parte um esforço para compreender até que ponto a proposta inicial condizia com a realidade de experimentações e mudanças contínuas por que passavam os produtos. Durante este processo, fixou-se em 14 cibermeios o corpus empírico da pesquisa do convênio, os quais decidimos utilizar em nossa tese também como universo de análise, pois mesmo que nossa ficha de observação não demandasse entrevistas presenciais, considerávamos que a aplicação conjunta e sistematizada poderia trazer novas perspectivas sobre um universo de estudo comum a todos os pesquisadores.

2. Identificação de características e tendências. Buscou-se identificar padrões entre os elementos que compunham a memória nas coberturas jornalísticas. O objetivo era observar reportagens, arquivos, além das primeiras páginas dos cibermeios. Baseados nestas três unidades de análise, realizamos um levantamento dos elementos presentes em operações de

[44] http://www.publico.pt

memória que representassem a identidade desse conjunto de processos no ciberjornalismo. Elementos que responsáveis pelo funcionamento orgânico da memória, servindo para ordenar, filtrar e agregar valor aos produtos com a articulação da memória social coletiva gerada, armazenada, reutilizada e circulada na Internet.

3. Discussão privilegiada e interlocução. O percurso de pesquisa foi construído no âmbito de um convênio internacional e de interlocução com especialistas da área. Nossa participação no GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, desde o ano 2000, merece destaque em nosso estudo, pois se trata de um grupo que valoriza o intercâmbio entre os pesquisadores e as metodologias. Os diálogos e as trocas possibilitados pelos encontros onde os temas eram debatidos e as ideias agregadas continuamente ao trabalho conjunto, tiveram papel decisivo na direção que tomou nossa pesquisa.

4. Sondagem. Para chegar aos métodos descritos neste trabalho, empreendemos navegações para identificar elementos-chave para nossas análises. Até escolhermos os mais adequados, consideramos e testamos alguns outros que, mesmo não constando neste volume, foram importantes para alcançarmos os resultados finais. Nesta etapa, identificamos algumas tendências e montamos cenários provisórios para a elaboração das categorias de análise.

5. Pesquisa empírica. Observamos 10 cibermeios escolhidos, sabendo que eram provisórios. Passamos à segunda fase de navegação, buscando comparar representações de memória em 14 cibermeios definidos para compor o corpus da pesquisa do convênio. Tabulamos os dados e analisamos as informações. Essa etapa permitiu a visualização de um panorama do ciberjornalismo atual[45] e a identificação de características específicas de memória nos cibermeios. Esse período de constatações foi paralelo à aplicação da ferramenta de análise do

[45] No período em que durou a pesquisa, de 2008 a 2012.

convênio nos 14 cibermeios[46], contribuindo com o aprimoramento do instrumento construído no âmbito da pesquisa colaborativa entre as produções dos países que compõem o cenário deste estudo.

Acreditamos ter levado a primeira versão do instrumento de análise (PALACIOS e RIBAS, 2011) a seus alcances máximos de operacionalidade. Identificamos seus limites e indicamos alternativas que podem completar, aprimorar a ferramenta de análise de qualidade, especialmente no que se refere às dimensões da memória e dos elementos que aproveitam em maiores níveis as potencialidades do meio na composição de produtos ciberjornalísticos.

IV. Metodologia

Como modelo conceitual e operativo, adotamos o método do estudo de caso – considerado como o mais apropriado para a investigação de fenômenos contemporâneos dentro do seu contexto real, conforme Robert Yin (2005): "O estudo de caso é uma inquirição empírica, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto evidente, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas".

> A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2005:33).

Além disso, o estudo de caso está entre os mais usados na pesquisa em comunicação (LOPES, 2001:150), sendo o mais adequado para pesquisas exploratórias e útil para a geração

[46] A aplicação da ferramenta pelos grupos de trabalho espanhóis e brasileiros do convênio se deu em duas etapas: a primeira de aplicação de uma ferramenta geral por todos em um cibermeio (*Público*); a segunda em que a aplicação nos 14 cibermeios se deu no período de 15 a 30 de junho/2010.

de hipóteses. O estudo de caso é uma estratégia adequada para os propósitos desta pesquisa por se tratar de um método para a análise de problemas práticos, situações ou acontecimentos que surgem na contemporaneidade, como é o fato da supressão do tempo e da flexibilização do espaço que acaba por reconfigurar a produção de informações no jornalismo. Deste modo, a escolha de tal delineamento, proporciona um conhecimento amplo e detalhado sobre a memória nos cibermeios, pois permite investigar os procedimentos (através de observação de produtos), suas causas (através de discussões conceituais) e consequências (resultados de relações e análises).

Considerando ainda as proposições de Yin (2005:34), o autor destaca cinco aplicações diferentes dos estudos de caso:

1. **Explicar** os supostos vínculos causais em intervenções da vida real que são complexos demais para as estratégias experimentais ou aquelas utilizadas em levantamentos;
2. **Descrever** uma intervenção e o contexto na vida real em que ela ocorre;
3. **Ilustrar** certos tópicos dentro de uma avaliação, outra vez de modo descritivo;
4. **Explorar** aquelas situações nas quais a intervenção que está sendo avaliada não apresenta um conjunto simples e claro de resultados;
5. **Meta-avaliar**, sendo um estudo de um estudo.

Nosso universo de pesquisa, composto por alguns dos principais cibermeios brasileiros e espanhóis, permite **explicar** como funciona a memória como arquivo e na composição de reportagens e de primeiras páginas, e como ela pode se tornar elemento para aferição de qualidade no ciberjornalismo; **descrever** procedimentos para a adaptação da ferramenta de

análise para mensurar a memória em cibermeios; **ilustrar** com exemplos pontuais características, padrões e tendências da prática que se estabelece; e **explorar** os diferentes modelos de memória, com o intuito de ampliar a discussão sobre a aferição de qualidade no ciberjornalismo.

Na fase empírica inicial, o propósito era explorar a ferramenta e perceber com o uso, se as questões propostas estavam de acordo com a realidade analisada. Conforme avançávamos a observação dos cibermeios, percebíamos a necessidade de adaptar algumas das questões da ficha de observação. Questões adequadas, partimos para a proposição de uma segunda versão da ferramenta de memória. Foi necessário um incremento à quantidade de amostras com as quais lidávamos para verificar aspectos e tabelar elementos.

A primeira amostra da pesquisa constou de 10 produtos escolhidos aleatoriamente entre aqueles que a bibliografia levantada até o momento indicava como de ponta ou destacava características e experiências relevantes enquanto cibermeios: *El Mundo, El País, El Correo Digital, Estadão, Folha de S. Paulo, A Tarde, O Globo, The Guardian, The NY Times, O Público*[47]. A exploração foi aleatória, a princípio, e em seguida sistematizada pela aplicação da primeira versão da ferramenta de memória. Deparamo-nos com limitações impostas pelo instrumento de análise, em sua versão inicial. Com as reflexões mais avançadas sobre a memória produzida pelos cibermeios, sentimos a necessidade de ir além dos itens determinados originalmente para análise. Ampliamos a amostragem, e assumimos os 14 cibermeios da pesquisa conjunta como corpus empírico, alargando a amplitude dos elementos observados em cada produto.

Fizemos análises comparativas entre edições do Brasil e da Espanha, em seis diferentes momentos (semanas), recolhendo amostras num período de quatro anos (2009,

[47] Público entrou na amostragem por te sido usado como universo de análise no teste piloto conjunto realizado pelos grupos de trabalho do Convênio.

2010, 2011 e 2012). No tempo que durou a pesquisa, pudemos observar a mudança de posição dos campos de busca nas primeiras páginas, o aumento da oferta de edições anteriores do impresso e sua separação (enquanto serviço diferenciado) das edições Web. Houve o aprimoramento dos arquivos e de seus sistemas de recuperação de informações, que agregaram como parâmetros "as mais acessadas, as mais vistas, as mais lidas", "as mais comentadas", "imagens do dia", influenciados pela onda do coletivo que se ampliou no ciberespaço.

A memória passou a ter mais destaque a cada incrementação de sua oferta na primeira página, a partir do aumento do número de links, formatos e narrativas possibilitado pelas contínuas experimentações e atualizações de conceitos, formas e conteúdos.

Entre o material que tínhamos armazenado desde que começamos a observar os cibermeios, sistematizamos seis semanas de *prints* recolhidos e páginas analisadas: 08-14/Nov/2009; 21-27/fev/2010; 20-26/jun/2010; 08-14/mai/2011; 09-15/set/2011; 04-10/mar/2012. A pesquisa pode ser resumida no cronograma a seguir:

1ª etapa	De 2007 a 2008.2 (antes da qualificação)
	- Pesquisa bibliográfica; - Observações provisórias e aleatórias de cibermeios; - Reflexões sobre conceitos e possibilidades de abordagem em relação ao tema.
2ª etapa	De 2008.2 a 2010 (após a qualificação, incluindo o período de estágio doutoral na UPV/EHU, entre agostos de 2008 e 2009).
	- Pesquisa bibliográfica; . Aplicação conjunta: Público (Portugal); - Tabulação dos dados; - Produção bibliográfica; - Aplicação em 10 cibermeios escolhidos aleatoriamente;

	- Adequação da ferramenta de memória.
3ª etapa	2011 a 2012
	- Pesquisa e produção bibliográfica; - Aplicação da ferramenta de análise de memória em 14 cibermeios, corpus empírico; - Tabulação e depuração dos dados; - Análise de resultados; - Finalização da escrita para a defesa.

Tabela 1 – Cronograma geral da pesquisa.

O levantamento dos critérios de avaliação utilizados para atualizar a Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011) se deu a partir da observação de três unidades de análise, quais sejam, a primeira página do cibermeio, a primeira página de seu arquivo, e reportagens. Reunimos mais de 2.000 registros em *printscreens* coletados durante o período da pesquisa, escolhíamos horários pela manhã e noite durante a semana selecionada para a coleta, começando na segunda-feira e terminando no domingo. A seleção de reportagens era aleatória, seguindo o critério das que mais se destacassem na primeira página.

A dificuldade inicial foi a de compilar os dados, organizar de forma visível a sequência temporal de páginas coletadas e anotações sobre elementos de todos os tipos. Nossa preocupação era marcar momentos em que as observações fossem sistemáticas e periódicas para extrair padrões e indicadores. Esta é a razão dos seis períodos escolhidos, pois foram aqueles em que nos concentramos em registrar, observar e anotar as transformações pelas quais iam passando os cibermeios todos os dias, durante uma semana. Nosso estudo está baseado em seis semanas de dados coletados, sistematizados e classificados, além das observações e avaliações que fizeram parte do processo de associação dos conceitos, categorias de análise e desenvolvimento da ideia central da tese: a memória serve como

indicador de parâmetros para análises de qualidade em cibermeios e permite diagnosticar, mesmo que provisoriamente, momentos de articulação de conteúdos em produtos dessa natureza.

V. Estrutura da tese

A tese se divide em Introdução, três capítulos, Conclusões, Referências Bibliográficas, Apêndices e Anexo. A Introdução apresentou até agora o contexto e o percurso da pesquisa, aspectos de sua relevância, a delimitação do universo do estudo e as etapas e condições de sua realização. Qual o lugar da memória no ciberjornalismo? Qual seu potencial? Como avaliar seus usos e, principalmente, como definir seus elementos? Como estudar um tema com tantas ramificações e possibilidades de diálogo em diversos campos do conhecimento? Esta é uma proposta de recorte e de estudo da memória no ciberjornalismo com seus respectivos resultados e reflexões sobre os percursos que levaram às conclusões.

Delimitamos indicadores que demonstram os níveis de exploração pelos cibermeios de padrões do que se tornou indispensável ao jornalismo praticado no suporte digital e on-line; indicadores que mostram o valor agregado, a inovação que repercute em qualquer diagnóstico que se possa querer fazer sobre a qualidade da prática e dos produtos desenvolvidos neste contexto. Identificamos critérios e explicamos porque atualizar a ferramenta de memória para propor possíveis alternativas de desenvolvimento e aprofundamento desse tipo de análise.

No Capítulo 1, *Jornalismo e Memória na Internet*, situamos a pesquisa sobre ciberjornalismo e memória nos campos da Comunicação, do Jornalismo e dos *Memory Studies*. Destes últimos, pela aproximação que o tema da memória suscita. O campo dos estudos da memória examina mudanças sociais, culturais, cognitivas, políticas e tecnológicas

que afetam como, o que e por que, os indivíduos, grupos e sociedades, lembram e esquecem. A mídia está no centro desse processo complexo, multidimensional, que envolve o saber lidar com novas habilidades, novos hábitos da sociedade e novos produtos.

Discutimos os usos sociais da memória, visto que seu desenvolvimento está intimamente relacionado com as interações entre pessoas e conteúdos gerados pela mídia. Abordamos o jornalismo enquanto Agente de Memória (ZELIZER, 2010) e citamos o caso das memórias secretas publicadas na Internet (*Wikileaks*), que desde 2006 vem integrando os noticiários internacionais como um caso controverso e que coloca em xeque alguns antigos procedimentos (CASTELLS, 2010; MACHADO E. E., 2010; SAAD, 2011). A memória, como os humanos até então tinham conseguido experimentar, mudou de cenário e de forma depois que a Internet foi criada. Os avanços tecnológicos se tornaram mais acessíveis e a Web revolucionou a maneira através da qual nos relacionamos com os conteúdos jornalísticos ou de entretenimento ou pessoais ou comerciais ou ancestrais, todos publicáveis e compartilháveis. O ciberjornalismo vem absorvendo e sendo absorvido pela nova cultura digital e on-line que coloca a memória no centro da discussão sobre um passado mais acessível e materializado em páginas que despertam o interesse e a atenção de toda a sociedade.

O Capítulo 2, *Fundamentos da Memória no Ciberjornalismo*, apresenta as principais características e elementos dos cibermeios, produtos jornalísticos digitais e on-line, ou como melhor define Rodríguez-Martinez *et al* (2012), sites dos meios de comunicação. Explica diferenças entre os documentos tradicionais, pré-digitais, e os documentos digitais contemporâneos, que flutuam em "nuvens" de infinitos dados e podem ser acessados por múltiplas plataformas e dispositivos. Ressalta e analisa a relação entre a memória e a multimidialidade, ambas características dos produtos em questão, que transformam

significativamente a composição da narrativa ciberjornalística. Outros gêneros jornalísticos (MACHADO E. I., 2001; SEIXAS, 2009) e digitais (MACHADO E. I., 2001; SHEPHERD e WALTERS, 1999) presentes em cibermeios, como a infografia multimídia, as notícias de última hora, os blogs jornalísticos, os chats, fóruns de discussão etc, também relacionam elementos de memória em suas composições, pois se tornou questão de qualidade a articulação de referências aos fatos e acontecimentos anteriores que possam ajudar a estabelecer relações entre o passado para compreender melhor o presente.

O capítulo 3, *Análise de Qualidade em Cibermeios*, resgata a discussão sobre a necessidade de se mensurar níveis de utilização de elementos e avaliar desenvolvimento de processos e operações nos cibermeios com base em classificações qualitativas (PALACIOS, 2008, 2011). Comprovada a função da memória enquanto conjunto de elementos capaz de atender as demandas informativas de usuários conectados à Internet e de aumentar a qualidade das produções ciberjornalísticas, a pesquisa permitiu realizar uma classificação de padrões em modelos de memória em cibermeios que indica níveis de qualidade por análise comparativa entre 14 cibermeios do Brasil e da Espanha. Foram identificados e classificados elementos de Filtragem (arquivo), Contexto (narrativa) e Disponibilidade (buscas) na tentativa de organizar métricas para compor análises em cibermeios, considerando sua natureza e a do meio que habitam.

A tese apresenta como *Conclusões* os resultados da aplicação da proposta da ferramenta de memória (PALACIOS e RIBAS, 2011), considerando uma classificação de elementos fundamentais. Os cibermeios mais destacados são aqueles que possuem mais aspectos e elementos de memória desenvolvidos. Testando a ferramenta de memória como matriz para avaliar um dos aspectos da qualidade dos cibermeios, adequando-a e identificando um cenário composto por novos parâmetros, reitera-se a discussão sobre a atualização e

ampliação das metodologias de pesquisa em ciberjornalismo a uma realidade de inovações tecnológicas constantes, com informação em fluxo ininterrupto, usuários conectados por mais tempo, dada a mobilidade possibilitada pelos diversos dispositivos, mais exigentes e habilitados (ou não) a produzir conteúdos, e a arrebatadora velocidade de disseminação de informações de todos os tipos (PALACIOS, 2002, 2003, 2008, 2009, 20011; DÍAZ NOCI e PALACIOS, 2008; DÍAZ NOCI, 2011).

O que potencialmente fazer com tanta informação? Como avaliar o que está sendo produzido em ciberjornalismo em termos de cibermeios? Propomos uma metodologia de análise do ciberjornalismo à luz da operacionalização de seus arquivos, seja para a produção, seja como apoio ao consumo da informação produzida, seja como elemento de modelos de negócios viabilizadores das atividades das empresas de comunicação. Ressalte-se que apesar de trabalharmos concomitantemente com todos esses aspectos do circuito jornalístico, a análise recai mais demorada e aprofundadamente sobre o âmbito da produção.

Nos três capítulos que seguem, apresentamos o processo de desenvolvimento da pesquisa, as análises e os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1
JORNALISMO E MEMÓRIA NA INTERNET

É na sociedade que as pessoas normalmente adquirem suas memórias. É também na sociedade que elas recordam, reconhecem e localizam suas memórias.

Maurice Halbwachs

O processo de desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação impactaram as práticas de memória, nos níveis individual e coletivo, em uma sociedade cada vez mais conectada e influenciada pelas redes telemáticas (PALACIOS, 2003, 2008, 2011; READING, 2011; DÍAZ NOCI, 2011). O jornalismo é testemunha das transformações por que passam os arquivos, objetos de novas intervenções e práticas sociais originadas com a Internet (MACHADO E. E., 2000, 2001; ASSMANN, 2011; PINCHEVSKI, 2011; DÍAZ NOCI, 2011). O jornalismo praticado na Internet herda os procedimentos adotados em meios que antecedem a existência do ciberespaço conectado em redes móveis e os recompõe. A elasticidade do tempo combinada à infinitude do espaço proporcionaram ao jornalismo oportunidades de se reinventar ao registrar os acontecimentos, traduzir o cotidiano dos grupos sociais e ampliar o referencial simbólico e imagético da sociedade.

O passado oferece pontos de comparação, oportunidades para analogias, convites à nostalgia, reendereçamentos de eventos anteriores (ZELIZER, 2010). Os fatos históricos acontecem em ciclos repetitivos (MATTOS, 1991), o que se aprimora a cada novo produto da "indústria da memória" (OLICK *et al*, 2011), que gera documentários, museus, gravações audiovisuais de testemunhos com registros em várias localidades do globo terrestre, monumentos, memoriais, coleções de documentos comemorativos, etc. Os autores atribuem

ao processo de mercantilização da nostalgia, à popularização da história e ao crescente interesse de exposição das memórias individual e coletiva, as transformações das "condições de memória" na sociedade atual. As mudanças das estruturas sociais também alteraram o *status* da memória (OLICK *et al*, 2011), que compartilhada pode se tornar marca de diferenciação social, como já antevia Maurice Halbwachs (2006). Explorar o universo da memória e estabelecer conexões entre alguns conceitos alargou a reflexão sobre os produtos apurados, produzidos, editados, disponibilizados e repercutidos em rede, que podem deixar rastros sociais conserváveis, colecionáveis, acessíveis, compartilháveis.

Apresentamos neste trabalho referências que consideram a importância dos meios tecnológicos na reformulação do significado de lembrar e esquecer: o que lembrar e o que esquecer? Como lembrar? E se podemos agora lembrar o tempo todo, como esquecer, quando multiplicar é capacidade potencial dos produtos digitais e on-line? O potencial viral dos conteúdos publicados na Internet amplia as possibilidades de alcance das mensagens, podendo atuar como propagador de comportamentos sociais (JENKINGS, 2009; PENENBERG, 2010). O virtual não é faz de conta, não é diferente do "mundo real" (LÉVY, 1996), não deve ser ensinado em separado e não é território apenas para iniciados. Uma diversidade de vozes fala ao mesmo tempo no ciberespaço, que é lugar de opiniões, sobretudo. Protestos, reclamações, abaixo-assinados, petições, financiamentos coletivos[48], bandeiras levantadas por um mundo melhor, mais feliz, menos corrupto, que protege a natureza, ajuda os desfavorecidos, que é justo desde o ponto de vista daqueles que criam os espaços para as causas e vão angariando partidários que passam a propagar as mensagens entre seus seguidores, fãs, amigos e inimigos, parentes, seus chefes e colegas de trabalho. Tudo isto a Internet ampliou. E também o poder dos difamadores, daqueles que objetivam atacar a honra de outros, daqueles que

[48] *Crowdfunding*

querem ganhar dinheiro à custa de outros, daqueles que sabem usar e usam a tecnologia a despeito das leis e prejudicam os sistemas, as pessoas e a natureza.

Os conteúdos que emergem da publicação em massa carregam as deficiências sociais, as deficiências educacionais, domésticas, pessoais, das quais não nos dávamos conta entre nossos amigos e conhecidos acessíveis através das mídias sociais, ou não tínhamos em conta, pela ignorância desconectada em que vivíamos. Hoje, podemos obter informações dos mais variados tipos sobre as pessoas através da Internet, desconhecidas ou famosas. As celebridades, personalidades, intelectuais, pesquisadores, donas de casa, universitários, homens de negócios, políticos, estudantes, a Igreja, o Estado e o Cidadão estão publicando informações pessoais e opiniões na Internet. Pronunciam-se oficialmente através da Internet, antes de outros meios de comunicação, cada vez mais. O jornalismo usa o *Youtube*, o *Twitter* e o *Facebook* como fontes principais e como meios de divulgação, promoção ou complementação de seus conteúdos.

Tratamos da problemática geral do armazenamento e reaproveitamento de informações jornalísticas em redes de computadores e dispositivos móveis, de novos gêneros da interatividade, onde o computador é, antes de tudo um operador de potencialização da informação (LÉVY, 1996).

A memória está entre as peças formadoras dos objetos culturais e sociais de nossos tempos e dos de nossos ancestrais. Analisamos a prática de armazenar, preservar e reconstruir versões de passados comuns através das narrativas do presente, observadas em cibermeios brasileiros e espanhóis. Indicamos padrões e tendências em processos de composição, indexação e recuperação de informações jornalísticas. A memória nos cibermeios passou pela inovação de apenas disponibilizar edições anteriores e agora atravessa fronteiras entrincheiradas do ter que oferecer ferramentas para que o usuário possa decidir o que é para

ele relevante entre o que é selecionado como relevante para a sociedade. O cuidado com essa memória global oferece oportunidade ao jornalismo de figurar entre as principais fontes de conteúdos na Internet, mesmo com tanta oferta, mesmo com a proliferação contínua de polos de emissão (LEMOS, 2005a).

Os arquivos dos cibermeios também foram analisados nesta pesquisa. Serviço facilitador de buscas, resultando em respostas relevantes relacionadas e direcionadas às necessidades do usuário, cada vez mais conhecido, monitorado, observado. Em um momento em que o termo memória se amplia ao englobar diversos significados e conteúdos no ciberespaço, analisamos as relações entre memória e ciberjornalismo em tempos de redes sociais, e mais que isto, buscamos formas de identificar, classificar e avaliar as produções derivadas dessas relações.

Exploramos referências que situam em nossa pesquisa a memória em relação ao meio e à mensagem. Tal qual enfatizou Marshall McLuhan, há consequências pessoais e sociais da utilização de qualquer meio de comunicação como extensões do homem (MCLUHAN, 1969). Abordamos a memória nos cibermeios enquanto extensão de interações sociais, abordamos questões sobre trilhas diárias de lembranças e lacunas de esquecimentos construídos pelo jornalismo em nossas vidas. O meio é a memória (ERLL, 2011; PINCHEVSKI, 2011).

1.1 Estudos de Mídia e Memória

No sentido geral, biológico, memória se refere aos processos mentais de acúmulo de informações no cérebro (ideias, imagens, dados em seus mais variados formatos) daquilo que por quaisquer dos inúmeros motivos venha a merecer algum destaque entre os demais registros de acontecimentos passados.

Grandes metáforas dos processos informáticos são os processos biológicos. O funcionamento da memória nas redes telemáticas assemelha-se aos processos biológicos que envolvem duas operações replicáveis do cérebro, lembrar e esquecer. Mais que isto, possibilitam recriar modos para lembrar e para esquecer. Na Filosofia, Paulo Ricoeur (2007) define memória como capacidade de remetimento ou se fazer remeter ao passado por determinados dados que estão "arquivados", de certa forma, na mente humana.

No sentindo específico de nosso trabalho, memória se refere aos processos digitais e on-line, através da Internet, de acúmulo, seleção, filtragem e reprodução de informações e dados compilados e/ou produzidos pelos cibermeios.

No ciberjornalismo, começa-se a analisar a memória a partir da observação de que os jornais poderiam disponibilizar arquivos para consulta on-line (PALACIOS *et al*, 2002a, 2002b). Em 10 anos, houve o avanço das experiências de desenvolvimento de produtos próprios, que aproveitam as especificidades e características potencializadoras do meio para produzir conteúdos que cativem o usuário, não só conseguindo seus cliques, como conseguindo que ele permaneça em uma página por mais tempo. As preocupações com o estudo da memória no ciberjornalismo tiveram alargadas as possibilidades de estabelecer parâmetros de análises de elementos para compor avaliações sobre os conteúdos disponibilizados pelos cibermeios. Agora, é possível constatar novas dinâmicas para os cibermeios na utilização de elementos de memória e nos arquivos, na narrativa e na primeira página. A memória está se ramificando desde o centro do cibermeio, até suas extremidades.

Os estudos de memória, *Memory Studies*, envolvem disciplinas como a sociologia, historiografia, psicologia, antropologia, comunicação, testemunhas da vasta utilização do termo "memória coletiva", nos últimos trinta anos (OLICK *et al*, 2011), processo ao qual se

atribui o *memory boom*, citado por autores que tratam das transformações sociais derivadas do aprimoramento das tecnologias da informação.

É na conceituada obra de Maurice Halbwachs, *Memória Coletiva* (1968 – Ed. 2006), que encontramos um dos fios condutores para reflexões sobre memória e ciberjornalismo, o das memórias coletivas pautadas na continuidade, apoiadas no passado vivido que permite a construção de narrativas sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que o passado apreendido pela história escrita (HALBWACHS, 2006). Diferente da memória, a história de uma nação pode ser a síntese de fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, mas afastada das percepções de cada indivíduo.

> O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, um tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetados da mesma maneira" (HALBWACHS, 2006:89-90).

A memória em Halbwachs está ligada à tradição. É quando acaba a tradição, quando se apaga ou se decompõe a memória social, que a história começa. A história se opõe à memória no sentido em que a primeira é uma coleção de fatos marcantes e, a segunda, de percepções e lembranças individuais que se tornam coletivas quando postas em conjunto. A memória individual existe a partir da memória coletiva, pois as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de nossos pensamentos, ideias e reflexões é o grupo ao qual pertencemos e nos identificamos. Cada memória individual é um ponto de vista sobre as memórias coletivas (HALBWACHS, 2006).

A dimensão social da memória é uma preocupação dos estudos da memória, ainda antes de Halbwachs (ERLL, 2011; OLICK *et al*, 2011). Segundo os autores, Halbwachs não

foi o primeiro a usar o termo memória coletiva, ou cognatos, como memória pública, memória racial, e mesmo antes dele, o termo memória coletiva já havia sido usado (VAN DOREN, 1967 apud OLICK *et al*, 2011). Halbwachs refinou argumentos em diálogos com intelectuais e estudiosos do tema da memória sob várias perspectivas, entre os anos 20 e 30, como o psiquiatra Charles Blondel e os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre (OLICK, 2011).

Os estudos da memória cultural, *cultural memory studies*, podem ser compreendidos como campo que destaca uma questão central sobre o meio de armazenamento, comunicação, disseminação e interpretação da memória cultural: as rupturas mais significativas na história das lembranças mediadas parecem ser, segundo Aleida Assmann (2011a) as transições da oralidade para a escrita, da escrita para a página impressa, e da imprensa para a era digital (ASSMANN, 2011a). Para a autora, a forma e a qualidade da memória cultural são determinadas por interesses políticos e sociais, bem como pelas mudanças nos meios técnicos.

> Whatever memory is thus constructed is always profiled by the edges of forgetfulness. Focused, concentrated memory inevitably includes active forgetfulness – a situation perfectly captured by Francis Bacon: "When you carry the light into one corner, you darken the rest". (ASSMANN, 2011:396)[49].

Para a pesquisadora, esse espaço inabitado de memória não se encaixa no conceito histórico de tempo que enfatiza a separação do passado e do futuro. Ao lado dessa visão histórica do tempo, que para Assmann (2011a) é resultado da suposição de que com a chegada da era moderna, passado e futuro se tornaram cada vez mais separados um do outro, sempre houve e haverá continuidade para a memória onde expectativas de futuro não se separam de imagens do passado, e de fato são sustentadas pelas memórias individuais e de grupos no presente (ASSMANN, 2011a).

[49] Qualquer que seja a memória construída é sempre perfilada pelas bordas do esquecimento. Memória focada, concentrada, inevitavelmente inclui o esquecimento ativo - uma situação perfeitamente capturada por Francis Bacon: "Quando você ilumina um canto, você escurecer o resto". (ASSMANN, 2011:396).

O conceito de meios de memória se aplica a todos aqueles artefatos que possam transmitir algo do ou sobre o passado (ERLL, 2011). Objetos do cotidiano, elementos do mundo natural podem se tornar meios de memória. As mídias sociais são espaços de armazenamento e troca de dados, pioneiras por suas capacidades de integrar as atenções, propagar ideias e ideais, opiniões e comportamentos, tornaram-se emblemáticas de novas práticas sociais, cada vez mais utilizadas entre pessoas do mundo todo. Segundo dados atuais, no Brasil, somos 56,6 milhões de pessoas utilizando ativamente o *Facebook*, o que representa 28,15% da população brasileira. Nos Estados Unidos, são 163,6 milhões de pessoas (52,75% da população). No planeta, já somos 955 milhões de pessoas conectadas à rede social de Zuckerberg, o que até os primeiros meses de 2013 chegará à marca histórica de 1 bilhão de usuários interligados em todo o mundo[50].

1.2 O Jornalismo como Agente de Memória

O ciberespaço é social e abriga representações de grupos sobre si mesmos, estruturadas em bases de dados. Registros coletivos são produzidos, armazenados, organizados, disponibilizados e recuperados por sistemas construídos em bases de dados. O jornalismo é a prática através da qual a sociedade se vê representada, é "memória em ato, enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado, constantemente recuperado" (PALACIOS, 2010a).

Nosso percurso também compreende o Jornalismo como importante *Lugar de Memória*[51] (NORA, 1997), portador de uma realidade construída a partir dos acontecimentos,

[50]Atualização em 04/10/2012 - *Facebook lança comercial para comemorar 1 bilhão de usuários* - http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/facebook-lanca-comercial-para-comemorar-1-bilhao-de-usuarios para VARGAS, Diego e DUARTE, Danilo (10/09/2012). *Facebook perto de atingir 1 bilhão de usuários em todo o mundo.*http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Economia&newsID=a3881427.xml

[51] "Se a expressão lugar de memória pudesse ter uma definição oficial, ela seria: um lugar de memória é qualquer entidade significante, material ou não material em sua natureza, que por força da vontade humana ou pelo trabalho do tempo tenha se tornado um elemento simbólico da herança memorial de dada comunidade" - |Tradução nossa|: *"If the expression lieu de memoire must have an official definition, it should be this: a lieu de memoire is any significant entity, whether material or nonmaterial in nature, which by dint of human wiil or the work of time has become a symbolic element of the memorial*

apresentada como verídica e imparcial, espaço destacado no arquivamento e na produção da memória contemporânea (RIBEIRO, 1995; BARBOSA, 1996; ENNE, 2004). Através do jornalismo se registram testemunhos e padrões de comportamento que podem caracterizar épocas e momentos distintos da história. Os jornalistas são *Agentes de Memória* pouco reconhecidos por eles próprios e pelos estudiosos da memória.

> The relevance of journalists' work to understanding the past, however, is not necessarily admitted by journalists, who neither explicity speak of the past nor consider the past as part of their obvious purview. A purveyors of the present, they tend insted to display both obliviousness and disregard for what is in effect their unstated role as agents of memory (ZELIZER, 2008:80)[52].

Como explica a pesquisadora em seu artigo *"Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory"* (2008), a forma jornalística de apresentar o passado oferece pontos de comparação, oportunidades de realizar analogias, convite à nostalgia e nova roupagem a eventos anteriores. A inclusão do passado em suas narrativas apresenta de forma mais clara a centralidade que o passado possui na produção de sentido do presente. Desta maneira, os jornalistas se tornaram importantes *Agentes de Memória* (ZELIZER, 2008:85).

> Journalism's treatment of the present often includes a treatment of the past (…) journalism's treatment of the past tends to be as variable, malleable and dynamic as other kinds of memory work. Journalism and journalists are an unobvious but fertile site of memory, and their status as memory agents needs to be better understood (ZELIZER, 2008:81)[53].

Utilizando o passado para explicar eventos correntes, os jornalistas sustentam e materializam os fatos na verdade e na realidade, combinando conteúdo de formas

---

heritage of any community" (NORA, 1997:17).

[52] |Tradução nossa|: "A relevância do trabalho dos jornalistas para a compreensão do passado, no entanto, não é necessariamente admitido por eles próprios, que não falam explicitamente do passado, nem consideram o passado como parte óbvia de sua competência. Provedores do presente, eles tendem a exibir o esquecimento e desprezar seu papel não declarado como agentes de memória". (ZELIZER, 2008:80).

[53] |Tradução nossa|: "O tratamento jornalismo do presente inclui frequentemente um tratamento do passado (...) o tratamento do jornalismo do passado tende a ser tão variável, maleável e dinâmico como outros tipos de trabalhos de memória. Jornalismo e jornalistas são lugar de memória não óbvio, mas fértil, e seu status como agentes de memória precisa ser melhor compreendido". (ZELIZER, 2008:81).

convencionalizadas e organizadas sobre o que é mais importante e interessante em seu tempo (ZELIZER, 2008). Num processo paralelo, mas nem por isso desconectado do restante, os usuários também contribuem com a formação do conhecimento, através da interação com os conteúdos.

O cenário atual da comunicação inclui preponderantemente a Internet como meio de movimentação, diálogo, construção coletiva do conhecimento. Com a Web 2.0, os usuários se acostumaram a utilizar sistemas de buscas, ler e participar de blogs, comunidades virtuais, redes sociais, e constroem assim suas percepções positivas ou negativas sobre os assuntos que lhes interessam. Principalmente, ajudam a multiplicar visões e informações sobre diversos temas, mas nem sempre verídicas.

Por conta destas novas ferramentas e canais de comunicação, considerando-se a lógica do meio, descentralizada, modular, coletiva, tudo o que é bom ou ruim é identificado pelos usuários através de recomendações. A reputação de uma organização ou grupo empresarial ou jornalístico na Internet está inevitavelmente atrelada ao que pensam, dizem e compartilham os usuários. A Rede oferece oportunidade de amplificação das vozes com o aproveitamento de suas potencialidades para produzir e publicar conteúdos e utilizar-se dos canais mais adequados para conquistar a atenção das pessoas.

1.3 O Caso das Memórias Secretas Publicadas na Internet

Como emerge uma nova cultura digital, emerge a nova modalidade de jornalismo, o jornalismo digital em bases de dados. Os testemunhos publicados através do *Wikileaks* (*leak*, do inglês, vazar, isto é, tornar pública uma informação reservada), confirmam seu potencial enquanto lugar de memória. A plataforma foi lançada em dezembro de 2006 e, em meados de novembro de 2007, já continha 1,2 milhões de documentos. A organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, publica em seu site informações de fontes anônimas,

documentos, fotos, vídeos e dados confidenciais, vazados de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis. Usuários cadastrados e com diversos tipos de permissões e restrições de acesso ao conteúdo – editável – têm a garantia de que suas postagens não são rastreáveis, devido ao uso de *software* de privacidade. Enquanto seu criador, Julien Assange, é acusado de crime sexual na Suécia, em uma operação que segundo ele é conspiratória para que ele seja preso, *Wikileaks* preocupa secretários de estado e causa furor no mundo inteiro em torno de seu poder.

O discurso que conquistou milhares de fãs ativistas pelo globo é em favor da "retomada da história através de documentos gerados por suas testemunhas oculares para abrir o horizonte dos homens na direção da Justiça" (MACHADO E., 2010; SAAD, 2011). Em favor da liberdade de Assange e da continuidade do *Wikileaks*, os ativistas *hakearam* sites de importantes operadoras de crédito internacionais, afetando bancos e pessoas no mundo inteiro. Assange denomina "jornalismo científico" o novo tipo de jornalismo praticado pelo *Wikileaks*.

> O *Wikileaks* cunhou um novo tipo de jornalismo: o jornalismo científico. Nós trabalhamos com outros suportes de mídia para trazer as notícias para as pessoas, mas também para provar que essas notícias são verdadeiras. O jornalismo científico permite que você leia as notícias, e então clique num link para ver o documento original no qual a notícia foi baseada. Desta maneira, você mesmo pode julgar: esta notícia é verdadeira? (ASSANGE, 2010).

Para Elias Machado (2010), o fato mais significativo desta polêmica em torno das revelações dos bastidores das atividades da diplomacia americana no mundo é a ascensão definitiva do que definimos como "jornalismo digital em bases de dados". A modalidade jornalística que desenvolve todas as suas etapas, desde a apuração até a circulação, utilizando unicamente as redes constituídas no ciberespaço parece, segundo ele, estar surgindo no seio

dos fundamentos tradicionais do jornalismo centralizado, oficialista e dependente sobretudo de métodos baseados em práticas humanas de apuração.

> A imprensa convencional demonstrou compreender a lógica do processo muito mais rapidamente que os chefes de estado envolvidos. Enquanto os governos dos Estados Unidos e de seus aliados partiram para a ofensiva, tentando inviabilizar as ações do Wikileaks ou criminalizar seu principal mentor, a imprensa convencional, com uma invejável capacidade de adaptação, não hesitou um minuto em se adaptar ao modelo que emerge por detrás da produção descentralizada e que funciona através do uso de tecnologias e processos impensáveis antes da criação do ciberespaço (MACHADO E., 2010).

Assumindo que este episódio indica que o jornalismo é um fenômeno histórico mutável e que depende das circunstâncias políticas, econômicas, culturais e, sobretudo, tecnológicas, Machado E. (2010) chama a atenção para a comprovação de que não estamos vivenciando o fim do jornalismo, mas a ascensão de uma determinada forma de jornalismo, mais ou menos como aconteceu com o modelo do jornalismo político na segunda metade do século XIX. Em artigo publicado no final de 2010 pelo Observatório da Imprensa, intitulado "Jornalismo em bases de dados, ano zero", Elias Machado identifica nos últimos acontecimentos envolvendo *Wikileaks* a consolidação da necessidade de profissionais de jornalismo.

> A divisão social do trabalho que estrutura a produção de informações no jornalismo digital em bases de dados, em vez de dispensar a atividade dos jornalistas, ao contrário, cada vez mais torna a presença destes profissionais inevitável, ainda que a imprensa convencional persista teimando em não perceber (MACHADO E., 2010).

O pesquisador considera que *Wikileaks* desenvolveu uma metodologia baseada em técnicas e tecnologias *hacker*, que usa *software* inteligente para obter acesso a material secreto, censurado ou restrito com significação política, diplomática ou ética.

No nível da produção dos conteúdos jornalísticos pelos cibermeios, a memória precisou evoluir assim como a narrativa. Como, então, absorver como parte dos conteúdos jornalísticos os comentários dos usuários ou suas produções, as novas formas de comunicação que geram conversações e os novos objetos culturais? A nova dimensão da comunicação reestrutura as bases para a composição da memória social através de sistemas digitais. Surge a necessidade de reposicionar os arquivos, adaptá-los aos novos tempos e incorporar novos elementos ao nosso dia a dia informacional. A 'Memória 2.0'[54] chama atenção para a era do arquivo vivo, do movimento contínuo do passado presentificado, que tem a atualidade como meta, paradoxo de nossos tempos, e transforma a maneira como nos informamos, comunicamos, nos relacionamos.

1.4 A Memória Depois da Web

Se observado desde o ponto de vista da memória, o desenvolvimento do ciberjornalismo passa por momentos que vão desde uma primeira preocupação com os arquivos para permitir buscas cronológicas do que havia sido publicado no jornal em papel, até a articulação de materiais especificamente criados para a Web. As marcações/etiquetagem, os *rankeamentos* e a valoração de conteúdos, associados ao complexo de potencialidades do suporte, conferem novo *status* aos conteúdos publicados nos cibermeios. Surgem modelos de estruturação de notícias (CANAVILHAS, 2006; BRADSHAW, 2007) que conferem à memória funções predominantes na composição de informações.

Quando os jornais na Internet começaram a oferecer buscadores internos para o usuário de notícias, isto é, quando começaram a permitir a busca de informações anteriormente publicadas, tudo era muito simples e se limitava a um campo para que se digitassem palavras-chave ou data. Os resultados, muitas vezes, traziam informações que nada

[54] Assim nomeada por participar da Era 2.0 da Web e estar sendo analisada à luz de suas dinâmicas.

tinham a ver com o que o usuário procurava. Era mais fácil encontrar a informação desejada em buscadores genéricos como os pioneiros *Cadê*, *Altavista*, *Lycos*, *Excite*, *Web Crawler*, do que através do buscador disponibilizado pelo cibermeio. Atualmente, os arquivos dos cibermeios estão mais organizados e oferecem mais opções de busca, com parâmetros que permitem um maior refinamento dos resultados, ferramentas para ajudar o usuário a compreender os temas em discussão e os principais acontecimentos mundiais, formas diferentes de visualização dos resultados de buscas, uma nova roupagem para os conteúdos do passado. Essa evolução é possibilitada pela incorporação das bases de dados na produção jornalística na Internet, seja para 1- a administração e manutenção dos arquivos ou para 2- a otimização da elaboração do material informativo. Estes são dois aspectos-chave sobre os quais nos debruçaremos mais adiante.

Fosse pelo lugar ocupado pela memória nos cibermeios, ou pelos limites tecnológicos, ou pela falta de visão das empresas de que a memória poderia ser melhor aproveitada, o que ocorria de agosto de 2000 a outubro de 2001, quando da pesquisa *Um Mapeamento de Características e Tendências no Jornalismo On-line Brasileiro* (PALACIOS *et al*, 2002a)[55], era que 100% dos jornais com congêneres impressos com tiragem acima de 100.000, que tinham versões digitais, ofereciam mínimos serviços de arquivo ao usuário de notícias. As buscas só podiam ser feitas por palavra-chave e data ou por apenas um dos dois parâmetros. Mais de 50% dos que tinham tiragem inferior a 50.000 ofereciam arquivos com grandes limitações como, por exemplo a baixa qualidade das respostas às demandas dos usuários por informação.

Com o desdobramento da pesquisa, percebíamos que o uso do arquivo estava totalmente generalizado nas publicações portuguesas e nas de maior tiragem no Brasil. Nesta

55 Com posterior desdobramento para a investigação comparativa Um mapeamento de características e tendências no jornalismo on-line brasileiro e português (PALACIOS *et al*, 2002b).

época, os jornais on-line dos dois países ainda apresentavam fortes características das publicações em papel, e não exploravam de forma satisfatória as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital para o desenvolvimento de produtos jornalísticos. Observávamos que não havia padrões definidos no jornalismo on-line de tipo comercial (PALACIOS *et al*, 2002a). A pesquisa se limitou a explorar os arquivos recuperados através dos sistemas de busca dos cibermeios, sem preocupações com a articulação da memória na narrativa.

Hoje, a evolução dos processos de indexação de informações beneficiados pelas bases de dados dinâmicas e pelos processos de convergência contribui significativamente com a mudança de percepção do lugar ocupado pela memória na produção de notícias, o que está incluído no que Barbosa (2007, 2008a, 2008b) denomina Quarta Geração do Ciberjornalismo.

> O cenário no qual emerge a quarta geração do Ciberjornalismo é marcado pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística; equipes mais especializadas; desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos (SGC) mais complexos e baseados preponderantemente em softwares e linguagens de programação com padrão open source, formato XML (*eXtensible Markup Language*), algoritmos; acesso expandido por meio de conexões banda larga; proliferação de plataformas móveis; consolidação do uso de blogs; ampla adoção de recursos da Web 2.0; incorporação de sistemas que habilitam a participação efetiva do usuário na produção de peças informativas; produtos diferenciados criados e mantidos de modo automatizado; sites dinâmicos; narrativas multimídia; utilização de recursos como RSS (*Really Simple Syndication*) para recolher, difundir e compartilhar conteúdos; aplicação da técnica do tagging na documentação e na publicação das informações; uso crescente de aplicações mash-ups; do conceito de geolocalização de notícias ou *geocoding news*; uso do *podcasting* para distribuição de conteúdos em áudio; ampla adoção do vídeo em streaming; novos elementos conceituais para a organização da informação; maior integração do material de arquivo na oferta informativa; produtos experimentais que incorporam o conceito de web semântica; emprego de metadados e *data mining* para categorização e extração de conhecimento; aplicação de novas técnicas e métodos para gerar visualizações diferenciadas para os conteúdos jornalísticos que auxiliam a sobrepujar a metáfora do impresso (*broadsheet metaphor*) como padrão (BARBOSA, 2008b).

Este resumo reproduzimos na íntegra, dada a descrição minuciosa de um cenário fundamental para explicar as mudanças de perspectivas para o jornalismo a partir do

desenvolvimento de tecnologias e modos de consumir e contar histórias. A pesquisadora reúne os principais aspectos que marcam a reconfiguração do ciberjornalismo, a partir da evolução tecnológica e das transformações nas relações entre produtor-usuário-informação, apresenta o cenário no qual a memória está inserida também como beneficiária de um complexo de novidades e tendências. Quando inclui a memória em sua descrição, Barbosa aponta caminhos. "Novos elementos conceituais para a organização da informação" implicam em novos procedimentos e novas habilidades. Como se configuram os arquivos nos cibermeios? Como eles são e podem vir a ser utilizados, considerando-se o panorama de Quarta Geração do Jornalismo na Internet.

Analisamos além dos arquivos as dinâmicas da produção de informações no ciberjornalismo, visando a identificar níveis maiores de "integração do material de arquivo na oferta informativa" (BARBOSA, 2008b), e consideramos a hipótese de Marcos Palacios (2009) de que "a memória é capaz de conferir mais qualidade ao que é produzido nos cibermeios". Esta característica vem transformando os modos do jornalismo informar ao cidadão sobre seu tempo.

1.5 E Agora, Como Esquecer?

A memória intangível a propósito da qual escrevemos é externa, artificial, coletiva; permite relacionar conceitos pensados, discutidos e circulados desde diversas perspectivas. Se partimos do ciberjornalismo para pensar a memória, vislumbramos um panorama de Quarta Geração (BARBOSA, 2007, 2008a,b) de produtos com informação produzida/consumida por profissionais e amadores; consumida/produzida por gerações X, Y, que convivem em um mundo que pode ser buscado pelo *Google*, arquivado em nuvens de dados (*cloud computing*), e disponibilizado a quem puder acessar a Rede Mundial de Computadores.

Para uma crescente parcela da população mundial, viver na sociedade atual pressupõe agir e pensar on-line. As crianças não precisam mais fazer trabalhos de escola com consultas enciclopédicas nas estantes de bibliotecas ou de casa, porque a enciclopédia está na Internet. Emissão de documentos ou marcação de hora no serviço público podem ser feitos de casa, acessando-se os respectivos sítios web das instituições. Podemos pedir comida pela Internet, conhecer o amor de nossas vidas, marcar passagens de avião e fazer *check-in*, destruir a reputação de alguém, praticar atos ilícitos, fazer compras coletivas, ler/ver/ouvir o noticiário. Estão on-line os livros de receitas, os álbuns de fotografia, os trabalhos de escola, a lista de endereços e telefones, os cardápios dos restaurantes, os grande clássicos do cinema e da literatura, as agendas, os *scrapbooks*, os arquivos de tudo o que acabou de acontecer no mundo e quem estava desconectado perdeu (mas pode acessar a qualquer momento e rever quantas vezes quiser).

Este é o cenário: conectado, fragmentado, contraditório. Os números, a começar pelos zeros e uns, a terminar pelos infinitos *bytes* de espaço, constroem a nova dimensão da sociabilidade. Vivemos a era multitemporal dos multiespaços. O *Quando* é agora (de última hora, em tempo real) e o *Onde* gira em torno dos indivíduos (com seus dispositivos móveis). Nesta tese, lançamos nosso olhar na direção de uma memória incluída em um processo de continuidades, potencializações e rupturas (PALACIOS, 2003).

Jacques Derrida, em *Mal d´Archive* (1995), oferece uma concepção de arquivo que ultrapassa os limites deste trabalho, mas proporciona reflexões acerca da ubiquidade dos arquivos, enquanto repositórios a permear nossas vidas, no sentido do que é original para nós, do que está no início; e no sentido do comando, do poder. Ao analisar a composição da palavra "arquivo", o filósofo procura sua lógica na origem do *Arkheîon G*rego. *Arkhê design*a

começo e comando[56] (DERRIDA, 1995:9). Isto significa que a palavra reúne os dois princípios: “começo”: princípio físico, histórico ou ontológico, que diz respeito ao lugar onde as coisas começam - seja a partir de causas físicas, naturais, ou de fatores históricos ou de sentidos ontológicos; e “comando”: onde se exerce a autoridade, a ordem social, o lugar a partir do qual a ordem é dada, estabelecida, instituída.

> (…) the meaning of "archive", its only meaning, comes to it from the Greek *arkheion*: initially a house, a domicile, an address, the residence of the superior magistrates, the archons, those who commanded. The citizens who thus held and signified political power were considered to possess the right to make or to represent the law. On account of their publicly recognized authority, it is at their home, in that place which is their house (private house, family house, or employee's house), that official documents are filed. The archons are first of all the documents' guardians. They do not only ensure the physical security of what is deposited and of the substrate. They are also accorded the hermeneutic right and competence. They have the power to interpret the archives (DERRIDA, 1995:10)[57].

Esta passagem do texto de Derrida remete fortemente a um comparativo sobre o lugar que o arquivo ocupava na Grécia Antiga, e seu significado nos dias de hoje, remodelado pelas contínuas transformações que os meios tecnológicos impõem à sociedade, o que permite uma rápida consideração sobre a história da origem dos arquivos e do conceito de arquivo, sobretudo, contêineres de memória. Os locais onde estão sendo armazenados os arquivos da contemporaneidade sobressaem à custódia dos *arcontes*. A casa está conectada em rede, a outras casas.

> (…) the technical structure of the *archiving* archive also determines the structure of the *archivable* content even in its very coming into existence and in its relationship to the future. The archivization

[56] *“The commencement and the commandment”* (DERRIDA, 1995:9).

[57] |Tradução nossa|: “(...) o sentido de "arquivo", seu único sentido, vem para ele do *arkheîon* Grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam. Aos cidadãos que o detinham e assim denotavam o poder político, reconhecia-se o direito de fazer ou de representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, ele está em sua casa, é no lugar que é a sua casa (casa particular, casa de família, ou casa de funcionário), que os documentos oficiais são arquivados. Os arcontes são, antes de todos, os "guardiões” dos documentos. Eles não só asseguram a segurança física do que é depositado, mas do seu substrato. Eles também gozam do direito à competência hermenêutica. Eles têm o poder de interpretar os arquivos” (DERRIDA, 1995:10).

> produces as much as it records the event. This is also our political experience of the so-called news media (DERRIDA, 1995:17)[58].

O autor se refere ao e-mail como uma tecnologia postal que está no caminho para transformar o ritmo de todos os espaços públicos e privados da humanidade e, antes de tudo dos limites entre o privado, o segredo (privado ou público) e ao público ou ao fenômeno.

Jose Van Dijck, em *Mediated Memories in the Digital Age* (2007), investiga como a memória está embutida em várias instâncias da vida terrena, e separa em três grupos os aspectos-chave pelos quais devemos iniciar o processo de compreensão de um tipo de memória mediada: os relacionados a nossos cérebros e corpos; os relacionados aos artefatos e mediações; e os relacionados aos contextos sociais. Todos estes "elementos de materialidade", de acordo com Van Dijck, em sua transição do analógico para o digital, estão moldando a forma como entendemos a memória.

> The coded layer of digital data is an additional type of materiality, one that is endlessly pliable and can easily be "remediated" into different physical formats (VAN DIJCK, 2008:19)[59].

Os formatos físicos da memória artificial, mediada e remediada (BOLTER e GRUISIN, 1999) pelos dispositivos audiovisuais digitais fundam a era da Memória Integral (BELL e GEMMELL, 2010). Este tipo de memória é descrita por Gordon Bell, como inevitável, independentemente das discussões sobre sua utilidade/necessidade.

Já virou clichê chamar nossa era de Era Digital, mas se consideramos que quarenta anos atrás a digitalização era um assunto obscuro para a maioria das pessoas, o tempo é

---

[58] |Tradução nossa|: "A estrutura técnica de arquivamento do arquivo também determina a estrutura do conteúdo arquivável, em sua própria vinda à existência, e na sua relação com o futuro. O arquivamento produz tanto mais, quanto ele registra o evento. Esta é também a nossa experiência política do que chamamos meios de comunicação" (DERRIDA, 1995:17).

[59] |Tradução nossa|: "A camada codificada de dados digitais é um tipo adicional de relevância, que é infinitamente maleável e pode facilmente ser "corrigida" em diferentes formatos físicos" (VAN DIJCK, 2008:19).

relativo (MAYER-SCHONBERGER, 2009). O fato é que quando avançamos nos estudos da memória e suas representações, analisamos momentos marcantes que impõe transformações em todos os setores e aspectos das vidas das pessoas. De uma forma geral, a memória tem quatro temporalidades: oral, escrita e digital (SMOLKA, 2000; LE GOFF, 2003; MONTEIRO e CARELLI, 2007), entre as quais acrescentamos a audiovisual, referindo-nos aos registros permitidos pela fotografia, pela câmera filmadora ou pelo fonógrafo.

Em pensar que na era analógica, processar, armazenar e recuperar informação variava para cada tipo de informação, isto é, para cada formato era necessário um equipamento específico que o decodificava e o transformava em informação legível ao homem. O conceito de Resolução Semântica, que desenvolve António Fidalgo (2003), baseia na digitalização da imagem os pressupostos para caracterizar a cobertura noticiosa no ciberespaço. "Tal como uma imagem digital aumenta a sua qualidade com o aumento da resolução gráfica, ou seja, com o número de *pixels* por centímetro quadrado, assim também um determinado evento receberá uma melhor cobertura noticiosa quanto maior for a sua Resolução Semântica, constituída pela pluralidade e diversidade de notícias sobre o evento" (FIDALGO, 2003, 2004a, 2007b). Essa resolução semântica se estabelece também como contribuição dos usuários, com comentários nos cibermeios e em redes sociais (PALACIOS, 2010b).

A Cultura Digital se consolida com o surgimento de um equipamento capaz de ler todos os tipos e formatos de informação. Seja em áudio, vídeo ou texto, o computador é o suporte que, por conta da tecnologia digital, pode reunir todos os objetos culturais produzidos pela sociedade. O computador inclui todos os outros equipamentos que são capazes de criar objetos digitais, descarregar informação binária, facilmente armazenável, organizável, recuperável e transmissível. Henry Jenkins (2009) vai agregar que a convergência representa

um deslocamento cultural enquanto consumidores são encorajados a procurar novas informações e fazer conexões entre conteúdos dispersos.

Considerando o desenvolvimento de práticas, técnicas e processos de memória, elaboramos uma tabela que relaciona quatro temporalidades às características e conceitos de seus tempos.

TEMPORALIDADES DA MEMÓRIA			
ORAL	**ESCRITA**	**AUDIOVISUAL**	**DIGITAL**
Pensamento	Registro	Registro Testemunho	Desmaterialização
Discurso	Preservação/Retenção Impressão	Comprovação	Digitalização Variabilidade (MANOVICH, 2001)
Memorização de lugares e imagens	Texto Sentido semântico	Pintura Fonógrafo Fotografia Câmera Microfone	Hipertextualidade Multimidialidade Interatividade Instantaneidade Memória Personalização
Retórica Tradição	Enciclopédia Imprensa Imprensa	Impresso Rádio Televisão Computador Mídia	Computador Pessoal Computador Conectado Laptop/PalmTop/Tablet Celular Arquitetura da Informação Bases de Dados
Individual	Coletiva	Produção/emissão individual Fruição/Recepção coletiva	Compartilhamento e produção coletiva Interatividade
Lugares de memória imaginários	Criação de arquivos, acervos, Bibliotecas, Museus – Instituições de memória (LE GOFF, 2003); Lugares de memória (NORA, 1987)	Indústria da memória (NEIGER et al, 2011; ASSMANN, 2011; OLICK et al, 2011)	Bases de dados Transcodificação (MANOVICH, 2001), Indústria da memória (NEIGER et al, 2011; ASSMANN, 2011; OLICK et al, 2011)
Efemeridade Treinamento	Repetição Cópias		Automatização/Onipresen ça
Corpo	Instrumento	Imagem	Ubiquidade

Tabela 2 – As quatro temporalidades da memória e alguns conceitos associados.

Ao compararmos os quatro tempos da memória, podemos visualizar transformações pelas quais passou (e passa) a sociedade, e que deixaram marcas transmutadas nas gerações seguintes. Quem hoje consegue fazer algum estudo, pesquisa ou trabalho sem considerar em alguma etapa de desenvolvimento a Internet como repositório de conhecimento, ou pelo menos como ponto de partida para qualquer análise que se faça da atualidade? Ou mesmo do passado.

O ciberjornalismo afeta e é afetado pela evolução dos processos de expressão das civilizações, desde que o pensamento, os objetos e a transmissão oral eram os únicos lugares de memória conhecidos, até o aparecimento do ciberespaço; da esfera individual para a coletiva.

Ao considerarem os suportes de memória como dependentes de suas próprias condições de elaboração, atribuindo à memória o dever de alimentar a decisão humana, Ferreira e Amaral (2004) entendem que falar de memória é falar de uma estrutura de arquivamento que nos permite experiências socialmente significativas do passado, do nosso presente e de nossa percepção de futuro. E desenvolvem,

> Se isso é verdade, como acreditamos, a digitalização da memória, a constituição de uma memória eletrônica, instantaneamente acessível, deve ser entendida como um acontecimento maior de nossa história recente (FERREIRA e AMARAL, 2004:139).

Ferreira e Amaral (2004) reconhecem a pioneira contribuição de Walter Benjamin, que concede ao suporte técnico o estatuto de condição de elaboração da memória, e não apenas de ser um veículo de sua conservação. A reprodutibilidade técnica, analisam, sinaliza para o fim de uma experiência política assentada sobre uma lógica da recuperação de uma presença ancestral fundamental. Para os autores, a tecnologia moderna nos priva da ilusão de uma experiência fundada na autenticidade de um momento original – visão compartilhada por

Viktor Mayer-Schonberger (2009) quando trata do problema da supressão do esquecimento –, mas por outro lado, nos oferece um horizonte diferenciado de experiências.

Mayer-Schonberger (2009:50) descreve Gordon Bell, já chamado de "Frank Lloyd Wright dos computadores", como um senhor "na casa dos setenta anos", que incorporou a missão de lembrar de todos os *bits* de sua vida. Gordon Bell, em *Total Recall – O Futuro da Memória* (2010), faz um memorial descritivo de seu projeto de pesquisa. Intitulado *MyLifeBits*, o projeto estabelece o conceito do *Memex* como pré-requisito mínimo para criar a metodologia de trabalho do registro sistemático de sua vida, em um suporte que estabelece as condições de elaboração de uma memória ao mesmo tempo conservada/preservada/armazenada e utilizada/operada/recuperada. Seu objetivo é provar que pode ser útil a interpretação da denominação *Personal Computer* "ao pé da letra". Computador Pessoal para capturar e registrar toda a vida de uma pessoa.

Desenvolvido no centro de pesquisas da *Microsoft*, onde Bell é engenheiro de sistemas, o *MyLifeBits* já escaneou e armazenou em disco quase todos os seus papéis, cadernos, notas, incluindo mais de oito mil páginas de seus registros médicos e de saúde. Bell guarda cópias de todos os e-mails que envia e recebe, além de uma imagem de cada *website* que ele visita. Ele grava em áudio e digitaliza muitas conversas que teve e que tem com outras pessoas; e usa todo o tempo uma caixa preta pendurada no pescoço, do tamanho de uma caixa de cigarros, que na verdade é uma câmera fotográfica que tira fotos a cada 30 segundos ou sempre que alguém se aproxima de Bell, todos os dias, todas as horas, todos os minutos.

Viktor Mayer-Schonberger (2009:51) relembra que a ideia de máquina que atua como uma prótese de memória para humanos não é nova. Cita H. G. Wells, que em 1930, escreveu sobre um "cérebro mundial" através do qual toda a memória humana poderia ser disponibilizada a cada indivíduo. Anos mais tarde, Vannevar Bush cunhou a mais influente

descrição de uma perfeita máquina da memória. Em *As We May Think*, um artigo publicado em 1945, Bush descreve o *Memex*, máquina para estender a memória que concede ao homem acesso para comandar o conhecimento herdado de todos os tempos. Seus usuários não só poderiam consultar como também continuamente adicionar informação à sua memória externa, armazenada em um suporte de madeira que se assemelhava a uma escrivaninha, com locais de armazenamento, roldanas e sistema de elevadores que fazia subir e descer os documentos de cada gaveta. Vannevar Bush chegou a afirmar que "o *Memex* poderá implementar o modo no qual o homem produz, armazena e consulta os registros de sua raça" (MAYER-SCHONBERGER, 2009).

> Vannevar Bush's Memex never materialized. The technology wasn't there, and Bush became distracted with other ventures. But a little more than half a century later, Gordon Bell has achieved most of what Bush envisioned – and more. He has succeeded in creating a gigantic external memory of his life, which he can access at random in seconds, and with just a few keystrokes. So what has changed between Bush and Bell? (...) We have moved from the analog to the digital age (MAYER-SCHONBERGER, 2009:51-52)[60].

A resposta, que pode parecer óbvia, é fator crucial para o desenvolvimento tecnológico moderno que alterou significativamente os modos através dos quais sabemos qual informação pode ser lembrada, como ela é lembrada e a que preço. Os suportes digitais facilitaram a tarefa de lembrar, mas vão aos poucos desintegrando nossa capacidade de esquecer. Tornou-se tarefa difícil lembrar "de cabeça" os números de telefone, depois que adquirimos celulares com agendas incorporadas.

Em *Funes, o memorioso*, Jorge Luis Borges nos fornece conexões para questionarmos o acúmulo de memória. Ireneo Funes é um homem paralítico, sem esperança, incapaz de

[60] |Tradução nossa|: "O Memex de Vannevar Bush nunca se materializou. A tecnologia não estava lá, e Bush se distraiu com outros empreendimentos. No entanto, um pouco mais de meio século depois, Gordon Bell conseguiu mais do que Bush imaginou. Ele conseguiu criar uma memória de sua vida gigantesca externa, que ele pode acessar de forma aleatória, em segundos, e com apenas algumas teclas. Então, o que mudou entre Bush e Bell? (...) Nós mudamos do analógico para a era digital" (MAYER-SCHONBERGER, 2009:51-52).

dormir e de conceituar, mas pôde enumerar em latim e espanhol, os casos de memória prodigiosa registrados pela *Naturalis historia*, de Plínio:

> "Ciro, rei dos persas que sabia chamar pelo nome todos os soldados de seus exércitos; Metríades e Eupator, que administravam a justiça dos 22 idiomas de seu império; Simônides, inventor da mnemotécnica; Metrodoro, que professava a arte de repetir com fidelidade o escutado de uma só vez (...) De fato, Funes não apenas recordava cada folha de cada árvore de cada monte, mas também cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado (...) Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos" (BORGES, 1944).

Citando o vertiginoso mundo do cronométrico Funes (porque sempre sabia as horas, como um relógio), Ferreira e Amaral (2004:150) identificam o excesso de memória, a pane motora (sua paralisia) e a incapacidade de decidir como estando fortemente associados entre si. Resumem em uma indagação a dimensão da angústia de Ireneo: o que significa o conceito cachorro diante da diversidade concreta dos inúmeros cachorros que ele já viu? "Funes, entretanto, é um homem sem outros equipamentos além da linguagem. Mesmo a linguagem há de lhe ser útil. Não apenas paralítico, ele deverá findar por desistir da fala, pois nomear pressupõe esquecer a infinita diversidade de um objeto" (FERREIRA e AMARAL, 2004:150).

Nomear é uma forte condição da existência, principalmente em uma época em que a cada segundo nova informação é publicada. Somos obrigados a dividir nossa existência com tudo mais que há e por vir. Descartamos o que não interessa e armazenamos o que consideramos importante. Guardamos o que podemos no pensamento em dispositivos de memória externa, sejam eles físicos ou imateriais. O pensamento é tão ilimitado quanto o espaço de que dispomos para armazenar informação on-line, e ambos precisam de habilidades desenvolvidas o suficiente para que operem da melhor maneira, a nosso favor. Lembrar e

esquecer são conceitos associados ao pensamento, à memória enquanto capacidade do ser, ao cérebro enquanto espaço onde se dão as operações para que a memória possa ser dinamizada. As coisas recebem etiquetas que as organizam em conjuntos, séries, em ordens determinadas, classificadas através de parâmetros que indicam seus lugares. Lembramos do que já aconteceu ou do que aprendemos, recuperados do pensamento como em itens em bases de dados. Como fazer funcionar bem a lembrança e o esquecimento? O pensamento? A memória? Nomear é resumir para reter sempre o máximo possível. Com tanta informação para armazenar de forma a poder encontrar, chegamos à era do resumo, dos rótulos, das *tags*, das mensagens em 140 caracteres. O futuro do livro é a sinopse, disse McLuhan no final dos anos 60. O que não quer dizer que seja o ideal, já que há diferentes perfis de público para os diversos conteúdos que a Internet pode amplificar. A diminuição da forma como são apresentadas as informações na Rede é uma imposição da velocidade com que os dados são publicados, mais informação em espaços cada vez mais disputados pela atualização contínua.

Em um sistema associativo, considerado as bases de dados da atualidade, os itens são conectados por contingências em tempo e espaço, por similaridades, por contexto e utilidade. Um dos problemas que inviabilizou o *Memex* foi a carência de indexação. Em sua época, indexação significava uma busca alfabética em uma lista predefinida e incompleta de tópicos e palavras-chave, da mesma forma que em um catálogo de cartões de uma biblioteca. A indexação se torna o mecanismo que viabiliza a memória associativa (BELL e GEMMELL, 2010). Quanto mais digital e descentralizada, mais oferece possibilidades de avanços na composição, indexação, recuperação e conservação de informações.

A Arquitetura da Informação (AI) ou estrutura de indexação associativa de arquivos com diferentes formatos viabiliza a construção de ambientes informacionais compartilhados.

Uma coerente definição de AI, do *Informational Architecture Institute (IAI)*, determina três operações para o conceito:

> 1- O design estrutural de ambientes de informação compartilhada; 2- A arte e ciência de organização e etiquetação de sites web, intranets, comunidades online e software de apoio à encontrabilidade e usabilidade; 3- Uma comunidade de prática emergente focada em trazer princípios de design e arquitetura para o paisagismo digital (I.A.I).

Relacionada a muitas disciplinas, a Arquitetura da Informação pode ser operada no nível da administração de dados, da ciência da informação, da economia da informação, do *design* de interação, da usabilidade, da taxonomia e da acessibilidade na web[61]. A Arquitetura da Informação tem um significado diferente nas diversas ramificações de arquitetura de Sistemas de Informação (SI) ou de Tecnologia da Informação (TI). A maioria das definições possui qualidades comuns: *design* estrutural de ambientes compartilhados; métodos de organização e etiquetagem de sites web, *intranets* e comunidades on-line; e meios de trazer os princípios de *design* e arquitetura para a paisagem digital.

AI passa da organização dos espaços físicos para a organização dos espaços virtuais que, como os anteriores, são habitados por dados. A metáfora da cidade é utilizada por estudiosos da cibercultura para se referirem às estruturas do ciberespaço que fazem circular informação pelos mapeamentos de objetos e instrumentos provocando situações de comunicação (LEMOS, 2004, 2007).

Lembrar não é uma operação isolada, assim como esquecer. Lembro, logo conecto e restabeleço. Esqueço, logo descarto, apago? A representação do esquecimento no ciberespaço é a lixeira, mas a Internet não esquece, não tem lixeira. Uma vez publicado nesse sistema

[61] Disciplinas relacionadas pelo artigo Arquitetura de Informação

descentralizado de produção e consumo, tudo pode ser copiado e distribuído, e assim, passa a onipresente.

O jornalismo vai, a cada atualização, capturando pistas sobre nossa memória social e cultural, como quem usa um buscador da verdade que reúne um acervo sobre si mesmo. Vamos percebendo que nunca houve tanta informação circulando ao mesmo tempo e em um mesmo lugar (PALACIOS, 2010a, 2010b).

> Nunca em tempos históricos esteve nossa sociedade tão envolvida e ocupada em processos de produção de memória; nunca o estoque de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível e nunca esteve o jornalismo tão centralmente localizado em meio a tudo isso (PALACIOS, 2010a).

Organizando a argumentação em antecedências, incidências e consequências, Marcos Palacios destaca a centralidade do jornalismo no processo de produção, conservação e representação de nossa memória social. O autor situa o jornalismo enquanto espaço vivo de produção da atualidade, lugar de agendamento imediato, e, igualmente, lugar de memória, "produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o dito e o interdito" (PALACIOS, 2010a).

Jacques Le Goff (2003), citando autores que aproximam a memória de fenômenos ligados à esfera das ciências humanas e sociais, aborda o comportamento narrativo como tendo fundamental função social, e que, utilizando-se de linguagem, produto da sociedade, contribui com a preservação da identidade coletiva. Le Goff (2003:421) considera que se tornarem senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas, onde

os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Viktor Mayer-Schonberger (2009) discute os papéis que exercem em nossa sociedade o esquecimento e a lembrança, e analisa as consequências das transformações que estes atos vêm sofrendo, principalmente após o surgimento dos processos de digitalização. Para o autor, não é a tecnologia que nos força a lembrar, fomos nós que nos tornamos obcecados por registros. A tecnologia facilita o desaparecimento gradativo do ato de esquecer. Lembrar e esquecer são atos que podem explicar a memória em todos os seus sentidos.

Jose van Dijck (2007) trata da memória mediada como uma prática encarnada na mente humana, possibilitada por tecnologias, objetos, e incorporada nos contextos sociais e culturais de uso dessas tecnologias e objetos.

Monteiro e Carelli (2007) definem como categorias dos deslocamentos semânticos relacionados às tecnologias: 1- a preservação (retenção); 2- a lembrança (ou recuperação); 3- o esquecimento; categorias que fazem emergir novos lugares de memória. Os autores estudam a memória nas Ciências da Informação, discutindo a viabilidade da preservação, que, como entendida já não parece plenamente possível com o surgimento do ciberespaço. O conceito de preservação passa a estar associado ao de indexação, pois não há armazenamento que resista a falta de disponibilidade.

Ferreira e Amaral (2004) também discutem o esquecimento e a lembrança enquanto categorias da memória. Para os autores, em uma sociedade onde a informação é concebida como mercadoria, estabelece-se mais um paradoxo: o valor da informação está associado à sua capacidade de se desvalorizar rapidamente.

> A sociedade da informação é também, e necessariamente, a sociedade da inovação; inovação que viabiliza e solicita a velocidade, o tempo

> real, que, por seu turno, elimina o retardo reflexivo que a memória deveria propiciar (FERREIRA e AMARAL, 2004:139).

Encontramos na história da *Arte da Memória*, título do livro de Francis Yates, publicado em 1966, pressupostos e conceitos que permitem refletir sobre processos das mídias digitais. Se estabelecemos alguma relação entre as artes mnemônicas e os processos de construção de objetos culturais contemporâneos, os cibermeios, refletimos sobre conceitos de referência como o conceito de *imagines agentes* que, de acordo com o *Ad Herennium*[62] (YATES, 2007:9-10) são imagens ativas que asseguram uma recordação mais rápida.

> Devemos, então, dispor imagens de maneira que possam aderir mais longamente à memória. E devemos fazer isso se estabelecermos semelhanças mais notáveis possíveis; se fixarmos imagens que não sejam nem muitas nem vagas, mas ativas (*imagines agentes*); se atribuirmos a elas beleza excepcional ou feiura singular; se ornarmos algumas delas com coroas ou capas, de modo que a similitude possa se ressaltada para nós; ou se de algum modo as desfigurarmos, introduzindo uma mancha de sangue, ou sujarmos com lama, ou tinta, de maneira que sua forma fique mais admirável; ou atribuindo ainda certos efeitos cômicos às imagens, porque isso também assegura nossa recordação mais rápida (YATES, 2007:9-10).

Yates explica que a Arte da Memória passou de método para memorizar a enciclopédia do conhecimento e refletir o mundo na memória (cerebral), à ferramenta de auxílio que permite investigar a enciclopédia e o mundo com o objetivo de descobrir um novo conhecimento.

A arte clássica da Memória pertencia à retórica como uma técnica que permitia ao orador aprimorar sua memória, o que o capacitava a tecer longos discursos de cor com uma precisão impecável (YATES, 2007:18). De acordo com Yates (2007:20-21), na Antiguidade, sem imprensa e sem papel no qual tomar notas ou registrar as preleções, a memória treinada

[62] O *Ad Herennium* é um dos mais importantes trabalhos escritos sobre a Arte da Memória de que se tem notícia (YATES, 2007). Foi escrito em Roma, 86-82 a.C., por um desconhecido professor de Retórica que com este livro-texto para seus alunos imortalizou, não seu nome próprio, mas o nome do homem a quem o trabalho foi dedicado.

era de fundamental importância. A memória dos antigos era treinada por uma arte que refletia a arquitetura e a arte do mundo antigo, e que poderia depender de faculdades de intensa memorização que, segundo a autora, perdemos. Sobressaíam-se os homens que dominavam a retórica, mas mais que isto, que dominavam técnicas de memorização. O poder estava ao lado daqueles que, repousados na supremacia do sentido visual, conseguiam criar no pensamento imagens dispostas em lugares imaginários e proferir discursos capazes de persuadir os homens a conhecerem a verdade (YATES, 2007:58).

No *Ad Herrennium*, a parte mais importante da retórica (*inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria*, *pronuntiatio*), aquela essencial do conhecimento do orador, é a Memória: "Agora, voltemo-nos para a sala do tesouro das invenções, a guardiã de todas as partes da retórica, a memória" (YATES, 2007:21).

O autor anônimo do *Ad Herennium*[63] explica que há dois tipos de memória, uma natural e a outra artificial. A natural é aquela inserida em nossas mentes, que nasce ao mesmo tempo que o pensamento. A memória artificial é aquela reforçada e consolidada pelo treinamento (YATES, 2007:22).

Nos tempos da retórica, a memória artificial projetava as referências mentais do orador em estruturas de pensamento que se baseavam em lugares e imagens. A memória artificial dos tempos da escrita imprimia o pensamento em dispositivos, objetos ou artefatos criados como suportes para a memória social, externa, coletiva. Na era digital, a memória artificial é instantânea, múltipla e cumulativa (PALACIOS, 2003).

[63] Yates explica que a seção do *Ad Herennium* sobre a memória "remete à fontes gregas de ensino da memória, provavelmente tratados gregos de retórica já desaparecidos. É o único tratado latino conservado sobre o tema, já que os comentários de Cícero e Quintiliano não são tratados completos e pressupõem que o leitor está familiarizado com a memória artificial e sua terminologia. Desse modo, é realmente a principal fonte – na realidade a única completa – para a arte clássica da memória, tanto grega quanto romana. Seu papel na transmissão dessa arte clássica para a Idade Media e o Renascimento é de suma importância" (YATES, 1966:22).

No próximo capítulo, apresentaremos com mais profundidade os aspectos mais marcantes dos cibermeios atualmente, suas características e elementos constatados através do referencial teórico sobre o ciberjornalismo reunido na pesquisa e a partir de observações empreendidas para identificar elementos de memória.

CAPÍTULO 2

FUNDAMENTOS DA MEMÓRIA NO CIBERJORNALISMO

Assiste-se a exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito.

Francis A. Yates

2.1 Características e Elementos dos Cibermeios

Desde 2003, fala-se em espanhol de *cibermedios*, ou cibermeios, em português, entendidos por pesquisadores como Javier Díaz Noci e Ramón Salaverría (2003) como meios de comunicação social que utilizam o ciberespaço como âmbito para difusão pública de informações jornalísticas (SALAVERRÍA, 2005b). Encontramos também a utilização do termo para produtos digitais não necessariamente jornalísticos, ao que passamos a considerar que cibermeios jornalísticos são aqueles de caráter jornalístico, e cibermeios de uma maneira geral são os produtos comunicacionais, digitais e on-line, como blogs de especialistas ou *websites* de revistas, por exemplo.

A descrição de López García *et al* (2005) considera que cibermeio é aquele que utiliza na composição de seus conteúdos, fundamentalmente, critérios e técnicas jornalísticas, usa linguagem multimídia, é interativo e hipertextual, se atualiza e se publica na internet. Meio próprio com estruturas redacionais, narrativas e discursivas exclusivas. Está ligado a um jornal ou a um congênere impresso, televisivo ou radiofônico, ou criado exclusivamente para a Web (LÓPEZ GARCÍA *et al*, 2005, BARBOSA *et al*, 2011). Para Rodríguez-Martinez *et al*

(2012), os *websites* dos meios de comunicação |tradução nossa| de "*Los sitios web de los medios de comunicación*" (RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ *et al*, 2012).

Vamos considerar que não é característica expressa de um cibermeio possuir congênere impresso[64], embora os 14 cibermeios analisados por nós possuírem. São cibermeios jornalísticos, o que já assumiremos ao princípio, pois utilizaremos apenas o gênero digital, sem explicar todo o tempo que são jornalísticos. Jornalismo é nosso campo de estudo.

Os processos dos quais tratamos estão inseridos no ciberespaço (LÉVY, 1993) enquanto ambiente social que transforma as relações humanas e destes com a informação através do avanço da técnica. O jornalismo no centro disto proporciona filtros da realidade consumidos diariamente, e se torna principal difusor de registros do presente transformado pela tecnologia. A memória praticada hoje tende a valorizar o fugaz, o circunstancial, o efêmero, indexados a partir das palavras-chave de novos tempo, moldados pelas características do novo meio, das novas práticas e tecnologias, associadas à questão da alta velocidade de atualização.

Assim como o papel, a televisão e o rádio, o computador e o ciberespaço possuem especificidades de forma, linguagem, conteúdo, interação, composição de discursos e conteúdos entre tantas outras, que impõem às pessoas, produtores e usuários, adquirir novas habilidades para cada vez mais eficientemente produzir, armazenar, indexar e recuperar informação. A memória referida nesta pesquisa é uma das seis potencialidades do meio, identificadas ao longo de quase duas décadas de estudos sobre o ciberjornalismo, e está fundamentalmente relacionada à articulação dos arquivos, dos documentos e de informação jornalística nos cibermeios.

O cenário que envolve e afeta o ciberjornalismo do século XXI experimenta um tempo e um espaço diferentes, promove modelos de negócio centrados no tempo e cria espaços

[64] O Jornal do Brasil encerrou sua versão impressa em setembro de 2010, e ainda assim é um cibermeio.

altamente efêmeros. A informação circula nestes espaços de fluxo contínuo, campos virtuais de conversação, que inauguram ferramentas para os arquivos. Filtros para compreensão das relações entre os dados: nuvens de *tags*, *Hashtags*, *RSS*, sistemas de classificação e valoração da informação, automatizados, gratuitos, on-line. Formas contemporâneas de organização dos conteúdos que, para conter a fugaz atualidade e precaver a humanidade do esquecimento, atualizam nossos modos de armazenar, organizar e perceber o mundo.

A memória que investigamos compreende um conjunto de elementos que permite indexar, recuperar, reaproveitar e compor informação com base em sistemas automatizados ou semiautomatizados, em bases de dados dinâmicas. A definição operacional é contrastada com a realidade dos cibermeios e delimita o universo de estudo desta tese doutoral. A discussão transdisciplinar é necessária para compreender algumas especificidades do conceito que ultrapassam o campo do Jornalismo e também encontram em outros campos instrumentos para reflexão.

Como abordaremos diversas pesquisas sobre o jornalismo nas redes telemáticas, e sabemos que existem diferentes denominações para esta modalidade de jornalismo, optamos pelo termo ciberjornalismo quando falamos da modalidade que se utiliza do ciberespaço em todas as etapas da produção e disponibilização de conteúdos. Desta maneira, seguimos a tradição de autores espanhóis e de alguns brasileiros[65]. Utilizamos indistintamente as denominações originais dos autores quando os citamos, quais sejam, Jornalismo Eletrônico, Jornalismo Digital, Jornalismo Multimídia, Ciberjornalismo, Jornalismo On-line, Webjornalismo, para referir-nos ao Jornalismo das Redes Telemáticas.

A memória é elemento atrativo (não por isso o único) para o usuário de notícias. Quanto mais opções de buscas e ferramentas de recuperação de informações dentro da

[65] Para uma discussão mais aprofundada sobre nomenclaturas para o jornalismo nas redes telemáticas ver: BASTOS, 2000; MACHADO E., 2000; CANAVILHAS, 2001; MIELNICZUK, 2003.

publicação forem oferecidas, mais possibilidades ele terá para explorar os conteúdos publicados. Ter a oportunidade de encontrar o que se quer facilmente e estabelecer relações entre as informações é atrativo. Seja para compreender o contexto de uma notícia ou para buscar relações possíveis entre as informações, ou ainda para recuperar documentos, textos, imagens, o usuário cercado por instrumentos eficientes de busca e de conteúdos que sigam as premissas do Jornalismo, poderá saber que o cibermeio é fonte de informação confiável, certo de que suas demandas por conhecimento serão atendidas[66].

Consideramos, portanto, a memória como característica de estreita ligação com o arquivo, que no estágio atual do ciberjornalismo apresenta funções ampliadas e diferenciadas do que comumente se atribui a um repositório de informações. Este espaço para armazenar dados não é mais estático, morto, mas assume uma nova função quando de sua associação com as bases de dados digitais.

> Com a inserção dos jornais em uma Rede de meios, o que muda é a própria noção de arquivo como um departamento das empresas jornalísticas. Na história do jornalismo durante cerca de cem anos os arquivos estiveram na periferia dos meios, na dependência da boa vontade do diretor de turno para executar suas atividades. A edição digital põe fim a uma estrutura esquizofrênica que quase nunca soube incorporar o serviço de documentação como uma parte vital para a produção da notícia (MACHADO E., 2001).

É a evolução das bases de dados[67] a responsável pela transformação dos arquivos nos cibermeios. A noção de arquivo muda porque agora ele está construído e suportado por uma base de dados digital que permite a indexação e a fácil recuperação de informações, além de novas formas de visualização dos dados e suas relações. As bases de dados digitais conferem ao arquivo uma dinâmica de alimentação automática, na mesma velocidade em que os

[66] O usuário saber utilizar essas ferramentas é uma outra discussão, mais apropriada para momentos posteriores ao de se identificar elementos que compõem a memória nos cibermeios e quais são as suas funções neste contexto.

[67] BARBOSA (2007:259) explica que o armazenamento de informações jornalísticas em bases de dados computadorizadas foi um processo iniciado na década de 70 e mudou a maneira como as organizações jornalísticas até então tratavam as "*morgues*". A partir desta época, as empresas jornalísticas passaram a valorizar mais os arquivos transformando-os em peças de alto valor agregado.

conteúdos são publicados. E é com o investimento tecnológico dos cibermeios que os sistemas de atualização ficam cada vez mais sofisticados, permitindo mais opções de buscas e de armazenamento. Para Machado E. (2001) o trabalho do jornalista passa a ser complexificado na mesma medida em que surgem novas possibilidades tecnológicas. Seguindo a lógica da Internet, a criação de arquivos digitais em bases de dados descentraliza o armazenamento de informações e sua recuperação, conferindo autonomia ao jornalista que antes necessitava de auxílio para encontrar material noticioso reaproveitável.

Discutimos a memória no campo do jornalismo das Redes Telemáticas para ampliar nosso repertório deste universo conceitual. Ancorados nas diversas manifestações da memória que conseguimos reunir neste volume, buscamos discutir conceitos, ampliar ideias e não somente apresentar um panorama da evolução desta característica do ciberjornalismo, mas também compreender o estado da arte nesta modalidade de jornalismo. Certamente, deixaremos de considerar algumas manifestações, pois o estudo não se pretende único, nem capaz de abranger um campo infinito de possibilidades. Nosso estudo não se pretende finalista, ou acabado.

Em 1994, Javier Díaz Noci apresentou a comunicação *El nuevo periódico electrónico: redefinición del mensaje tradicional como producto interactivo y multimedia*, por ocasião do evento *IX Jornadas Internacionales de Ciencias de la Información*, na Universidade de Navarra, em Pamplona. O professor titular da Faculdade de Ciências Sociais e da Comunicação, da Universidade do País Vasco, depois transferido para a Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, tratava de um novo fenômeno comunicacional que afetaria a vida de milhões de pessoas em todo o mundo. O discurso multimídia era estudado como a verdadeira retórica do novo produto a que chamava eletrônico. O hipertexto era observado como a escritura dos novos meios, levando à ruptura da sequencialidade e a novas estratégias

retóricas. Questões relacionadas ao armazenamento e organização do material eram abordadas timidamente, mas já com indicações de que o acúmulo de informações imporia necessidades específicas de catalogação e arquivamento do que era produzido (DÍAZ NOCI, 1994).

As principais referências das pesquisas precursoras sobre o novo tipo de jornalismo que se anunciava, desde que os primeiros jornais lançaram suas versões para a Web, abordam aspectos e características de uma nova prática em um novo ambiente[68].

Encontramos nestas obras referências a estudos sobre os impactos tecnológicos e transformações nos meios de comunicação e informação, da ordem da linguagem e da narrativa[69], da forma[70], da sociabilidade[71], ou de mudanças que afetaram o Jornalismo[72].

Melinda McAdams (1995), à época da publicação do referido artigo, produtora de conteúdos da *Digital Ink Co.*, subsidiária da *The Washington Post Company*, explicou as diferenças entre os jornais *online* e os de papel. Para a autora[73], o espaço eletrônico de informação requer que pensemos em um lugar onde as pessoas passem o tempo, um lugar ao qual elas possam retornar quantas vezes quiserem, mais do que um produto que elas recebam, usem e descartem. *"People who have not lived online do not seem to know this. They see a flat screen and they equate it with flat paper"* (MCADAMS, 19995:84)[74]. McAdams argumenta que os jornais on-line podem publicar informação que o jornal de papel não pode

---

[68] DÍAZ NOCI (1994); MCADAMS (1995); VITTADINI (1995); ARMAÑANZAS *et al* (1996); MACHADO e PALACIOS (1997; 2003); DÍAZ NOCI e MESO (1997); SQUIRRA (1997); MIELNICZUK (1998, 2003); BARDOEL e DEUZE (1999); BOLTER e GRUISIN (1999); SCHULTZ (1999); ARMENTIA *et al* (2000); MACHADO (2000, 2001, 2004, 2006); BASTOS (2000); SILVA JR (2000); CANAVILHAS (2001); PAVLIK (2001); DE WOLK (2001); PALACIOS (2002); PALACIOS et al (2002); DÍAZ NOCI (2002); PRADO (2002); BOCZKOWSKI (2004); QUINN (2005), entre outras já citadas (BARBOSA, 2007, 2008a, 2008b; PALACIOS, 2009, 2010) e ainda por citar.

[69](BOLTER, 1991; LANDOW, 1995, 1997, 2006, 2009; AARSETH, 1997; MURRAY, 1997; RICH, 1998; LIESTOL, 1999; MANOVICH, 2001; RYAN, 2001; MARCUCHI e XAVIER, 2005).

[70] (NIELSEN, 1999; JOHNSON, 2001; MEADOWS, 2003).

[71] (LÉVY, 1993, 1999; LEMOS, 1997; RIBEIRO J., 2001; RIBEIRO J. et al, 2006).

[72] (MORGAINE, 1972; SMITH, 1980; MEYER, 1991).

[73] Atualmente, Mindy McAdams como assina, é professora *Knight Chair* do departamento de jornalismo da Universidade da Flórida. É autora de livros como *The Internet Handbook for Writers, Researchers and Journalists* (1997, 2ª Ed. 2000, 3ª Ed. 2002) e *Flash Journalism: How to create multimedia news packages* (2005).

[74] |Tradução nossa|: "As pessoas que não viveram on-line não sabem isso. Elas veem uma tela plana e associam ao plano do papel" (MCADAMS, 19995:84)

por falta de espaço e tempo. Podem oferecer tipos de informação que os jornais de papel nunca puderam alcançar, e manter a informação sempre disponível, dia após dia. O discurso de 95 traz embutida a questão da memória discutida em termos iniciais, quando os arquivos que existiam on-line nas versões para a Web dos jornais se limitavam a disponibilizar edições anteriores com mínimos parâmetros para buscas.

Ainda tratando do tipo de conteúdo que os jornais on-line poderiam oferecer, McAdams (1995) menciona os arquivos que podem ser disponibilizados para buscas pelos usuários, fato que agradou os leitores, apenas decepcionados por terem que pagar 50 centavos por artigo. "*We are also able to link other articles to articles from today's paper, or to breaking stories from the wires, providing instant perspective or background*" (MCADAMS, 1995:77)[75]. Por isso, a autora alerta para a necessidade de se desenvolverem habilidades dos produtores de conteúdos de forma que consigam avaliar rapidamente uma série de artigos e escolher aqueles que se encaixem como material de contextualização, adequadamente organizado.

> One of the harshest criticisms a person can make about online information is to call it "shovelware". The primary meaning is that online information is Just a giant heap "shoveled" online with no regard for its value or meaning. But another aspect of shovelware is lack of organization. If you took the contents of the Encyclopedia Britannica and put them online without a search engine, that would be shovelware too (MCADAMS, 1995:82)[76].

A autora destaca a seletividade, a navegabilidade e a capacidade de realizar buscas como importantes aspectos a serem considerados quando tratamos de conteúdos jornalísticos online. Mecanismos de busca eficientes são oportunidades de agregar valor ao produto notícia

[75] |Tradução nossa|: "Nós também somos capazes de vincular outros artigos aos artigos do jornal de hoje, ou para trazer histórias das redes, proporcionando perspectiva imediata ou plano de fundo" (MCADAMS, 1995:77).

[76] |Tradução nossa|: "Uma das mais severas críticas que uma pessoa pode fazer sobre as informações on-line é a chamá-lo "shovelware". O significado principal é que as informações on-line são apenas um montão gigante empurrados como uma "pá" online sem levar em conta o seu valor ou significado. Mas um outro aspecto do *shovelware* é a falta de organização. Se você tomou o conteúdo da Enciclopédia Britânica e coloca-os on-line sem um motor de busca, isso seria *shovelware* também" (MCADAMS, 1995:82)[76].

que o jornal vende e conferir sentido à mensagem que conseguir organizar em espaços informacionais amigáveis e que ofereçam informações de contexto (MCADAMS, 1995).

Em 1997, os professores da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Elias Machado[77] e Marcos Palacios, publicaram o *Manual de Jornalismo na Internet*[78], propondo uma definição de jornalismo digital como adaptação de uma modalidade específica de conhecimento da realidade a um novo suporte comunicacional, a tecnologia digital de transmissão de informações.

> Numa definição sumária o jornalismo digital envolve toda a produção discursiva que recorte a realidade pelo viés da singularidade dos eventos e que tenha como suporte de circulação a Internet, as demais redes telemáticas ou qualquer outro tipo de tecnologia que transmita sinais numéricos. A diferença do material jornalístico em relação aos demais serviços informativos, como o viva-voz, oferecidos aos usuários destas redes, não advém do suporte, mas sim do tipo de tratamento dispensado aos dados (MACHADO e PALACIOS, 1996).

O trabalho pioneiro no campo do jornalismo nas redes telemáticas, entre as pesquisas brasileiras, diferencia os conceitos de on-line e digital, optando pelo segundo para designar a nova modalidade de jornalismo. O estudo oferece um panorama do jornalismo digital, no Brasil e no mundo, destaca modificações genéricas no campo da comunicação, e mais específicas, com a conjugação de três elementos: a massividade, a interatividade e a personalização. Tratando de especificidades e particularidades de publicações brasileiras e internacionais, os pesquisadores descrevem modelos de jornalismo personalizado, pesquisa, produção e disponibilização de jornais digitais. Neste trabalho que reúne impressões sobre o mercado nacional e internacional de notícias no meio digital, os autores já abordam questões referente à memória ainda sem utilizar esta denominação para caracterizar operações de gerenciamento, organização, disponibilização e recuperação de informações.

---

[77] Atualmente transferido para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
[78] http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm - produzido em 1996, mas publicado no ano seguinte.

O capítulo 9 do estudo de Machado E. e Palacios (1997), *Pesquisando o jornalismo digital na internet*, aborda a indexação e a recuperação de material jornalístico através de sites especializados que operacionalizam o acesso a um imenso banco de dados com informações essenciais para o pesquisador de qualquer área científica ou artística. Os autores destacam a importância dos *search engines* por palavra-chave. Listam uma série de sites de busca, meta-busca e de instituições que disponibilizam links classificados por assunto. Identificam que o problema gerado pela grande produção de informações na internet é saber buscar e selecionar. O excesso de informação disponível demanda uma nova função para o produtor de conteúdos, filtrar e disponibilizar material organizado, facilmente, recuperável e indexado de maneira que se possam visualizar relações entre os fragmentos de informação.

Investigando a interatividade no jornalismo on-line, Luciana Mielniczuk (1999) estudou o caso do *NetEstado*[79], primeira versão on-line do jornal *O Estado de S. Paulo*. O artigo que apresentava dados parciais obtidos no desenvolvimento de sua dissertação de mestrado (1998), apontava como aspectos necessários para um jornal on-line ser interativo: atualização constante, agilidade para tratar e divulgar informações, forma de hipertexto, *design* adequado à internet, diversificação de assuntos, arquivo e pesquisa/modo de busca.

A autora identificava o arquivo e a pesquisa (modo de busca) disponibilizados pelo jornal na internet como aspectos que proporcionavam a interação entre usuários e jornal enquanto produto. Estes aspectos foram identificados em sua pesquisa entre os leitores dos jornais como "o mais importante em um jornal on-line" (1999). A memória, ainda descaracterizada, era materializada no arquivo e na busca para o usuário disponibilizados pelo jornal na internet. No momento deste estudo (MIELNICZUK, 1999), a autora indicava a necessidade de se aprofundar o desenvolvimento de estratégias para promover a interatividade

[79] Em 9 de dezembro de 1995, o primeiro número de *O Estado de S.Paulo* on-line foi disponibilizado com o nome *NetEstado* (MIELNICZUK, 1999).

entre usuários e jornal. Destacava a ineficiência de alguns recursos considerando as limitações tecnológicas da época e o desconhecimento por parte da empresa jornalística sobre o assunto. O arquivo e a pesquisa, embora apontados como elementos importantes para o desenvolvimento da publicação na internet, foram apenas identificados como constituintes de um novo ambiente informacional e aspectos de atração de usuários, sem um aprofundamento sobre suas funções e propriedades.

Em 1999, Marcos Palacios, em conferência proferida por ocasião do concurso para professor titular da Faculdade de Comunicação da UFBA (MIELNICZUK, 2000; PALACIOS, 2002; BARBOSA, 2002), incluiu a memória como potencialidade do meio que amplia possibilidades comunicacionais dos produtos veiculados na Rede. O estudo *Network Journalism: converging competences of old and new media professionals* (2000), de Joe Bardoel e Mark Deuze, identifica quatro características gerais do jornalismo na Web: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade. Com a mesma preocupação, Palacios *et al* (2002a, 2002b) estabelecem cinco características que considera gerais do jornalismo online: multimidialidade /convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, cabendo ainda acrescentar a atualização contínua do material informativo como mais uma característica desse tipo de jornalismo (PALACIOS *et al*, 2002a, 2002b).

Por muito tempo, e ainda hoje, a memória tem sido discutida enquanto recurso que permite a organização e recuperação de material de arquivo, limitando-se a análises de seus mecanismos de busca. O estudo mais detalhado da memória contempla desdobramentos que incluem a construção da narrativa e a diferenciação de modelos de composição de informações multimídia baseados em hipertexto.

Analisando a narrativa hipertextual hipermídia, Marcos Palacios (1999) discute questões sobre 'Hipertexto, fechamento e uso do conceito de não-linearidade discursiva' em um novo suporte. A não-linearidade discursiva era questionada quando aplicada ao hipertexto. Quando a história se bifurca ou oferece múltiplas possibilidades de continuidade, embora metaforicamente se possa falar em não-linearidade, o termo hipertexto é melhor descrito, segundo o autor, como multilinear. Citando Christian Metz (1983), distingue na narrativa duas linhas temporais: linha do discurso e linha da história. Num filme ou numa novela, a sequência temporal discursiva é unidirecional. Na linha da história, pode não existir sincronia entre discurso e história; elementos da história e elementos do discurso podem ser anacrônicos ao apresentarem muitos *flash-backs*, por exemplo.

Palacios relaciona também história e discurso em termos de duração, que explica como o tempo que leva para se narrar um evento na história, comparado com o tempo dos eventos do universo ficcional. Citando Gerard Gennete (1983), apresenta as cinco categorias para análise da duração, quais sejam, *Sumário*, *Elípse*, *Cena*, *Alongamento* (*stretch*), e *Pausa*. O *Alongamento*, que nos interessa agora, ocorre quando o tempo do discurso é maior que o tempo da história, como em cenas de câmera lenta (no vídeo), ou descrições extremamente detalhadas na literatura. Na hipermídia, constata Palacios, o *Alongamento* se dá quando se seguem links que acrescentam mais material sobre um mesmo tema. O texto digitalmente armazenado necessita de rotas de leitura baseadas na seleção e combinação de elementos existentes em um arranjo espacial e não linear de nódulos e links.

O discurso hipermidiático é multilinear e operacionalizado através de links. Considerando os estudos de Gunnar Liestol (1994) sobre a narrativa no hipertexto, Palacios argumenta que o discurso armazenado, virtualizado, se atualiza por um processo de leitura e, nesse processo, seja numa obra hipertextual, seja no mais tradicional dos textos impressos,

linearidades discursivas são forçosamente construídas a partir das diferentes combinações de elementos (lexias) que o leitor pode acionar ao seguir diferentes rotas ou trilhas de leitura (PALACIOS, 1999).

Como as dinâmicas das Redes intensificaram os processos comunicacionais, os arquivos dos cibermeios se beneficiaram de uma nova lógica descentralizada de armazenamento de informações. As *morgues* passaram de departamento separado do jornal a parte fundamental de sua composição (MACHADO E., 2001). A narrativa multilinear com conteúdos dispostos em diversos fragmentos conectados por links, registrados em diferentes formatos como texto, áudio, foto, vídeo, distribuíram-se em rede. O aumento da quantidade de informação produzida impôs a necessidade do gerenciamento de um repositório de dados para os jornais, para suprir as necessidades espaciais que demanda a atualização contínua. Como administrar tanta informação sendo gerada a todo momento? Como identificar, organizar e recuperar conteúdos tão diversos e dispersos? Não basta apenas ter espaço infinito para armazenar.

Para Lev Manovich, em *The Language of New Media* (2001), as bases de dados são a principal forma cultural simbólica de nossos tempos, lógica e estrutura para forjar grande parte dos objetos das novas mídias. Representam o mundo através de uma coleção de itens; são o centro do processo criativo da sociedade contemporânea (MANOVICH, 2001).

Lev Manovich (2001) identifica princípios que diferenciam a velha da nova mídia e que contribuem significativamente com a configuração da narrativa na Web: 1-representação numérica, 2-modularidade, 3-automação, 4-variabilidade e 5-transcodificação. Estes princípios transformam a narrativa que se torna programável, fractal, automática, variável a partir de uma fonte comum, visualizada, acessada e manipulada através do computador, configurando um ambiente interativo.

Manovich (2001) considera que a narrativa interativa é constituída pelos links entre os registros de uma base de dados de maneira que mais de uma trajetória seja possibilitada ao usuário. Esta assertiva é indissociável da hipertextualidade, já que o link é o recurso técnico que potencializa o funcionamento do hipertexto (PALACIOS e MIELNICZUK, 2002c). Sendo assim, podemos dizer que toda narrativa na Web é interativa (MANOVICH, 2001; MEADOWS, 2003), e, considerando o fato de ser o link o operacionalizador das escolhas e transições entre produtor, interface e usuário, toda narrativa na Web é hipertextual (JOHNSON, 2001; LANDOW, 2006). Desta maneira, interatividade e hipertextualidade são as duas características do meio, entre todas as outras, responsáveis pela função narrativa de organizar e tornar facilmente acessíveis os dados na tela. Operacionalizadoras dos conteúdos nos cibermeios, essas características compõem o *modus operandis* da memória e juntamente com a multimidialidade dão forma aos arquivos, às narrativas e às primeiras páginas.

Uma das metáforas da memória do mundo contemporâneo é aquela que inclui as bases de dados (BDs) como estrutura, processo e forma simbólica de um mundo digital e conectado, multitemporal, multidimensional, reconfigurado, ultrarrápido, transmidiático, coletivo, interativo.

Tema central das discussões sobre o Jornalismo contemporâneo, as BDs são uma forma cultural com estatuto próprio. Elias Machado (2004) defende que elas assumem ao menos três funções simultâneas e complementares, como uma forma cultural típica: 1) de formato para a estruturação da informação; 2) de suporte para modelos de narrativa multimídia e 3) de memória dos conteúdos publicados. Para o autor, “no mundo das redes digitais, a memória, antes de refletir um passado morto, apresenta parâmetros para aumentar o coeficiente de previsão no fluxo ininterrupto de circulação de notícias” (MACHADO E., 2006:25).

Neste trabalho e noutros por citar, “as bases de dados (BDs) na era do computador são entendidas de maneira amplificada para além de sua noção mais básica de estrutura de dados para rápida recuperação, que até então norteou os procedimentos de armazenamento e ordenamento de informações, para adquirir o *status* de nova forma cultural simbólica” (BARBOSA, 2007). Em sua tese de doutorado, Suzana Barbosa (2007) identifica as BDs como um aspecto-chave para a construção de sites jornalísticos, sob o foco de continuidades, remediações, rupturas e potencialidades. Estuda as BDs no campo do jornalismo a partir de seu novo *status*, que consolida um padrão dinâmico para os cibermeios, e nomeia a modalidade na Internet de ‘Jornalismo Digital em Bases de Dados (JDBD)’. A pesquisadora discute uma nova metáfora para a representação de conteúdos de natureza jornalística: a *database aesthetics* ou estética base de dados (BARBOSA, 2007).

Os trabalhos dos dois autores marcam um momento em que, nas pesquisas brasileiras sobre o jornalismo na internet, conferiu-se às bases de dados novo *status* (BARBOSA, 2004; MACHADO E., 2004), mais consolidado, dentro dos estudos sobre a nova modalidade de Jornalismo. Desde o ano 2000, quando da defesa de sua tese de doutorado *La Estructura de La Noticia em las Redes Digitales – Um estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*, Elias Machado já indicava preocupações com questões sobre a superação da arquitetura centralizada dos arquivos das publicações jornalísticas digitais.

Tais estudos até agora apresentados, têm contribuído com uma melhor compreensão sobre a engenharia do ciberjornalismo e, consequentemente, para a melhor implementação dos cibermeios, sobretudo porque demonstram a importância de se conhecer como se organizam, estruturam, interrelacionam, apresentam e se recuperam os conteúdos em um cibermeio; como circulam os fluxos abstratos de informação; que mecanismos e recursos podem ser adotados para oferecer informação mais contextualizada e conteúdo com maior qualidade para o usuário; como o sistema de produção de conteúdo jornalístico pode ser

aperfeiçoado; e como o jornalista pode realizar suas tarefas de modo ágil e eficaz (BARBOSA e RIBAS, 2008).

Na busca por problematizar a questão da memória no ciberjornalismo, estabelecemos empreitadas de leituras de áreas afins para amplificar nosso referencial sobre as questões que o estudo da memória suscita. Percebemos que estudá-la não poderia se limitar aos arquivos e sua recuperação, como até então se fazia no campo do ciberjornalismo (DÍAZ NOCI, 1994; MACHADO E. E PALACIOS, 1997; PALACIOS *et al*, 2002a, 2002b). Abordar a memória no ciberjornalismo é mais que tratar de métodos de armazenamento e recuperação de material produzido pelos cibermeios. É assumir o novo *status* estruturante das BDs como marco teórico referencial e agregar discussões que considerem o caráter social da nova mídia.

Na primeira etapa da pesquisa, reunimos um conjunto de amostras aleatórias direcionadas (MARSHALL e ROSSMAN, 1999), em um total de 100 registros de páginas de 10 cibermeios[80] onde havia elementos de memória. As amostras foram recolhidas em diferentes momentos da pesquisa, de forma contínua, com foco em elementos, recursos ou aspectos diretamente relacionados com critérios e conceitos relevantes para os temas dos arquivos, documentos, bases de dados, armazenamento de dados, história, histórico de acontecimentos, contextualização, *flashbacks*, *backgrounds*, organização de informação, filtragem de informação, relação entre as publicações do mesmo grupo, articulação entre conteúdos de versões dos periódicos em outros dispositivos, notícias relacionadas, memória coletiva, etc. Desta observação e tabulação dos dados, chegamos aos seguintes elementos de memória:

[80] *El Mundo, El País, El Correo Digital, Estadão, Folha de S. Paulo, A Tarde, O Globo, The Guardian, The NY Times, Público.*

Cibermeios	Nº de telas capturadas em cada cibermeio	Elementos de Memória
El Mundo	12	Sistema de busca simples e avançado, Hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora, tags, ferramentas de visualização de resultados, busca por formato.
El País	14	Sistema de busca simples e avançado,, Hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora, tags, busca diferenciada por formato.
El Correo Digital	6	Sistema de busca, Hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora, memória da comunidade.
Estadão	10	Sistema de busca, arquivo digital, links com o passado, links com notícias de última hora.
Folha de S. Paulo	10	Sistema de busca, arquivo e sistema avançado de busca, links com o passado, links com notícias de última hora.
A Tarde	6	Sistema de busca por data e palavra, links com matérias relacionadas quase nunca.
O Globo	6	Sistema de busca, Hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora.
The Guardian	13	Sistema de busca, hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora, sistema inovador de visualização de resultados, horas em imagens arquivadas.
The NY Times	15	Sistema de busca, hemeroteca, links com o passado, links com notícias de última hora, tags, ferramentas de visualização de resultados, personalização dos resultados.
O Público	6	Sistema de busca que não funciona, dossiês, links com notícias relacionadas.
Total:	100	

Tabela 3 – Elementos de memória em cibermeios.

Os elementos de memória identificados através de navegação orientada, com vistas ao reconhecimento de indicadores, permitiram uma primeira constatação: os elementos de memória podiam ser identificados com mais clareza nas seguintes áreas dos cibermeios: primeira página; página do sistema de busca e/ou hemeroteca; reportagem. Estes pareciam ser os ambientes mais propícios para explorar a memória.

A busca pelos parâmetros de análise que mais contribuíssem com a direção que tomava a pesquisa do Convênio Brasil-Espanha direcionou nossa metodologia, que passou a valorizar o que se repetia entre os cibermeios. Já que o corpus empírico do convênio estava

definido em 14 cibermeios, a oportunidade era aproveitar o potencial para mostrar ocorrências e recorrências, sob uma perspectiva comparativa com a primeira fase da pesquisa. Precisávamos identificar padrões para daí separar o que se diferenciava em cada caso. Analisar um período de tempo mais curto para cada cibermeio foi a opção que viabilizou a pesquisa e otimizou a coleta de dados, pois o montante de amostras se apresentava cada vez maior, a ponto de questionarmos e darmos mais atenção à essa etapa fundamental do estudo. Fazíamos cópias das páginas inteiras dos cibermeios e armazenávamos em nosso sistema de diretórios. Ao redigirmos as constatações, íamos ilustrando as explicações com partes selecionadas desse conjunto de amostras.

Os indicadores de memória extraídos da classificação preliminar foram organizados por unidade de análise. Identificamos a princípio que os elementos de memória existem sob a forma de indexadores (organizativos), sistemas de busca (operacionais), apresentação de resultados (visualização):

Unidades de Análise	Indicadores
A) Primeira página	- campo de busca - indexação por formato - mapa do site - chamada para conteúdos de arquivo - indexação de conteúdos “mais acessados”, “mais comentados”, “Destaques do dia”, “imagens da semana, do dia” etc... - chamadas para galerias (fotos, vídeos, áudio) - chamadas com links internos aparentes
B) Arquivo ou Hemeroteca	- sistema de busca avançado - ferramentas de análise de dados - recuperação por formato - conteúdo contextualizado cronologicamente (há 30 anos, há 10 anos) - acesso a edições anteriores do impresso - acesso a edições anteriores do on-line
C) Reportagem	- links contextuais - links relacionados - posicionamento dos links dos dois tipos: no corpo do texto ou topo, laterais - comentários disponíveis - tipos de reportagem com base na memória: Obituário;

	Aniversário; Datas comemorativas: religiosas, históricas, eleitorais; Protagonismo: casos de polícia; casos de política - linha do tempo - indicação de atualização contínua

Tabela 4 – Indicadores de memória em cibermeios, por unidade de análise.

Para identificar e ilustrar cada um dos elementos identificados, trazemos exemplos destacados dos cibermeios.

A) Primeira página:

- Campo de busca

Figura 1 – *El Mundo*, campo de busca na primeira página

- Indexação por formato

Figura 2 – *El Mundo*, indexação por formatos na primeira página

- Mapa do site

Figura 3 – *Jornal do Commercio*, mapa do site na primeira página

- Chamadas com links internos aparentes

Figura 4 – *El Mundo*, links internos na primeira página

- Indexação de conteúdos "mais acessados", "mais comentados", "Destaques do dia"

Figura 5 – *El Correo*, conteúdos indexados por acesso e atualidade

- Chamadas para galerias (fotos, vídeos, áudio)

Figura 6 – *Correio Braziliense*, chamada para galeria de imagens, primeira página.

B) Arquivo ou hemeroteca

- Sistema de busca avançado

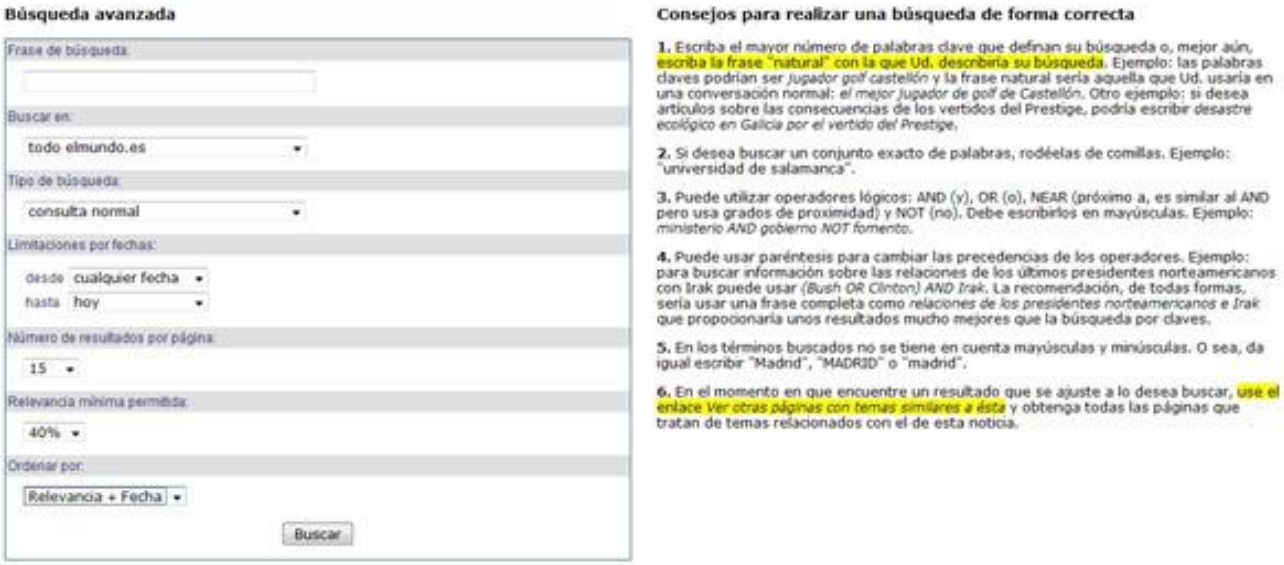

Figura 7 – *El Mundo*, buscador avançado

- Busca por formato

Figura 8 – *El País*, busca por formatos

-Ferramentas de análise de dados

Figura 9 – *La Vanguardia*, ferramentas para análise de resultados

- Exposição de conteúdo contextualizado cronologicamente (há 30 anos, há 10 anos)

Figura 10 – *La Vanguardia*, resgate de conteúdos antigos

- Acesso a edições anteriores do impresso

Figura 11 – Edições anteriores do impresso disponibilizadas pelo cibermeio

- Acesso a edições anteriores do on-line

Figura 12 – *El Correo*, sistema de busca de conteúdos publicados pela edição on-line

C) Reportagem

- Links contextuais

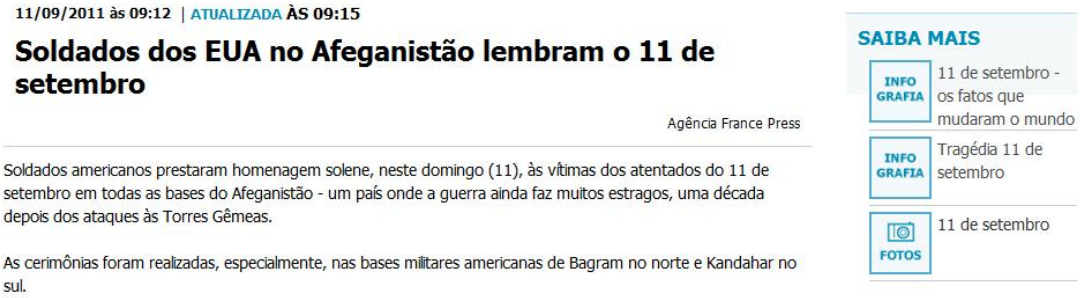

Figura 13 – *A Tarde On-line*, links contextualizam e explicam acontecimentos

- Links relacionados

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- **Irã: 11 de setembro foi teatro americano para invasão ao Oriente Médio** em 11/09/2011 às 09:19
- **Soldados dos EUA no Afeganistão lembram o 11 de setembro** em 11/09/2011 às 09:12
- **11 de Setembro: Papa apela aos políticos a "resistir à tentação do ódio"** em 11/09/2011 às 09:02
- **Leia a íntegra da mensagem de Dilma a Obama pelo 11 de Setembro** em 10/09/2011 às 12:31
- **Perguntas e respostas sobre o 11 de setembro** em 09/09/2011 às 18:44

Figura 14 – *A Tarde On-line*, lista de notícias relacionadas com data e horário de atualização

- Posicionamento dos links dos dois tipos: no corpo do texto ou topo, laterais

The epic confrontation about how America will power the economy of the future formally got underway today amid stark warnings from the Obama administration of the costs of inaction on energy reform.

Today's hearing, the first of three blockbuster sessions in the Senate, marks a last heave by administration officials and Democratic leaders to advance a bill to reduce America's greenhouse gas emissions before an international climate change meeting at Copenhagen, now just six weeks away.

They were met with strong opposition from a powerful Democrat as well as Republicans on the environment and public works committee.

With the clock running down to Copenhagen, the administration wheeled out four top officials to make the case that failure to act now on climate change would relegate America to lower tier status in the global economy. "When the starting gun sounded on the clean energy race, the United States stumbled," Steven Chu, the energy secretary, told the environment and public works committee. "If we don't choose to begin the

Figura 15 – *The Guardian*, links no corpo do texto

- Comentários disponíveis

Comentarios 86

Moderación previa

Informamos a los usuarios de que los comentarios de este foro serán revisados por el equipo de Moderación de LaVanguardia.com antes de ser publicados.

Normas de participación

+ Añadir comentario

Siguiente > Última >>

Alta Velocidad
25/06/2010 | 18:29h

Vota : 0 0

Pues a mi no me deja de sorprender que no hayan mas muertos... Hasta familias con el carrito de bebe cruzan por allí. Quien no se ha sorprendido alguna vez de la velocidad en que passan los trenes a menos de un metro nuestro en la estación? Ya va siendo hora de vallar las vías en su paso por la estaciones o almenos las de Alta Velocidad ya que las vías de cercanías pasan al lado de la de Alta Velocidad y eso es peligroso de por si. Mis condolencias a los familiares.

Notifica comentario inapropiado | Responde

Laura
25/06/2010 | 14:15h

Vota : 0 0

Mi opinión es que no todo es tan fácil como esponeis vosotros, ya que los jovenes (yo entre ellos), vivimos en una cajita de cristal, y para nosotros todo lo que viene del exterior no es tan peligroso como lo ven los mayores. Creo que habiendo más abisos e incluso, habiendo más control no dejarían de hacer cosas imprudentes, porque esto ha sido un accidente, pero no dejarán de haberlos por mucha más vigilancia que haya, porque también lo habrán en otros sitios. Lo siento por la familia afectada

Notifica comentario inapropiado | Responde

Figura 16 – *La Vanguardia*, comentários dos usuários

- Linha do tempo

Figura 17 – *Gazeta do Povo*, linha do tempo

Destes resultados, na busca por indicadores de memória, extraímos uma classificação preliminar baseada em estudos anteriores como *Hiperdocumentos: composición, estructura y evaluación* (CODINA, 2003); e *The digital press archives of the leading Spanish online newspapers* (GUALLAR e ABADAL, 2009).

O estudo de 2003 de Lluís Codina publicado no *Manual de Redacción Ciberperiodística* (ALIAGA e DÍAZ NOCI, 2003), indicava parâmetros para avaliação de *websites*, considerando aspectos objetivos para as análises, organizados da seguinte maneira: **I- Conteúdo e acesso à informação:** **1-Acesso à informação:** 1.1- Navegação global, 1.2- Expressividade, 1.3- Identificação, 1.4- Varredura sequencial, 1.5- Navegação estrutural, 1.6- Navegação constante, 1.7- Hierarquização, 1.8- Navegação local, 1.9- Navegação semântica, 1.10- Sistema de etiquetas, 1.11- Recuperação de informação; 1.12- Busca avançada, 1.13- Linguagem documental. **2- Ergonomia:** 2.1- Facilidade, 2.2- Flexibilidade, 2.3- Claridade, 2.4- Legibilidade, 2.5- Recursos multimídia. **II- Visibilidade:** **3- Luminosidade:** 3.1- Links, 3.2- Contexto do link, 3.3- Antecipação, 3.4- Oportunidade, 3.5- Qualidade de links externos, 3.6- Atualização, 3.7- Tratamento.

4- Posicionamento: 4.1- Metadados, 4.2- Dublin Core, 4.3- Popularidade. **III- Usabilidade:** **5- Adaptação:** 5.1- Adaptação, 5.2- Redundância, 5.3- Acesso, 5.4- Política. Como conclusão, Codina (2003) indica os principais aspectos para compor uma ferramenta de análise de produtos que permite avaliar níveis de uso de recursos na Web.

Javier Guallar e Ernest Abadal (2009) analisam o nível de desenvolvimento dos arquivos de notícias de 13 jornais espanhóis de grande circulação no ciberespaço. Avaliam 20 indicadores divididos em 4 seções: Características gerais, Sistema de consulta, Apresentação de resultados e Outros recursos.

Os arquivos de notícias dos jornais on-line foram analisados para determinar seu nível de desenvolvimento e as condições de busca e navegação que ofereciam, de acordo com um conjunto de indicadores de qualidade mantido por bancos de dados de imprensa profissionais (GUALLAR e ABADAL, 2009). O nível de desenvolvimento dos arquivos de notícias digitais não é homogêneo. Dos jornais estudados pelos autores (GUALLAR e ABADAL, 2009), cinco apresentaram um nível elevado ou médio-alto de desenvolvimento. Os pesquisadores analisaram *La Vanguardia*, *ABC*, *El País*, *El Mundo* e *El Periódico*, todos versões on-line de jornais impressos de prestígio.

Javier Guallar e Ernest Abadal (2009) chegaram à conclusão que menos da metade dos principais jornais espanhóis mostram níveis altos ou médios de desenvolvimento de seu arquivo digital, embora não tão altos quanto os melhores bancos de dados de imprensa, e os restantes ainda longe de satisfazer os requisitos de um sistema de busca profissional, como os exemplos que utilizaram para basear a pesquisa, *Lexis-Nexis*, *Factiva* e *My News*. Anunciam que os indicadores que definiram podem também ser úteis para análise de situação em outros países.

Seção	Indicador	Descrição
Características gerais	1.1. Nome e localização	O nome que o jornal dá ao seu sistema de busca ou sistemas, e sua localização na página inicial. Este indicador não foi utilizado para a avaliação.
	1.2. Informação sobre a tecnologia utilizada	Informações e esclarecimentos sobre o programa utilizado e sua prestação de contas (se é interno ou sistema externo). Este indicador não foi utilizado para a avaliação.
	1.3. Cobertura	A cobertura temporal do arquivo de imprensa. A proporção de arquivo que é acessível on-line e se teve uma cobertura de pelo menos cinco anos.
Sistema de consulta	2.1. Tipos de busca	Tipos de consulta por palavra-chave disponíveis. Se o arquivo de imprensa teve mais de uma opção de pesquisa, como simples e avançado.
	2.2. Combinação de termos de busca	Recursos avançados p/ termos de busca: operadores booleanos, busca de expressões literais, operadores de proximidade, o uso de parênteses para aumentar combinações, e ajuste da porcentagem de relevância da consulta. Com objetivo de satisfazer plenamente este indicador, o sistema deve oferecer, pelo menos, pesquisas com operadores booleanos e expressões literais.
	2.3. Busca por data	Pesquisa por data. Analisa se o sistema permite busca por datas exatas de pesquisa.
	2.4. Busca por coleção	Capacidade de diferenciar entre pesquisas globais e parciais das coleções nas diferentes seções do jornal, suplementos, etc
	2.5. Busca por partes do documento	Capacidade de diferenciar entre pesquisas globais ou parciais em campos como autor, título e seção.
	2.6. Reutilização de estratégia de busca	pção para salvar consultas anteriores, se o sistema tem uma opção de histórico de pesquisa.
	2.7. Busca por navegação	Possibilidade de navegar por assuntos do documento.
	2.8. Ajuda	Existência de textos explicativos sobre o uso do sistema de busca.
Apresentação de resultados	3.1. Gerenciamento da lista de resultados	Opções para gerenciar os resultados, tais como requisitá-los por relevância e data ou limitar o número de resultados por página.
	3.2. Campos (partes) de documentos	Número e tipo de campos mostrados em cada resultado (por ex., autor, título, data, seção, etc.) Um motor de busca satisfaz este indicador se oferece pelo menos quatro campos.
	3.3. Identificação de termos de busca no documento	Destaque dos termos de pesquisa nos resultados ou no documento.
	3.4. Opções de formato para visualizar documentos	Diferentes formatos de documento (HTML, PDF, etc.)
	3.5. Opções para gerenciamento de documentos obtidos	Diferentes formas de gestão de documentos obtidos: envio por e-mail, imprimir, salvar, obter e utilizar estatísticas, avaliar ou comentar a notícia, compartilhamento (enviar para sites de relacionamento social), etc Um motor de busca satisfaz este indicador se dispõe de, pelo menos, quatro opções.
	3.6. Apresentação de documentos relacionados	Obtenção de documentos relacionados aos resultados no arquivo de notícias ou de fontes externas.
Outras características	4.1. Acessibilidade	Grau de cumprimento das normas de acessibilidade que permitem que pessoas com deficiência consultem sites. Para a análise quantitativa o programa Tawdis foi usado. Este indicador não foi utilizado para a avaliação.
	4.2. Visibilidade	Impacto da página de arquivo é avaliado com base no número de ligações a ela a partir de páginas da web em outros domínios. O Yahoo Site Explorer foi o serviço usado para contá-las.
	4.3. Custo	Acesso gratuito ou pago para o arquivo de imprensa. Este indicador não foi utilizado para a avaliação.

Tabela 5 - Indicadores para analisar arquivos de imprensa digitais (GUALLAR e ABADAL, 2009).

O primeiro estudo (CODINA, 2003) nos proporcionou uma visão abrangente dos indicadores para avaliar websites de uma maneira geral. Elementos de memória como 1.7- Hierarquização, 1.8- Navegação local, 1.9- Navegação semântica, 1.10- Sistema de etiquetas, 1.11- Recuperação de informação; 1.12- Busca avançada, 1.13- Linguagem documental, 3.2- Contexto do link, 3.3- Antecipação, aparecem pulverizados na classificação geral.

Já o estudo de Javier Guallar e Ernest Abadal (2009) é mais específico e trata aspectos mais importantes dos arquivos dos cibermeios, no que se refere à consulta e apresentação de resultados. Ambas pesquisas (CODINA, 2003; GUALLAR e ABADAL, 2009) direcionaram nossas observações, organização de indicadores e classificação de resultados.

Identificamos e extraímos da organização inicial de elementos de memória que tabulamos (Tabela 4 – Indicadores de memória em cibermeios, por unidade de análise), a seguinte classificação que relacionaremos, no capítulo 3, à Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011), na busca por ampliar as possibilidades de composição de parâmetros para mensurar qualidade em cibermeios, com base em elementos de memória compreendidos a partir da seguinte classificação:

Elementos de memória			
	Primeira página	**Arquivo**	**Reportagem**
Filtragem	- links internos aparentes - indexação por formato - chamada para conteúdos de arquivo - indexação de conteúdos “mais acessados”, “mais comentados”, “Destaques do dia”, “imagens da semana, do dia” etc... - chamadas para galerias (fotos, vídeos, áudio) - chamadas com links internos aparentes	- chamada para conteúdo histórico ou cronologicamente organizado - recuperação por formato	- links relacionados internos e externos - capacidade de vínculo com redes sociais e indexadores coletivos - tipos de reportagem com base na memória: Obituário; Aniversário; Datas comemorativas: religiosas, históricas, eleitorais; Protagonismo: casos de polícia; casos de política

Contextualização	- notícias e/ou últimas notícias relacionadas aparentes	- ferramentas auxiliares para visualização de informações relacionadas - ferramentas de análise de dados - busca avançada	- links contextuais - comentários de usuários - linha do tempo - últimas notícias relacionadas - indicação de atualização contínua
Disponibilidade	- campo de busca - chamada para material de arquivo - mapa do site	- parâmetros como período cronológico, data específica, palavras-chave, formato de arquivo, editoria, autoria - comentários de usuários associados aos resultados - acesso a edições anteriores do impresso - acesso a edições anteriores do on-line	- links externos - *tags* ou nuvens de *tags*

Tabela 6 – Elementos de memória de filtragem, contexto e disponibilidade.

Os elementos identificados na pesquisa vão compor, no próximo capítulo, os resultados das análises dos modelos de memória desenvolvidos pelos cibermeios que integram nosso corpus empírico. A partir de aspectos identificados entre estes elementos, compreendemos o cenário de transformação dos espaços onde a informação é armazenada, como ela está armazenada, mas, sobretudo, como ela pode ser recuperada e produzida, e posicionada enquanto arquivo que estará automaticamente disponível ao usuário.

Os indicadores fazem parte de um universo geral, que agrega conjuntos diferentes em momentos diferentes das informações, quando estão na primeira página, quando compõem reportagens ou quando são acionadas através das seções de arquivos. A classificação mostra os principais elementos de memória encontrados nos cibermeios analisados.

Elementos de filtragem - Facilitam o uso do material informativo disponível, sinalizando a existência de conteúdos relacionados ao tema, sinalizando caminhos para os diferentes dados e informações. Hierarquização de conteúdos. Ocorrem na primeira página, reportagem e nos arquivos.

Elementos de contexto - Permitem ao usuário fazer associações entre os temas, conhecer outros acontecimentos semelhantes na história, entender processos e ter uma visão geral do assunto abordado como um *lead*. Os elementos de contexto estão na primeira página e na reportagem

Elementos de disponibilidade - Facilitam o acesso aos conteúdos produzidos pelo cibermeio. Deixam disponíveis ferramentas para recuperar informação de acordo com demandas do usuário. Estão relacionados às seções de arquivos ou hemerotecas.

Os elementos e indicadores de memória serão retomados posteriormente, quando passarmos à explicações mais aprofundadas sobre a reformulação do instrumento de análise.

2.2 Usuários e tecnologia mais avançados

Vivemos em um mundo fragmentado e hiperconectado. O usuário apreendeu a publicar suas opiniões, promover correntes em favor de alguma causa, recomendar produtos e destacar assuntos que considera relevantes (ou não) na Internet. Suas críticas podem afetar resultados, positiva ou negativamente, e promover comoções em massa. Seus esforços podem fazer algum assunto ser comentado por muitas pessoas ao mesmo tempo, em várias partes do mundo, e até mesmo merecer destaque em coberturas na televisão, no rádio ou nos jornais impressos. Já é prática comum do jornalismo tradicional citar o ciberespaço como fonte (MACHADO E., 2003), principalmente desde que as fontes passaram a utilizar as mídias sociais para verbalizar ou ilustrar momentos de seu dia a dia, sentimentos, eventos, opiniões, declarações, apoios, entre outras tantas formas de demarcar seus espaços.

O usuário é coparticipante voluntário da comunicação e ator dinâmico da criação de valor na Internet, juntamente com os engenheiros de SEO[81]. Já não há o monopólio da

[81] *SEO – Search Engine Optimization.*

reputação. A reputação 2.0 é uma reputação distribuída, que se deve aprender a conhecer e manejar, e principalmente, ter em conta que na Internet, existe incontável número de SEOs observando, avaliando, desenvolvendo e acumulando resultados a partir de estratégias para conseguir mais cliques e posições mais evidentes nos resultados de buscas. A capacidade de atenção é recurso escasso hoje. O que impera na Web é a Economia da Atenção (DAVENPORT e BECK, 2002), onde a moeda de troca é o tempo do usuário. Do mesmo modo que sem visibilidade não há venda, sem atenção não há reação.

Os SEOs trabalham para alcançar a atenção dos usuários e ver crescer os números computados a cada clique, a cada minuto que permanecem no website, a cada produto ou serviço vendido através do clique, a cada opinião positiva publicada nas redes sociais. O produtor de conteúdos precisa da reação do usuário. A reputação, entendida como propriedade compartilhada entre instituição e usuário, está marcada hoje por um fator tecnológico: a Internet nunca esquece (LASICA, 1998). A memória, como uma das potencialidades do meio, é produzida a cada instante, seja por empresas e instituições ou pelos próprios usuários. Em um mundo com excessiva oferta informacional, confiamos em recomendações e opiniões para decidir.

Está instaurada a era dos arquivos 2.0. Testemunhamos o surgimento de novos métodos e ferramentas de indexação e recuperação da memória gerada a partir das conversações nas mídias sociais, das apurações do *Wikileaks*, das repercussões nos meios de comunicação tradicionais e experimentais, das produções de todos para todos. E, também, da presença e da ausência de habilidades do usuário comum e de ferramentas para conseguir diferenciar conteúdos gerados com o intuito de criar falsas verdades.

Twitter, *Facebook*, *Youtube*, entre diversos outros, possuem as *tags* como convenções que, além de organizar a informação por grupos temáticos, oferecem possibilidade de ser

usadas para expressar sentimentos, estados de humor, sintetizar a mensagem ou algum aspecto importante. São links que ligam palavras-chave ao conteúdo de mesmo tema reunido em uma página com mais links. Precedida do símbolo "#" (*hash*), as *tags* se transformam no *Twitter* nas famosas *hashtags*[82], que extrapolam os limites do microblog e passam a ser utilizadas como linguagem[83].

A repercussão das informações publicadas através do microblog ou de outras mídias sociais, pode desempenhar importante papel na atualização das notícias dos cibermeios, ou das mídias tradicionais, que também têm ressonados amiúde na Web ecos do que veiculou.

2.3 Ambiente mais favorável

A utilização otimizada de mídias sociais interessa a produtores de conteúdo: novos canais de divulgação, novas fontes, novos modelos de negócio. *Twitter* e *Facebook* são as redes sociais que revolucionaram a forma de se comunicar na Internet. Classificado como microblog (ZAGO, 2008), o *Twitter* tem como características permitir comunicação rápida e objetiva (em 140 caracteres); reunir grande número de seguidores e multiplicadores de informação, além de permitir a realização de coberturas em tempo real. Essas coberturas localizam o produtor de conteúdo e criam uma nova relação entre quem produz e quem interage com as informações.

Em meio a um cenário em rápida e contínua transformação, esse jornalismo digital em bases de dados (MACHADO E., 2006; BARBOSA, 2007) está incluído no processo descrito

[82] As *hashtags* são utilizadas pelos usuários do *Twitter* para agregar seus tweets a outros que façam referência à mesma *hashtag*. Os tópicos mais comentados no *Twitter* (*Trending Topics*) se baseiam nas *hashtags* para indexar os conteúdos.

[83](JAVA et al, 2007; ZAGO, 2008, 2011a , 2011b, 2011c; LIMA JÚNIOR, 2009; NEWMAN, 2009; JERÓNIMO e DUARTE, 2010; FRANCISCO, 2010; PRIMO, 2011).

por Palacios (2010) como a retomada reconfigurada das apropriações que o jornalismo faz do passado.

> O jornalismo que conhecemos em nossa Contemporaneidade, com suas origens históricas na Modernidade, não **tem** memória. Tomando-se a questão por essa ótica, o jornalismo **é** memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será **passado relatado**. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da Web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (PALACIOS, 2010:4)[84].

Através do *Facebook*, as pessoas tendem a publicar e compartilhar as informações que consideram referencial, que confiam. Filtram as notícias e mostram para seus amigos.

2.4 A Memória nos Arquivos

O conceito de documento se amplia a cada revolução. Do fonógrafo ao cinema, das tabulas rasas da antiga Roma aos *tweets* impressos em imãs de geladeira ou às fotos do *Facebook* transformadas em um livro de memórias[85]. A definição mais comum de documento era: 1. Objeto que contém informação; 2. Registrada de forma permanente; 3. Acessível, comunicável e passível de tratamento (GONZÁLEZ, 2005: 47). Hoje, o conceito de documento é todo e qualquer tipo de suporte capaz de conservar e transmitir informação (GONZÁLEZ, 2005:164). As Ciências da Informação supõem uma série de atividades entre a produção do documento e o uso que se faça dele. Essas atividades estão destinadas a colocar cada documento em contato direto com o interessado, através de sua imediata identificação, resumo, análise, correlação, até o oferecimento do texto integral.

> La tarea del documentalista consiste en saber emplear técnicas para racionalizar el flujo, reunir informaciones afines y hacerlas lo más accesibles posible. Ahí queda definida la función documental: reunir, conservar, indizar, resumir,

[84] Grifos do autor.
[85] http://www.facebook.com/socialmemories

> posibilitar la consulta y divulgar las fuentes de investigación (GONZÁLEZ, 2005:72)[86].

A função documental vem sendo conferida ao material informativo dos cibermeios, e, para tanto, necessita dos métodos que o trabalho e o meio impõem e das habilidades requeridas de quem o maneja. O caráter coletivo do meio, a nova modalidade de jornalismo, o novo valor do documento, e as novas funções dos arquivos, estão incluídos nos processos de transformações por que vêm passando os cibermeios. Se tratamos da memória no ciberjornalismo, devemos considerar que ela se desenvolve em um meio eminentemente social, que agrega conteúdos publicados e compartilhados por todos e que permite não somente monitorar o acesso aos conteúdos publicados, como eleger estratégias para que o conteúdo esteja mais fácil de encontrar pelo usuário. A Internet conecta potencialmente representações da diversidade dos grupos sociais e de seus traços específicos, e também da homogeneidade e do senso comum.

2.5 A Multimidialidade e a Verve do Passado

Juntamente com a memória, a multimidialidade é uma das seis características do meio que contribuem com uma nova maneira de comunicar na Web. Principalmente para o jornalismo, a multimidialidade trouxe para a modalidade das Redes a capacidade comunicativa dos elementos não textuais para compor a narrativa. Permitiu a integração de elementos audiovisuais ao texto, de maneira que é possível distanciar-se do modelo do impresso e recompor o texto na Web com características que evoluíram da página impressa para um outro dispositivo. Sendo de dois tipos, por justaposição ou por integração (SALAVERRÍA, 2005), a multimidialidade vai junto com todas as outras potencialidades do meio, moldando a narrativa na Web e possibilitando o deslocamento de seu eixo.

---

[86] |Tradução nossa|: "A tarefa do documentarista consiste em saber empregar técnicas para racionar o fluxo, reunir informações afins e fazê-las o mais acessíveis possível. Aí está definida a função documental: reunir, conservar, indexar, resumir, possibilitar a consulta e divulgar as fontes de pesquisa" (GONZÁLES, 2005:72).

O distanciamento dos modelos tradicionais de narrativas para o jornalismo é percebido na medida em que a multimidialidade está inserida em uma estrutura hipertextual e interativa. A narrativa é apenas acionada a partir da reação do usuário, que desde uma porta de entrada pode dar início a uma interação de acordo com seus interesses e demandas. Torna-se ator ativo, inter-ator, ativador da narrativa e comandante de seu ritmo, certamente planejado por alguém, mas tendo sua ativação atrelada às ações do usuário.

Multimidialidade como sinônimo de convergência de diferentes formatos na narração do fato jornalístico (PALACIOS, 2003; MIELNICZUK, 2003) é convenção assumida por diversos autores do campo, embora suas características possam também ser associadas a acepções diferentes do termo convergência (DEUZE, 2004). Tratamos hoje de convergência como modelo das redações que tentam unir as equipes em um contexto único de produção e difusão de informações para vários suportes, com características e potenciais diferenciados. A união das equipes se dá tanto no nível físico de localização dos profissionais na sala, como no nível da produção integrada dos conteúdos. O "jornalista multimídia" é aquele que trabalha informação que poderá ser publicada em diferentes suportes. A "redação multimídia" é aquela que possui equipes com diversas habilidades em outras mídias, mas fundamentalmente que consigam trabalhar de maneira convergente. A "narrativa multimídia" é aquela que consegue integrar texto, áudio, vídeo, foto, em diversos modelos de composição inseridos em contextos multilineares de estruturação hipertextual, interativa e memorialista, que podem ser personalizáveis e atualizados continuamente. O jornalismo multimídia é também multiplataforma.

Quando a multimidialidade é ativada, principalmente tratando-se de jornalismo, as imagens, os testemunhos, as gravações no local do acontecimento, comprovam a veracidade dos fatos. A testemunha estava ali, é mais fácil de acreditar porque se vê. O jornalista conta

com essa capacidade do testemunho para incluir o leitor/usuário. O áudio permite uma ambientação natural, orgânica, que na intenção da tridimensionalidade requer o uso de mais sentidos para absorver-se a informação. As imagens, estáticas ou dinâmicas, captadas, editadas e publicadas ou transmitidas em tempo real, na Web, se colocam como Imagens Agentes, imagens atuantes (*imagines agentes*) (YATES, 2007).

Na Web, a capacidade mnemônica é fundamental para o produtor de conteúdos, que organiza as informações baseando-se em espaços determinados que comunicam através de imagens agentes e permitem estabelecer relações, informar, estimular a imaginação e facilitar a memorização. Yates (2007) considera que as imagens agentes da antiguidade, cuja função era agir sobre a memória individual, para terem o estatuto de ativas, deveriam conter elementos impressionantes, talvez até mesmo chocantes, que sintetizassem o propósito da comunicação e proporcionassem ao observador um desenvolvimento oratório. Para o usuário, se pensamos nas mídias digitais, as imagens ativas permitem reconhecer o que já se conhece, facilitando os processos de interação com o meio e a mensagem, e servindo de guia nos percursos escolhidos. É a Memória mediada pelas imagens.

A reportagem multimídia condensa o acontecimento em imagens que ativam a imaginação, conduzem a ação e transmitem informação em uma narrativa sempre em movimento. Permite que a história seja recontada através das imagens, dos documentos, da cronologia dos acontecimentos em texto, áudio, vídeo, fotografias. A era dos testemunhos (DAVID, 2004) ganha força com a multimidialidade. De posse da realidade, o produtor de conteúdos pode simular o acontecimento e contar o que viu, apurou, testemunhou, juntando aos testemunhos de outras pessoas que presenciaram o fato ou que possuem alguma relação com ele. A multimidialidade estabelece os contornos da arquitetura da memória

operacionalizada pelo hipertexto, alimentada continuamente, personalizável e ativada pela interatividade natural do meio.

Para Bell (2010) vídeos são essenciais para preservar as pessoas. Tratando de questões relacionadas ao que chama de "pós-vida", o militante da Memória Integral reflete sobre as pessoas que morrem e deixam sua presença virtual inevitavelmente desatualizada.

> O que faremos com os registros das pessoas quando elas se forem? Manteremos a herança dessas *e-memories* como um tesouro. E, um dia, faremos perguntas e a *e-memory* responderá. Você terá a imortalidade virtual (BELL e GEMMELL, 2010:115).

Bell (2010) considera enormemente a possibilidade de que um dia possamos conversar com os avatares das pessoas que já morreram[87]. A imagem gerada pelo computador para representar alguém no ciberespaço será capaz de conversar e responder perguntas, saberá de suas ironias favoritas e seus lemas. Conterá gravações suas em momentos de estresse e de calma, de alegria e de irritação, de felicidade e de tristeza. Estas perspectivas estão relacionadas com pesquisas de renomados centros mundiais, que conseguem simular a inteligência das máquinas. E isso não é nada tão novo assim. Alan Turing[88], um dos fundadores da ciência da comutação, propôs um teste para determinar a capacidade de uma máquina em demonstrar inteligência.

> May not machines carry out something which ought to be described as thinking but which is very different from what a man does? This

[87] Vide experiências de uso da imagem tridimensional, como um holograma, de cantores que já morreram, em shows de música: Morto há 15 anos, Tupac Shakur 'ressuscita' em show de Snoop Dogg - http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,morto-ha-15-anos-tupac-shakur-ressuscita-em-show-de-snoop-dogg,862571,0.htm Ver também: Freddie Mercury fará 'participação especial' em musical 'We will rock you' - http://www.d24am.com/plus/artes-shows/freddie-mercury-fara-participacao-especial-em-musical-we-will-rock-you/58547

[88] O matemático britânico Alan Turing ajudou a decifrar os códigos secretos do exército alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1950, no artigo *Computing Machinery and Intelligence*, Turing propõe o jogo de imitação como uma maneira de se identificar consciência artificial. Uma pessoa (A) conversando com uma máquina (B) e com uma outra pessoa (C), cada um em um recinto, sem saber quem é o humano e quem é a máquina. A máquina passa no Teste de Turing se (A) não consegue com segurança afirmar qual dos dois é a máquina. Ver artigo: http://www.alice.id.tue.nl/references/turing-1950pdf

> objection is a very strong one, but at least we can say that IF, nevertheless, a machine can be constructed to play the imitation game satisfactorily, we need not be troubled by this objection (TURING, 1950)[89].

Para Turing, se uma máquina pode conversar como uma pessoa, ela pode pensar como uma pessoa. Ele se incomodava com os questionamentos a respeito da capacidade de "pensamento" das máquinas que vigoravam em seu tempo. Ele antecipava a ideia de considerar que máquinas são capazes de estabelecer relações e permitir operações que instauram uma outra qualidade de pensamento sobre máquinas e conceitos. Ele prevê oriundo de uma mudança social o surgimento da chave para uma compreensão mais ampla dos conceitos e dos efeitos que a transformação tecnológica imporia à sociedade de uma maneira geral.

> I believe that in about fifity years' time it will be possible to programme computers, with a storage capacity of about 10°, to make them play the imitation game so well that an average interrogator will not have more than 70 per cent chance of making the right idetification after five minutes of questioning. The original question, 'Can machines think?' I believe to be too meaningless to deserve discussion. Nevertheless I believe that at the end of the century the use of word and general educated opinion will have altered so much that one will be able to speak of machines thinking without expecting to be contradicted (TURING, 1950:442)[90].

O jogo da imitação é perfeitamente compreendido por uma sociedade como a nossa, digital. Em uma era em que a imagem é muito valorizada, em que as pessoas já incorporaram os artefatos e costumes que incluem o ciberespaço como lugar de manifestação de sua cultura,

---

[89] |Tradução nossa|: "As máquinas podem realizar algo que deveria ser descrito como pensamento, mas que é muito diferente do que um homem faz? Esta objeção é muito forte, mas pelo menos podemos dizer que se, no entanto, uma máquina pode ser construída para jogar o jogo da imitação satisfatoriamente, não precisamos nos incomodar com essa objeção" (TURING, 1950).

[90] |Tradução nossa|: "Eu acredito que em mais ou menos 50 anos, será possível programar computadores, com capacidade de armazenamento de cerca de 10°, para fazê-los jogar o jogo da imitação tão bem que um interrogador médio não terá mais do que 70% de chance de fazer a identificação corretamente após cinco minutos de interrogatório. A pergunta original, "As máquinas podem pensar?". Eu acredito ser muito sem sentido para merecer discussão. No entanto, eu acredito que no final do século, o uso da palavra e a opinião educada vão ter alterado tanto que alguém será capaz de falar de máquinas pensantes sem esperar ser contradito". (TURING, 1950:442).

fica fácil aceitar que as máquinas podem simular a realidade. Os avanços da tecnologia ampliaram o pensamento contemporâneo de forma veloz e de efeitos em todas as instâncias da vida humana, fazendo com que a conotação de "pensar" ganhasse novas acepções. Da maneira como aborda Gordon Bell (2010), é a multimidialidade a potencialidade que vai elevar à qualidade de "viva" a Memória Integral, que vai literalmente "fazer viver" através de arquivos com conteúdo audiovisual, qualquer tipo de registro como informação a incorporar à sua personalidade virtual.

O computador se coloca no centro das atividades humanas e passa de ferramenta a dispositivo, suporte, ambiente. A nova dimensão da sociabilidade gera uma realidade "multi-mídiatica". Os meios de comunicação ampliam suas fronteiras no espaço e no tempo e, em um processo de *midiamorphosis* (FIDLER, 1997), apresentam-se em similaridades e relações entre passado, presente e formas emergentes.

> By studying the communication system as a whole, we will see that new media do not arise spontaneously and independently – they emerge gradually from the metamorphosis of old media. And that when newer forms of communication media emerge, the older forms usually do not die – they continue to evolve and adapt (FIDLER, 19997:23)[91].

O autor diz que *mediamorphosis* não chega a ser uma teoria, mas um modo unificado de se pensar a evolução tecnológica dos meios de comunicação. Este novo modo de pensar é descrito por ele como a transformação dos meios de comunicação, pelos efeitos das necessidades percebidas, das pressões e competições políticas e das inovações sociais e tecnológicas. A mutabilidade dos meios de comunicação influencia em diversos graus o desenvolvimento de cada outra forma existente (FIDLER, 1997).

[91] |Tradução nossa|: "Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que as novas mídias não surgem espontaneamente e de forma independente - surgem gradualmente a partir da metamorfose da velha mídia. E que, quando novas formas de meios de comunicação surgem, as formas mais antigas geralmente não morrem - continuam a evoluir e se adaptar" (FIDLER, 19997:23).

2.6 A Memória na Reportagem

Quando em 2005 finalizávamos a dissertação de mestrado, estudávamos modelos de composição para as informações ciberjornalísticas, tendo a reportagem como um dos gêneros analisados. Classificada por Beltrão (1976) e Marques de Melo (1985) como sendo de gênero informativo, teve seu tipo "em profundidade" classificado como gênero interpretativo (BELTRÃO, 1976). Assim como Díaz Noci (2003) e Salaverría (2005), conformávamos a reportagem na Web[92] como um gênero digital ou cibergênero (SEIXAS, 2009), formação discursiva modelizada digitalmente, que segundo Irene Machado (2001) não pode ter sua compreensão à revelia da mídia envolvida. Sem querer discutir a relação entre gênero e mídia, observávamos as técnicas de composição das informações na Web. Procurávamos identificar elementos e características da narrativa ciberjornalística que permitissem discutir particularidades de uma retórica no ciberespaço (RIBAS, 2005).

Irene Machado (2001) denomina gêneros digitais as formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via on-line, pela conexão e estrutura de redes de computadores. Para a autora, estes gêneros são "formas arquitetônicas cujas estruturas são modelizadas por linguagens artificiais, criadas pela engenharia digital, para combinação e reprocessamento de sistemas de escrita e de gêneros literários, discursivos; de gêneros informativos da mídia impressa; da linguagem visual e do *design* gráfico; dos gêneros audiovisuais do cinema, do rádio e da televisão" (MACHADO I., 2001:30).

Considerar os gêneros em tempos de cultura digital implica atentar não só para o modo como as mensagens são organizadas e articuladas do ponto de vista de sua produção, como também em sua ação sobre a troca comunicativa; no processo de recodificação pelos dispositivos de mediação. Os programas digitais são assim processo de recodificação dos

[92] Adotávamos a denominação "reportagem em profundidade" para referir-nos a peças jornalísticas na Web de estrutura hipertextual e que reuniam formatos diferentes na narração do acontecimento (RIBAS, 2005).

gêneros. Gênero não se reporta apenas à língua, mas ao meio, ao ambiente formalizado digitalmente que agora participa da enunciação (MACHADO I., 2002:29).

De acordo com a autora, o gênero digital se define em função de propriedades digitais e dos propósitos tecnológicos. Desenvolve-se em um ambiente e interage com ele. Para Irene Machado (2001), é impossível compreender a modelização dos gêneros digitais sem o *design*, e com esta questão, traz uma interessante discussão sobre o *design* de gêneros, que envolve as relações entre o contexto e o conteúdo como determinação de gênero. Tratar dos gêneros jornalísticos na Web recai justamente sobre esta questão: que formatos, além dos conteúdos, caracterizam os diferentes modelos para os gêneros jornalísticos no ciberespaço?

No contexto digital, a definição de gênero se amplia, pois este se constitui como a capacidade de reconhecer e distinguir a informação através das propriedades materiais do meio e, consequentemente, associa o conteúdo ao contexto (MACHADO I., 2001). Nestas condições, a pesquisadora indica o gênero como produto do *design* de um programa ou sistema cuja linguagem modeliza todo um sensório não apenas de meios, como também de ambientes. As reflexões de Irene Machado sobre os gêneros e suas relações com o *design* baseiam-se nos *design*ers John Seely Brown e Paul Duguit (1994, 1996), em uma investigação sobre a importância do *design* do gênero para o contexto da comunicação digital.

Para eles, da mesma forma como os aspectos físicos do livro se encarregam de indicar seu conteúdo, muito antes da leitura de uma única palavra, os mecanismos do ambiente digital são fundamentais para o conhecimento das mensagens que nele se articulam e por ele são veiculadas. Evidentemente, trata-se de um tipo de saber que envolve todo um aprendizado que mal começou a ser assimilado (MACHADO I., 2001:33).

Segundo a autora, a grande tese do dialogismo foi empreender uma definição de gênero que considera indistintamente todo o contexto enunciativo e não apenas o relato. O

ambiente digital possui propriedade genérica, seja para viabilizar uma conversa, uma narrativa, um desenho, um gráfico, um som, um movimento. Neste sentido, a autora considera que para o sistema de escrita eletrônica, os elementos periféricos são tão importantes quanto os elementos centrais, fazendo valer a máxima de Bakhtin sobre a importância do não-dito para a enunciação, quando a situação é, de fato, o próprio discurso (MACHADO I., 2001:34).

As reflexões de Irene Machado E. nos permitem considerar que, na composição da narrativa ciberjornalística, torna-se evidente que determinados tipos de conteúdos comunicam de maneira mais efetiva sob a forma de determinados gêneros jornalísticos reconfigurados na Web. A autora ressalta que, para o *design*, o gênero é definido do ponto de vista arquitetônico. Tal como o arquiteto organiza o espaço, cada gênero é considerado de acordo com um projeto, com características específicas. O *design* cria organizações e convenções próprias para cada gênero evidenciando a finalidade para a qual cada uma foi projetada (MACHADO I., 2001).

À nossa época de mestrado, o estudo da narrativa ciberjornalística se deu a partir de seus elementos constitutivos: 1- Arquitetura da Informação; 2- Potencialidades; 3- Bases de Dados. Concluíamos que a reportagem e a infografia eram os gêneros que vinham incorporando os elementos constitutivos do meio na elaboração de modelos narrativos diferenciados, mais adequados ao que poderia vir a ser uma retórica específica ciberjornalística. Identificávamos a evolução de cada gênero a partir de modelos de composição, que, para a reportagem se conformavam em quatro tipos:

GÊNEROS JORNALÍSTICOS	**MODELOS DE COMPOSIÇÃO**	**%**
REPORTAGEM		23%

	1. TRANSPOSIÇÃO DO IMPRESSO	
	2. REPORTAGEM COM DOCUMENTAÇÃO DESINTEGRADA	39%
	3. REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE	21%
	4. REPORTAGEM MULTIMÍDIA INTEGRADA	17%

Tabela 7 - Classificação (RIBAS, 2005) para a reportagem na Web.

O percentual na coluna da direita indicava a recorrência destes modelos em um universo de 100 peças jornalísticas (entre notícias, entrevistas, colunas, reportagens e infografias) analisadas em sete cibermeios (RIBAS, 2005:149). Sendo o número 4 modelo de composição mais evoluído do ponto de vista da narrativa, constatávamos um grau de desaproveitamento das potencialidades do meio, quando os modelos mais evoluídos eram os menos utilizados pelos cibermeios.

Cinco anos após nosso estudo, optamos por recortar e analisar com mais profundidade as características da reportagem na Web com destaque para a memória. Como uma atualização da classificação anterior, no atual estudo, adequamos a classificação para a reportagem na Web da seguinte maneira:

REPORTAGEM NA WEB	
TIPOS	**CARACTERÍSTICAS**
1. REPORTAGEM TRANSPOSITIVA	- Transposição de características do impresso, tanto no que diz respeito à reprodução dos conteúdos como no que se refere à forma: o design está atrelado à página impressa, à tela da TV ou ao

	ritmo do rádio.
2. REPORTAGEM COM DOCUMENTAÇÃO	- Segunda geração de reportagens para a Web. Reúne em uma página informações, geralmente de maneira linear, utilizando-se dos links ou de colunas laterais para indicar mais material produzido pelo cibermeio ou por outras fontes, vídeos, fotografias ou infografias com informações relacionadas ao tema da reportagem. - Hipertexto linear, de caráter organizativo. - Multimidalidade por justaposição. - A Memória se apresenta tímida em poucas referências, apenas tendo mais destaque no caso de peças comemorativas, acontecimentos históricos ou tragédias. - A narrativa é centrada no texto.
3. REPORTAGEM EM PROFUNDIDADE	- Evolução da geração anterior, o gênero interpretativo articula material multimídia de mais qualidade, demonstrando mais integração entre os conteúdos das peças em diferentes formatos. - Hipertexto modular. - Multimidialidade por justaposição - A Memória está mais presente em maior destaque como sendo material de arquivo e passando de simples documentação à informação. - A narrativa é centrada no texto.
4. REPORTAGEM MULTIMÍDIA	- Tipo mais avançado de reportagem para a Web, pois se apresenta enquanto narrativa. Diferente dos outros tipos, a reportagem multimídia recorre ao design, à informação visual para aproximar o público, submergir o usuário no acontecimento e estabelecer relações entre os conteúdos em diversos formatos integrados. Os conteúdos fazem parte de um todo, em um discurso que segue uma lógica multilinear, de relações claras entre as partes. - Hipertexto modular. - Multimidialidade por integração. - A Memória é ativada em seu grau máximo de contextualização da história, o que acaba por articular o tempo da narrativa. - A narrativa é centrada no áudio/imagem em movimento.

Tabela 8 - Classificação para a reportagem na Web atualizada

Esta classificação representa uma evolução na utilização das potencialidades do meio de acordo com a definição das Gerações do Ciberjornalismo (MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2007, 2008a, 2008b, 2008c). Desta maneira, podemos analisar a narrativa da reportagem para a Web de acordo com as características de cada Geração. Na tabela acima, podemos perceber que a Reportagem Transpositiva possui características de Primeira Geração (MIELNICZUK, 2003); a Reportagem com Documentação possui características de Segunda Geração (MIELNICZUK, 2003): a Reportagem em Profundidade possui características de Terceira Geração (MIELNICZUK, 2003); e os dois últimos tipos possuem características de Terceira e Quarta Geração (BARBOSA, 2007, 2008). Vale ressaltar que, possuir com mais predominância características de determinadas gerações não significa possuir apenas estas. Traços das gerações anteriores aparecem nas gerações seguintes.

Identificamos, entre as peças selecionadas de 2008 a 2012, os seguintes tipos de reportagem com base na memória: Obituário; Aniversário; Datas comemorativas: religiosas, históricas, eleitorais; Protagonismo: casos de polícia; casos de política. Todas se utilizam de elementos de memória como linhas do tempo, links contextuais e relacionados, mensagens de apoio ou de adeus coletivas, informação em diversos formatos, sejam testemunhos da presença de alguém ou da existência de alguma coisa, de algum lugar, ou pontos de vista coletivos sobre determinado tema, ou ainda de recapitulação de um passado comum.

2.7 A Memória na Primeira Página

A memória saiu do abrigo dos arquivos para a povoada reportagem e foi parar também na primeira página dos cibermeios. Links relacionados às chamadas principais são expostos na página de abertura de 100% dos cibermeios analisados. Exemplos em diferentes cibermeios mostram a diversidade das composições, assemelhando-se às páginas de abertura das reportagens em si.

Figura 18 - Primeira página *El Correo*, 12/set/2011, o dia seguinte das homenagens aos 10 anos dos atentados.

Como um resumo antecipando o que o usuário encontra ao clicar nos links disponíveis, o bloco reúne os principais acontecimentos e argumentos relacionados ao tema principal da reportagem. Em outros casos, blocos de links se deslocam para outros espaços da primeira página, unidos por elementos visuais.

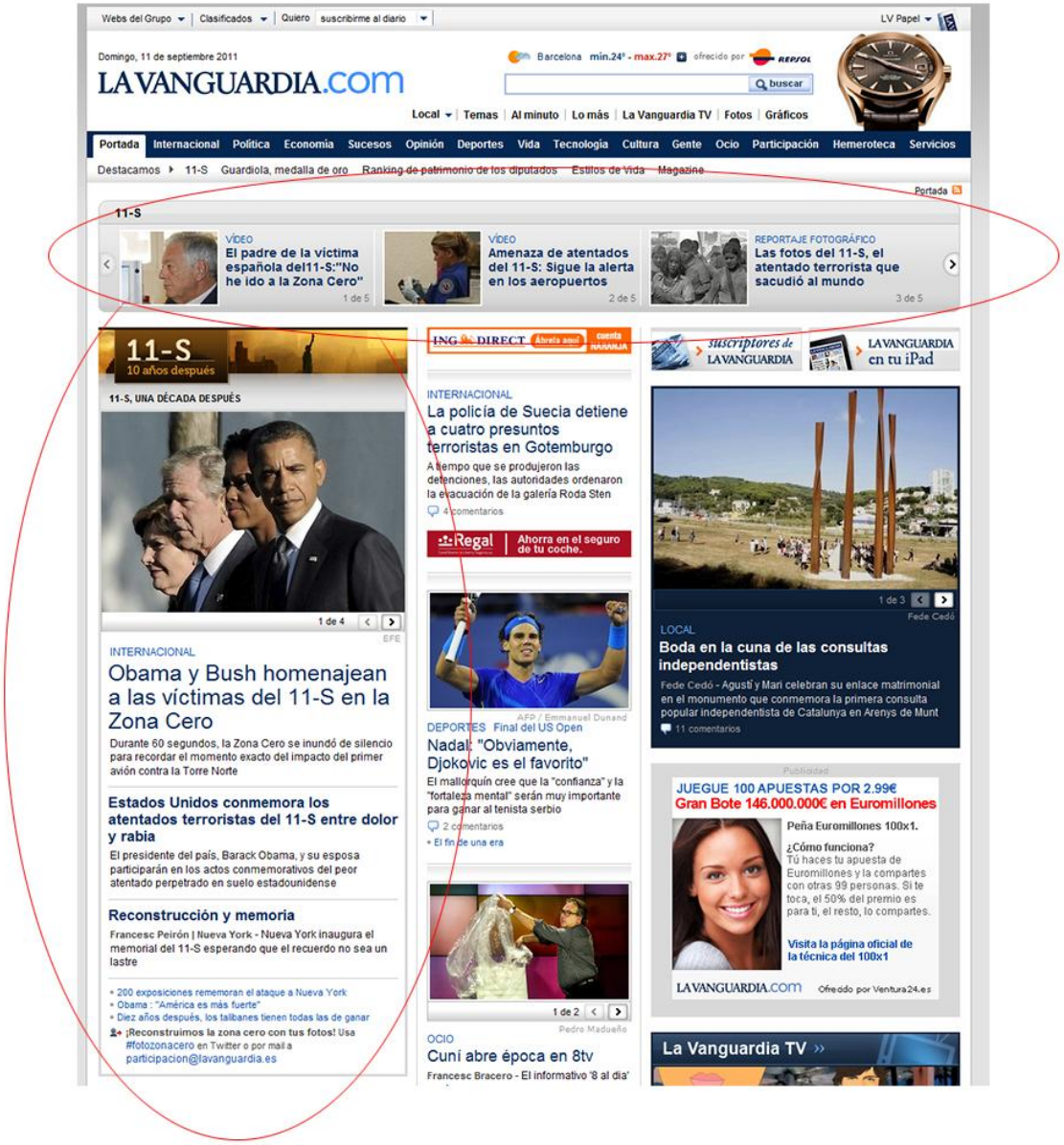

Figura 19 - Primeira página *La Vanguardia*, em 11/set/2011.

Em dias de acontecimentos que causam comoção nacional ou internacional, ou datas comemorativas, como é o caso dos 10 anos dos atentados às torres gêmeas, datas históricas, religiosas, eleitorais, além de casos de polícia e casos de política, são tipos de reportagem que encontram maior espaço nas primeiras páginas dos cibermeios.

As reportagens se desdobram em links indicando as camadas principais de informação que o usuário vai encontrar. Conteúdo multimídia filtrado e contextualizado ao alcance mais

imediato do usuário é uma prática comum entre os cibermeios, que identificamos na comparação de primeiras páginas de 2006 (cinco anos dos atentados) e 2011 (dez anos dos atentados).

Figura 20 - Primeira página do *El Mundo*, em 11-set-2006.

Os sistemas de busca estão presentes em todos os cibermeios e oferecem como requisitos mínimos os parâmetros palavra-chave e data. A recuperação de informações é mais eficiente, e a maioria oferece mais parâmetros para refinamento das buscas, assim como

modos diferentes de organização dos resultados, seja por relevância, ordem cronológica, formato, assunto, editoria ou seção, mais acessadas, mais comentadas, etc.

Com um instrumento de análise genérico, a pretensão aqui é a de fixar uma radiografia de um momento específico para, a partir dela, gerar resultados voltados para um aprimoramento da ferramenta.

No próximo capítulo, apresentamos com mais detalhes a Ferramenta para Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011), bem como a proposta de aprimoramento dos itens que compõem a estrutura das fichas de aplicação. Indicamos alguns direcionamentos para a observação de características e elementos de memória em cibermeios, que possam se aproximar de indicadores de qualidade e melhores práticas em ciberjornalismo.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE QUALIDADE EM CIBERMEIOS

Quem deseja ter razão decerto a terá com o mero fato de possuir língua.

Goethe

Por si só o conceito de qualidade é controverso. Marcos Palacios (2008), já atento à questão da importância da definição de métodos de avaliação de cibermeios, explica que os conceitos de qualidade quase não conseguem estabelecer patamares adequados para julgamento. Em termos genéricos, Palacios afirma que qualidade é usualmente definida como "o conjunto de propriedades e características de um produto ou serviço que lhe confere sua aptidão para satisfazer necessidades expressas ou implícitas". Definição subjetiva, para o autor. O que são as necessidades "expressas ou implícitas" dos produtos e serviços oferecidos pelos cibermeios?

Indagando sobre alguns conceitos de qualidade, Palacios (2008) parte da premissa que a noção e a percepção do que seja o termo varia de indivíduo para indivíduo, identificando uma tendência exagerada para exclusão total do subjetivo nas metodologias de avaliação. Para ele, as metodologias devem buscar formas consensuais ou intersubjetivas de mensuração, sempre de forma provisória e *ad hoc*, dos aspectos e indícios que sejam mais sensíveis. Devem ser buscados mecanismos para diminuir o subjetivo e tornar possível construir escalas de posições relativas ao conjunto de características observadas, definindo-se pontos extremos, "o melhor e o pior", no grupo de produtos analisados.

Partimos do pressuposto de que a memória é elemento novo ou renovado e necessário no quadro de atributos dos cibermeios, em uma tentativa de estabelecer um *ranking* de qualidade (PALACIOS, 2008) entre os 14 produtos selecionados para o recorte desta pesquisa.

Como o autor, alertamos que a caracterização "elemento novo" atribuída à memória, se refere ao fato de que esta está normalmente ausente nos conjuntos de atributos tradicionalmente elencados como constituindo marcos de referência para avaliação de qualidade em produtos jornalísticos disponíveis em outros suportes (impresso, rádio, TV). A memória está diretamente associada à difusão e generalização do uso das bases de dados como característica do ciberjornalismo na fase das conexões rápidas (MACHADO E., 2001, 2004; BARBOSA, 2004, 2008a, 2008b; FIDALGO,2004: PALACIOS, 2008).

Qualidade como abordamos nesta pesquisa, conceito controverso de múltiplas definições e questionamentos, abrange o sentido do valor agregado à informação jornalística produzida e circulada através dos cibermeios. Valor atribuído ao produto, em geral e em peças específicas, e que pode ser medido através de parâmetros já estabelecidos enquanto práticas que observamos nas primeiras páginas, nas seções Arquivo e/ou Hemeroteca, e em reportagens. Buscamos parâmetros para medir a qualidade em sistemas descentralizados e interdependentes de informações, formados por diferentes atores, jornalistas, especialistas, por todas as pessoas que expressam suas opiniões, fazem denúncias, publicam, compartilham informações no tempo e no espaço da Web. A conversação gerada pelas mídias sociais submete o jornalismo a um novo processo de apuração e de composição que já não pode ignorar o agendamento paralelo que essas novas rotinas interativas criam. Há mais canais abertos tanto para expandir o alcance das notícias, como para incorporar mais associações entre os fatos e os dados que os validam.

Figura 21 - Página do *Zero Hora*, que reúne todas as incursões sociais do cibermeio

As dinâmicas interativas do meio fizeram emergir novas formas de autocontrole, autorregulação, auto-organização, autorreferência, autopromoção, baseadas no valor que cada usuário dá a si mesmo e a cada produto ou serviço. As diversas vozes convergentes e divergentes são indexadas por termos ou palavras-chave, em listas das "dez mais"[93] empregadas neste exato momento, em um país ou uma cidade, por pessoas conectadas, em

[93] *Trending topics - Twitter*

seus computadores pessoais, celulares, e outros tantos dispositivos móveis e fixos. Com o jornalismo não é diferente. A abertura de múltiplos canais de comunicação possibilitada pela emergência da Internet comercial como a conhecemos desde 1990[94], trouxe consigo o amálgama da sociedade informatizada: o tempo e o espaço elásticos e cada vez mais envolventes.

Pesquisamos o fenômeno da amplificação de uma memória externalizada, global, agregadora de informações em uma rede interminável de relações estabelecidas e valoradas por seus atores. Como a maioria dos produtos e serviços migrados para a Internet, as notícias dos jornais carregaram consigo os valores universais do jornalismo, quais sejam, segundo Otto Groth, periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade (FIDALGO, 2004). Na Web, a credibilidade da informação traz o que do impresso, da TV e do rádio, praticou-se como jornalismo, até a chegada dos blogs (GUILLMOR, 2005; GUIMARÃES, 2006). Os diários pessoais de 1997 se transformaram em fundamentais meios de comunicação da rede mundial de computadores atualizada todo o tempo por quem quer que seja. A qualidade da informação gerada por essa rede neurálgica de diversos perfis de pessoas, com diferentes comportamentos e reputações é discutível e discutida por pesquisadores interessados em identificar e classificar padrões (CODINA, 2003: GUALLARD e ABADAL, 2009; RODRÍGEZ-MARTÍNEZ *et al*, 2010: PALACIOS, 2011). Como estes, buscamos identificar os padrões de uso da memória enquanto categoria de análise geral dos cibermeios, operacionalizada através de sistemas de indexação e recuperação de conteúdos que permitem aos usuários escolher a que profundidade do conhecimento desejam chegar. Estudamos essa memória humana despregada do cérebro e armazenada nas páginas digitalizadas e on-line.

Como Vannevar Bush sentenciava em *As We May Think* (1945) o mundo chegou à era dos dispositivos complexos baratos e de grande confiabilidade; e alguma coisa está

[94] Quando a Web é criada.

obrigatória e consequentemente por vir (BUSH, 1945). Nas reflexões do matemático americano[95], buscando uma forma de administrar o conhecimento através de um sistema automatizado de armazenamento e recuperação de informações, o *Memex*, encontramos repertório para direcionar algumas questões sobre qualidade dos produtos digitais e on-line que investigamos. Bush (1945) indicava algumas necessidades de uma nova sociedade submetida a um fluxo informacional cada vez maior. A continuidade desse processo se reflete nos dias de hoje, quando temos muito mais informação, novos dispositivos e novas habilidades sendo geradas.

> The difficulty seems to be, not so much that we publish unduly in view of the extent and variety of present day interests, but rather that publication has been extended far beyond our present ability to make real use of the record (…) But there are signs of a change as new and powerful instrumentalities come into use (BUSH, 1945)[96].

Para Bush, a quantidade existente de recursos mecânicos afeta a transformação dos registros científicos, preocupado que estava em compreender como estas transformações estabelecidas pelos usos que os homens fazem da Ciência e de seus instrumentos podem gerar benefícios permanentes para a sociedade, em uma época de crescente produção de referências. A criação do *Memex* veio expor na prática a operacionalidade de se organizar em um dispositivo mecânico todas as referências coletadas por um indivíduo[97]. Com economia e eficiência, podendo acessar seus registros com velocidade e flexibilidade, um pesquisador conseguiria atingir maior potencial em seu estudo, munido de informações que não

---

[95] Que influenciou diretamente o desenvolvimento da internet com sua visionária descrição de um sistema de informação a que chamou *Memex*, considerado o primeiro sistema automatizado de gerenciamento de informações.

[96] |Tradução nossa|: "A dificuldade parece ser, não tanto que publicamos indevidamente tendo em vista a extensão e variedade de interesses atuais, mas sim que a publicação foi estendida muito além da nossa atual capacidade de fazer uso real dos registros (...) Mas há sinais de uma mudança de instrumentos novos e poderosos entrando em uso" (BUSH, 1945).

[97] *"A memex is a device in which an individual stores all his books, records, and communications, and which is mechanized so that it may be consulted with exceeding speed and flexibility. It is an enlarged intimate supplement to his memory"* (BUSH, 1945). |Tradução nossa|: "Um *memex* é um dispositivo no qual um indivíduo armazena todos os seus livros, registros e comunicações, e que é mecanizado de modo que possa ser consultado com grande velocidade e flexibilidade. É um suplemento íntimo e alargado da sua memória".

conseguiria memorizar. Dessa forma, a ampliação da capacidade de pesquisa aumentaria a qualidade do trabalho (BUSH, 1945). Quanto mais registros de diferentes características e formatos se armazenam, diferentes abordagens do objeto de estudo são possíveis, mais ideias podem ser guardadas, e acima de tudo, consultadas. Se uma moderna biblioteca não é consultada, nada adianta que uns poucos tenham acesso ao conhecimento nela armazenado (BUSH, 1945).

Com a consolidação do uso dos computadores domésticos, as pessoas passaram a organizar seus registros e a confiar em suas classificações para encontrá-los posteriormente. Com o desenvolvimento da Internet comercial e a ampliação do acesso a uma maior parcela da população global, os registros começaram a ser armazenados em discos virtuais, as publicações na rede mundial de computadores passaram a ser indexadas por sistemas de buscas baseados em algoritmos. Estamos na "Era *Google*", da indexação generalizada e da prevalência do uso da Internet como fonte primária de informação. Um estudo de 2011 publicado na revista *Science*, mostra que quando as pessoas confiam em ter acesso futuro à informação, têm menos lembranças dos dados, e mais da fonte dessa informação (SPARROW *et al*, 2011). Os resultados dos 4 experimentos que os pesquisadores empreenderam com 106 estudantes de Harvard mostraram que as pessoas estão usando a Internet como "banco de memória", o que chamaram de "efeito-*Google*" (*Google effect*). A surpresa no estudo da área da psicologia foi o fato de que as pessoas estão menos dependentes dos registros que não conseguem memorizar, e que aumentaram a capacidade de saber onde estão as coisas que não sabem.

As constatações da pesquisa (SPARROW *et al*, 2011) indicam que as pessoas têm a expectativa de que as informações estejam sempre disponíveis, acessíveis na Internet, e por isso estão mais inclinadas a lembrar onde encontrar as informações que precisam e lembram

menos de detalhes relacionados às informações. Os autores argumentam que este pode ser o indício de uma adaptação aos novos tempos, que inclui o computador e os sistemas de busca como memória externa, acessados sob demanda. Para eles, confiar nos computadores e nas informações armazenadas e acessadas via Internet, depende de processos semelhantes ao da hipótese de 1985 de Daniel Wegner, da memória transativa (*transactive memory*), que realça o compartilhamento social e coletivo de informações em um grupo (SPARROW *et al*, 2011).

Um sistema de *memória transativa* é um sistema onde um grupo coletivamente codifica, armazena e recupera conhecimento (WEGNER, 1995). A hipótese sugere a análise de grupos familiares ou organizacionais como "mentes de grupo", como sistema mais complexo e potencialmente mais eficiente que qualquer outro que se constitua individualmente. De acordo com Wegner (1995), o sistema de *memória transativa* está baseado no conhecimento armazenado por cada indivíduo combinado com o componente da metamemória, contendo informações especializadas e específicas de diferentes domínios dos membros do grupo. Sparrow *et al* (2011) sugerem que as pessoas compartilham informações facilmente porque rapidamente pensam no computador para encontrar aquilo que precisam. O estudo indica que as pessoas confiam no armazenamento externo para adquirir conhecimento que está gravado, portanto não precisam lembrar de tudo, somente daquilo que não está armazenado (SPARROW *et al*, 2011). A *memória transativa* fica evidente, segundo os autores, pois as pessoas parecem ser mais capazes de lembrar em que diretório do computador está a informação do que da identidade ou detalhes do item que procuram. O estudo sugere que o processo da memória humana está se adaptando ao advento das tecnologias da computação e da comunicação.

> We are becoming symbiotic with our computer tools, growing into interconnected systems that remember less by knowing information than by knowing where the information can be found. This gives us the advantage of access to a vast range of information—although the disadvantages of being constantly "wired" are still being debated. It

> may be no more that nostalgia at this point, however, to wish we were less dependent on our gadgets. We have become dependent on them to the same degree we are dependent on all the knowledge we gain from our friends and coworkers—and lose if they are out of touch (SPARROW et al, 2011)[98].

Em artigo (BOHANNON, 2011) que apresenta e discute alguns resultados da pesquisa de Sparrow *et al* (2011), a citação destacada de Roddy Roediger, psicólogo da Universidade de Washington, é de que o estudo (SPARROW *et al*, 2011) convence de que estão mudando nossas estratégias de aprendizado. “Por que lembrar de alguma coisa que podemos consultar? Com o *Google* e outros sistemas de busca, delegamos ao computador algumas de nossas demandas” (BOHANNON, 2011). O psicólogo considera positivo o fato de que aumentamos e facilitamos nossa capacidade de consultar.

Considerando válido o estudo de Sparrow *et al* (2011) e antes dele, resgatando a forma como Bush (1945) se refere à aplicabilidade do *Memex*, atingir maior potencial em um estudo, munido de informações que não conseguiria memorizar. Dessa forma, a ampliação da capacidade de pesquisa aumentaria a qualidade do trabalho.

A confiabilidade da fonte de informação é uma das características principais desses tempos em que há a proliferação das publicações sobre qualquer assunto. O valor da informação passa a ser o valor de quem publica, e a qualidade do que é publicado está diretamente associada a um contexto de avanços tecnológicos e mudança de comportamento. Nossa discussão sobre a qualidade da memória nos cibermeios foi direcionada pelo foco dessa mudança de paradigma que culminou na mudança de comportamento. Para chegarmos a algumas conclusões sobre este processo de transformação das relações que a memória pode

[98] |Tradução nossa|: “Estamos nos tornando simbióticos com as nossas ferramentas de computador, crescendo em sistemas interligados que lembram menos por saberem informações do que por saber onde a informação pode ser encontrada. Isso nos dá a vantagem de acesso a uma vasta gama de informações, embora as desvantagens de estar constantemente "com fio" ainda estão sendo debatidas. Pode ser não mais que nostalgia, neste ponto, no entanto, para desejar que fossemos menos dependentes de nossos aparelhos. Nos tornamos dependentes deles com a mesma intensidade que eles são dependentes de todo o conhecimento que ganhamos de nossos amigos e colegas de trabalho - e perdemos se eles estão desconectados” (SPARROW et al, 2011).

estabelecer entre os conteúdos publicados pelos cibermeios, identificamos padrões de usos de elementos de memória, unidades mínimas de representação das operações que permitem seu o funcionamento orgânico, servindo para ordenar e agregar valor à notícia com a articulação da memória social coletiva gerada, armazenada, reutilizada e circulada por uma rede descentralizada de produção de conteúdos. O conceito de informação enquanto coisa (*information-as-thing*), discutido por Michel Buckland (1991), é interessante referencial para o fenômeno da dinamização da memória no ciberjornalismo. Informação enquanto coisa inclui uma variedade daquilo que é informativo, como dados, textos, documentos, objetos e eventos, e amplia as possibilidades comunicativas na medida em que são armazenados e recuperados individualmente (BUCKLAND, 1991).

Ao nos preocuparmos em como abordar a questão da qualidade da memória nos cibermeios, chegamos à conclusão de que os limites impostos pela ferramenta de avaliação dificultavam a visualização dos indicadores de qualidade reais, não ideais, do que se está produzindo atualmente no ciberjornalismo. Embora as questões propostas pela ferramenta estivessem baseadas em observações preliminares dessas dinâmicas dos cibermeios, o alcance da discussão sobre qualidade ainda não havia chegado ao ponto de demonstrar os parâmetros que buscávamos, porque não conseguíamos até então descrever o que significava qualidade dentro daquele contexto limitado da ferramenta. Ao aumentarmos o volume de amostras, que na primeira parte da pesquisa totalizou 100 páginas, e na segunda etapa chegou a mais de 2.000 páginas, pudemos visualizar novas perspectivas para a pesquisa, e consequentemente, para a adequação do instrumento de análise do convênio.

O tema da qualidade suscita em cada campo de estudo dentro do qual é destacado direcionamentos de acordo com características e especificidades definidoras de suas práticas e processos. Desde que se consolidaram alguns aspectos do jornalismo das redes telemáticas,

sentiu-se a necessidade de delimitar determinados territórios metodológicos que pudessem gerar padrões para as análises de suas potencialidades (PALACIOS, 2007, 2008, 2009). Por serem produtos digitais acessados através da Web, os cibermeios herdaram os sistemas de avaliação de *websites*, pois são concebidos como *websites*.

A dificuldade em definir um conceito de qualidade que se aplique aos cibermeios, mais especificamente à memória produzida e acessada através deles, encontra ecos em discussões sobre a aceitação científica dessa abordagem para as Ciências da Informação. Através dos hiperlinks, a estruturação das notícias se dá por camadas de informação agregadas por temas e assuntos enquadrados na agenda jornalística. A media que a atualidade é um dos valores que definem o jornalismo como prática, e a velocidade de produção e circulação de informações na Web aumenta exponencialmente, a memória enquanto potencialidade do ciberjornalismo confere autoridade e credibilidade aos cibermeios, em um contexto comunicacional descentralizado e coletivo.

Para discutir o conceito de qualidade no ciberjornalismo, partimos da hipótese de que à medida que o espaço para a publicação de notícias na Internet se particulariza, aumenta a densidade informativa que enriquece os significados dele decorrentes. Isto quer dizer que quanto mais desenvolvidas as especificidades do meio onde se dão as dinâmicas que analisamos, mais qualidade terão os conteúdos. Desta hipótese compartilham autores como Fidalgo (2003, 2004, 2007), Canavilhas (2008), Mielniczuk e Dalmaso (2009), Rodríguez-Martinez e Pedraza-Jiménez (2009), Mielniczuk, Barbosa, Dalmaso e Figueiredo (2010), Rodríguez_Martínez, Codina e Pedraza-Jiménez (2010, 2012).

O conceito de qualidade da informação pode assumir o valor do documento (COONEY, 1991; BUCKLAND, 1991; PAIM, NEHMY, GUIMARÃES, 1996; PAIM e NEHMY, 1998). Rosa Maria Quadros Nehmy, Isis Paim e César Geraldo Guimarães (1996)

reunem referencial bibliográfico e discutem a impossibilidade de se atingir a complexidade do conceito de qualidade da informação, impregnado de subjetivismo. Direcionam os estudos da temática sob três dimensões: trancendente, intrínseca e contigencial, apresentando um modelo multidimensional da qualidade da informação (NEHMY, PAIM, GUIMARÃES, 1996). Sob a perspectiva trancendente, a qualidade da informação implica o reconhecimento de seu valor como absoluto e universalmente aceitável. Os autores explicam que esta acepção de qualidade se aproxima da ideia de excelência, sendo extratemporal e permanente, mantendo-se com as mesmas características através dos tempos e nos diversos lugares, apesar das mudanças de gostos e estilos (MARCHAND apud NEHMY *et all*, 1996). Existiria uma essência de qualidade da informação independente do tempo-espaço histórico.

Na exploração do referencial teórico, Nehmy *et all* (1996) questionam juntamente com autores como Repo (1989), Marchand (1990), Cooney (1991), Eaten & Baden (1991), a possibilidade da qualidade como categoria analítica.

> Vão argumentar que a ideia de excelência, inerente à qualidade, é intangível e só adquire pertinência quando relacionada ao usuário da informação, pois o valor está sempre na dependência de sua utilização por usuários particulares em ocasiões particulares. Sendo assim, o valor trancendente não pode ser atingido em si, mas é dependente do ponto de vista do usuário (NEHMY *et al*, 1996).

Quanto aos aspectos contigenciais ou práticos da qualidade da informação, os autores (NEHMY *et al*, 1996) destacam que a tendência mais marcante na literatura é o enfoque do usuário. O individuo ou coletivo faz o julgamento da informação, ideia que segue um movimento mais geral da ciência da informação de apostar no paradigma do usuário, privilegiando o sujeito que usa a informação. Esta ideia é questionada por vários autores, segundo Nehmy *et al* (1996) por conta do subjetivismo que carregam os usuários, limitando as medidas. Como demonstra Ronaldo Ronan Oleto (2006), quando avalia a percepção da

qualidade da informação para usuários da atividade de administração de imóveis, a percepção deles tangenciava o senso comum e era fortemente influenciada pela sinonímia (OLETO, 2006).

Retomando o conceito de informação enquanto coisa (BUCKLAND, 1991), e também citado por Nehmy *et al* (1996), o autor considera os atributos do produto-informação, da informação enquanto "coisa", quais sejam, dados, documentos, textos, objetos e eventos, como vantagem percebida nesta forma de abordagem do termo. De acordo com Marchand (1990), a qualidade definida enquanto atributo da informação pode ser tratada em termos mais precisos e identificáveis, podendo ser mensurada e quantificada (NEHMY *et al*, 1996).

3.1 Parâmetros de Qualidade para Avaliar Cibermeios

O livro Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo (PALACIOS, 2011), reúne metodologias para identificar indicadores mínimos para avaliação de produtos jornalísticos formatados para a Internet. Reúne tentativas de mensurar qualidade através dos seguintes aspectos específicos dos cibermeios: Hipertextualidade, Interatividade, Multimidialidade, *Design*, Bases de Dados, Memória e Blogs. No levantamento bibliográfico que ocorreu no início do projeto conjunto entre as universidades do Brasil e da Espanha, identificou-se a escassez de estudos mais práticos sobre avaliação de produtos ciberjornalísticos. Tomava-se emprestado parâmetros de outros tipos de sites e de produtos digitais que não os jornalísticos para fazer qualquer tipo de análise ou estudo de caso. O livro se concentra na necessidade de discutir mais e estabelecer modelos de análise de qualidade em ciberjornalismo, através da aplicação de ferramentas para avaliar elementos fundamentais destes produtos.

Partindo da constatação de que não existe consenso entre pesquisadores de diversas áreas do conhecimento sobre o que seja qualidade, as propostas foram centradas em

características indispensáveis aos cibermeios, escolhidas por todos os membros dos grupos de pesquisa participantes do estudo conjunto. A ver:

1 Hipertextualidade – é através do hipertexto que acessamos as diversas camadas de informação oferecidas pelos cibermeios. A Ferramenta para Análise de Hipertextualidade em Cibermeios (BARBOSA e MIELNICZUK, 2011) contempla o duplo emprego da hipertextualidade quanto a duas de suas funções: organizativa e narrativa. A metodologia de análise está baseada em duas unidades: primeira página e matéria dos cibermeios.

2 Interatividade – todo produto digital acessado através da Internet é interativo por natureza. A Ferramenta para Análise de Internatividade em Cibermeios (MESO *et al*, 2011) considera os recursos envolvidos em ações de comunicação recíprocas a modo de diálogo para promover a interação entre as pessoas e o produto jornalístico. A ferramenta foi centrada nas operações que permitem ao leitor intervir, dialogar e recuperar dados da maneira que desejar. Os procedimentos metodológicos que os autores consideram mais adequados para observar a interatividade nos cibermeios foram baseados na notícia enquanto unidade de análise.

3 Multimidialidade – a diversidade de formatos para apresentar os conteúdos é uma característica observada no ciberjornalismo, mesmo antes da segunda geração, quando conceitualmente se estabelece a fase da metáfora para o Webjornalismo (MIELNICZUK, 2003). A Ferramenta para Análise de Multimidialidade em Cibermeios (MASIP *et al*, 2011) conserva a natureza multi dos produtos das Novas Mídias e analisa por etapas o que os autores denominam unidades de caráter informativo autônomo com título independente: fotografia, vídeo, áudio e infografia. As unidades informativas são analisadas a partir de três formas: individual (na primeira página ou em notícias), em galerias e em arquivos.

4 Design – os cibermeios exploram necessariamente a funcionalidade operacional do *design* na composição dos seus conteúdos. O caráter informativo da identidade visual e a

correspondência que permite estabelecer entre componentes gráficos jornalísticos e os conteúdos dos cibermeios é avaliada pelos autores (PALOMO *et al*, 2011) através de quatros aspectos: 1-desenho da *homepage*; 2-da tipografia; 3-das cores; 4-da estrutura da navegação e interatividade. Consideram na primeira página e nas páginas internas onde estão vídeos, galerias de fotos, menus de operação, publicidade. Avaliam a disposição espacial desses elementos.

5 Bases de dados – as bases de dados são a principal forma cultural simbólica de nossos tempos, lógica e estrutura para forjar a maior parte dos objetos das novas mídias (MANOVICH, 2001). Pelas bases de dados passam todas as etapas do processo de produção jornalística: apuração, composição, edição e circulação, bem como a apresentação dos conteúdos, de acordo com funcionalidades e categorias específicas, que vão permitir a criação, a manutenção, a atualização, a disponibilização e a circulação dos cibermeios (BARBOSA *et al*, 2011). Os autores estabelecem nove conceitos e termos técnicos a se utilizar em avaliações de cibermeios: 1-bases de dados, 2-cibermeio, 3-intranet, 4-sistemas de gerenciamento de conteúdo ou sistemas editoriais, 5-software livre ou de fonte aberta, 6-convergência jornalística e suas áreas de abrangência, 7-mineração de dados, 8-sistemas inteligentes e 9-templates.

6 Memória – o conceito de memória em cibermeios remete às operações de composição, indexação, busca e recuperação de informações em cibermeios. Os autores dividiram em dois conjuntos os elementos a se considerar em avaliações de memória: estáticos e dinâmicos, entre os quais estão Sistemas de busca e História (estáticos); Localização de links; natureza de links; personalização e memória (dinâmicos).

7 Blogs – os blogs passaram de diários pessoais tornados públicos a plataformas de publicação automática de conteúdos na Internet. A estruturação da informação em blogs apropriados pela maioria dos cibermeios renovou o lugar das opiniões no jornalismo, seja do

jornalista ou do usuário. Os autores propõem que as análises sobre blogs sejam complementares as sobre interatividade (MESO *et al*, 2011) e consideram os blogs uma autêntica revolução no ciberjornalismo.

No mínimo, o livro representa a tentativa de organizar os esforços de reflexão sobre o que se produz em termos de cibermeios no Brasil e na Espanha. No médio, reúne sete metodologias distintas, de origem comum, para avaliar cibermeios, que podem ser testadas e aprimoradas com o tempo, através de novos estudos. E no máximo, entre vários máximos possíveis, a caixa de ferramentas oferece instrumentos para aferição de qualidade em ciberjornalismo. Vários olhares sobre diferentes aspectos dos mesmos produtos, partindo de um pensamento comum e visando a um objetivo comum: iniciar o processo de emancipação da linguagem dos cibermeios em estudos sobre ciberjornalismo.

Analisado no geral, o livro contribui com a ampliação da discussão sobre métodos de avaliação que possam ser aplicados em estudos sobre produções ciberjornalísticas. Demonstra o que os organizadores já preveem na apresentação: somente pelo uso as ferramentas poderão ser aperfeiçoadas. Nada mais justo para um trabalho que se formou a partir de duas questões cruciais para o ciberjornalismo: a) o que se mede quando se analisa qualidade?; b) com que régua se mede?

Ao cruzar os indicadores para avaliar sites (CODINA, 2003) com os parâmetros para classificar cibermeios, considerando as características e operações determinantes destes tipos de produtos jornalísticos, os autores das ferramentas que compõem esta obra (PALACIOS, 2011) criaram o primeiro manual de ferramentas de análise de qualidade em cibermeios. Decerto referência para qualquer trabalho que o siga e pretenda tratar do tema das metodologias para estudos em ciberjornalismo, ou que tenha a intenção de realizar algum estudo de caso que necessite avaliar elementos e características de produtos desta natureza. Pesquisas e consultorias técnicas podem beneficiar-se de avaliações guiadas por parâmetros

mínimos identificáveis através de instrumentos de análise como os que estão no livro (PALACIOS, 2011).

Como destaca a apresentação, as ferramentas podem ser usadas para ser descartadas completamente. Eis o que representam: matrizes de conhecimento acumulado para compor modelos de linguagem em cibermeios. A diversidade de construções utilizadas pelos autores deste compêndio para abordar seus temas, dentro de um mesmo universo empírico e a partir de uma ferramenta unificada, oferece a leitura que fazemos desde o interior da pesquisa conjunta até o exterior dos objetos de estudo analisados. Na diversidade buscamos padrões para a adequação da Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011).

3.2 Memória como Elemento de Qualidade

A ferramenta concebida para avaliar qualidade através de análise de memória nos cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011) será apresentada como consta no livro Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo. Volume 1: Modelos (PALACIOS, 2011). É composta por itens que buscam identificar conjuntos de elementos importantes a serem observados nas análises. Cada item da ferramenta, ex:. *1A- Sistema de busca*, é formado por questões a serem respondidas pelo observador no momento da pesquisa. A ferramenta é um instrumento que deve integrar qualquer processo de medição de elementos de memória, como integrante de um conjunto de ferramentas que analisam outras características, todas elas direcionadas ao objetivo geral de proporcionar a criação de *rankings* entre os cibermeios, entre seus produtos e recursos, estabelecendo padrões mínimos de qualidade ou simplesmente para dizer que este é melhor que aquele.

Cada item é formado por séries variáveis de questões. O número de perguntas não impacta nos resultados, por isso, não há problema na variação da quantidade. As perguntas

formuladas têm por objetivo mostrar o que é indispensável. Se o cibermeio não possui sistema de acesso à informação mediante um buscador, isto indica um problema, pois como pode um jornal na Internet ignorar as demandas do usuário por informação? Dar acesso ao que foi publicado antes é mais que uma oportunidade de incrementar conteúdos ou de implementar novos modelos de negócio, é antes de tudo e por ter natureza jornalística, um dever dos cibermeios.

Apresentamos agora duas ferramentas para análise de memória em cibermeios, a originalmente publicada no livro organizado por Palacios (2011), e a adaptação desta aos moldes mais recortados de nossa investigação doutoral. A nova proposta da ferramenta apresenta os resultados de uma pesquisa que se inicia com as primeiras formulações e não se esgota. O que mostramos aqui é uma releitura da ferramenta original à luz de uma reflexão mais aprofundada sobre memória no ciberjornalismo.

A ferramenta de memória reuniu aspectos estáticos e dinâmicos relacionados à característica, passando pela análise dos sistemas de busca dos cibermeios, da valorização de material histórico, da articulação com a edição impressa, da localização e natureza dos links, e da interseção entre Memória e Personalização, além de indicar algumas iniciativas que fugiam do escopo inicial da ferramenta de análise geral (CODINA, 2003). Com vistas a desenvolvimentos posteriores, a primeira versão da ferramenta de memória integra o complexo de instrumentos de avaliação, configurados sob a mesma lógica.

A primeira versão da ferramenta da memória (PALACIOS e RIBAS, 2011) possui 3 partes:

Parte 1: Aspectos Estáticos da Memória

1 A – Sistema de Busca

1 B – História

1 C – Articulação com Edição Impressa

Parte 2: Aspectos Dinâmicos da Memória

2 D – Localização de Links

2 E – Natureza dos Links

2 F – Personalização e Memória

Parte 3: Aspectos Inovadores da Memória

Este quesito permite a descrição de elementos possivelmente não contemplados nos quesitos anteriores.

Para avaliar a memória, foram identificar elementos e propriedades definidos com base na ferramenta original e adaptados após a classificação dos indicadores. Para atualizar e testar a ferramenta, após o período conjunto de aplicação pelos membros do convênio, aplicamos para fins desta tese, novamente, a ferramenta nos 14 cibermeios, considerando a nova formulação, com novas questões. A ferramenta modificada apresenta a seguinte estrutura:

Parte 1: Elementos Estruturais (Filtros) da Memória

1 A – Tipos de documentos

1 B – Sistemas de busca

1 C – Estruturas de links

Parte 2: Elementos de Conteúdo Memorial (Contexto)

2 D – Tipos de links

2 E – Níveis de re-produção

2 F – Opções de armazenamento

Parte 3: Aspectos Inovadores da Memória

Passemos às questões. Na ferramenta original constam 10 perguntas:

Aspectos Estáticos da Memória	
Sistema de busca	
O site possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras?	0 1
Possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras fora do próprio meio? (*Google* ou outros buscadores associados aos sistemas de busca)	0 1
Permite algum tipo de busca avançada mediante busca por campos, operadores booleanos, etc, dentro do próprio site?	0 1
Oferece busca por períodos cronológicos (de *data* até *data*)?	0 1
Oferece busca por editorias ou seções?	0 1
Oferece busca específica por formato (somente gráficos, somente áudio, vídeo, foto etc...)?	0 1
Oferece algum outro parâmetro de busca que não os acima? Especificar: _____	0 1
Oferece organização de resultados da busca por relevância, data ou qualquer outro parâmetro? Especificar: _____	0 1
Existe recurso de Tags (nuvem de tags) servindo para Buscas?	0 1
O acesso para o arquivo do cibermeio pode ser encontrado na home page, na barra de navegação principal, na primeira tela (sem que seja necessário rolamento da página)?	0 1
TOTAL: **10**	

Nossa proposta para a reconfiguração da ferramenta de memória apresenta o primeiro item com as seguintes questões:

Elementos Estruturais da Memória (fixos)	
Tipos de documentos	
A peça jornalística ou o cibermeio oferece mais de duas opções de formatos para as informações? Ex:. Texto, foto, vídeo, áudio, animações ou slideshows.	0 1
Há informações sobre a origem dos documentos agregados às narrativas?	0 1
Os documentos estão associados a algum tipo de classificação como tesauro ou tags que indiquem a localização do arquivo já publicado?	0 1
Documentos antigos e de valor histórico são incorporados digitalizados às narrativas?	0 1
Disponibiliza arquivos e documentos que não tenham sido produzidos pelo cibermeio?	0 1
TOTAL: **05**	

Cada questão possui um sistema binário de contagem dos resultados. O zero significa "não", e o um significa "sim". Recuperado da ferramenta original, o sistema de contagem permite estabelecer escalas de presença e ausência de elementos e recursos de memória nos cibermeios ou em peças publicadas. Somente os itens "Tipos de links" e "Níveis de re-produção" possuem uma escala de valores que será apresentada na sequência. As perguntas foram formuladas para abranger cada tópico como parte de um conjunto que tende sempre a explorar a memória em seu potencial.

O segundo aspecto contemplado pela ferramenta em sua primeira versão foi "História". As questões formuladas foram as seguintes:

Aspectos Estáticos da Memória	
História	
Existe uma hemeroteca histórica (Coleção de edições anteriores do cibermeio organizada cronologicamente)?	0 1
A recuperação de edições anteriores na hemeroteca permite acesso ao material original completo, inclusive com fotos e outros recursos multimídia?	0 1
O acesso à hemeroteca histórica é livre de pagamento?	0 1
O acesso à hemeroteca histórica é livre de registro?	0 1
Existe uma hemeroteca histórica da edição impressa (Coleção de edições anteriores da edição impressa organizada cronologicamente)?	0 1
TOTAL: **05**	

Na primeira versão, o item "História" tratava do passado de uma forma muito geral e apenas indicava a localização e o acesso às informações anteriormente publicadas pelo cibermeio ou pelo seu congênere impresso. A hemeroteca a que se refere esta parte da ferramenta, como já comentamos, é uma seção comum nos cibermeios espanhóis e reúne o material publicado pelo impresso. Muitas vezes a hemeroteca só pode ser acessada mediante pagamento, e em alguns casos são portais que reúnem várias publicações do grupo de mídia e seus respectivos arquivos, como é o caso do *El Mundo*.

O item *1B* não valorizava o caráter contextual e integrador do passado ou a capacidade de criação de novas histórias com informações antigas. Na nova proposta de ferramenta, os indicadores de qualidade referentes a informações do passado foram pulverizados em todos os itens, pois História como registro da memória não pode se reduzir a arquivo em seu sentido ultrapassado. Os cibermeios brasileiros oferecem um modelo semelhante à hemeroteca denominado Edição Digital ou Acervo ou ainda Arquivo.

Na segunda versão da ferramenta, o segundo item é *Sistemas de busca*, diferentemente da anterior, no plural:

Elementos Estruturais da Memória (fixos)	
Sistemas de busca	
O cibermeio possui um sistema interno de acesso à informação mediante busca por palavras?	0 1
Possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras fora do próprio meio? (*Google* ou outros buscadores associados aos sistemas de busca)	0 1
Permite algum tipo de busca avançada mediante busca por campos, operadores booleanos, etc, dentro do próprio site?	0 1
Oferece busca por períodos cronológicos (de *data* até *data*)?	0 1
Oferece busca por editorias ou seções?	0 1
Oferece busca específica por formato (somente gráficos, somente áudio, vídeo, foto etc...)?	0 1
Oferece algum outro parâmetro de busca que não os acima? Especificar: _____	0 1
Oferece organização de resultados da busca por relevância, data ou qualquer outro parâmetro? Especificar: _____	0 1
Existe recurso de Tags (ou nuvem de tags) servindo para buscas?	0 1
O acesso para o arquivo do cibermeio pode ser encontrado na página inicial, na barra de navegação principal, ou na primeira tela (sem que seja necessário rolamento da página)?	0 1
Permite a visualização dos resultados das buscas com gráficos comparativos ou outros recursos que diferenciem dados e estabeleçam relações entre as informações recuperadas?	0 1
O sistema de busca permite recuperar material produzido exclusivamente pelo e para o congênere impresso?	0 1
O material recuperado da edição impressa é oferecido em HTML ou qualquer outro formato que não seja as páginas originais em PDF?	0 1

Existem parâmetros que não apenas data e palavra-chave para busca r material da edição impressa?	0 1
Permite busca em separado de material da edição impressa? (somente texto ou somente fotos).	0 1
Oferece algum espaço especialmente criado para conter informações históricas?	0 1
O cibermeio disponibiliza algum manual de utilização do sistema de busca?	0 1
TOTAL: **17**	

Mantivemos as questões originais deste quesito, pois trazem as principais características e necessidades quando de sua utilização pelos usuários dos sistemas de busca dos cibermeios. Adequamos algumas perguntas e incorporamos outras, principalmente todas aquelas que nos outros itens se referiam ao Sistema de busca.

Na sequência, o terceiro item da ferramenta era "Articulação com a edição impressa". Ainda como aspecto estático da memória, o item *1C* separava o que se referisse ao congênere impresso. As questões privilegiavam observar se o sistema de busca do material publicado no impresso oferecia as mesmas possibilidades que para o material produzido pelo cibermeio. Se havia alguma articulação entre matérias produzidas pelo cibermeio e o material anteriormente publicado pela edição impressa.

Aspectos Estáticos da Memória	
Articulação com edição impressa	
Oferece busca de material publicado na edição impressa?	0 1
A busca na edição impressa possui os mesmos parâmetros para busca na edição on-line?	0 1
O material arquivado da edição impressa é oferecido em HTML ou qualquer outro formato que não seja as páginas originais em PDF?	0 1
Possibilita busca em separado de material da edição impressa? (somente texto,	0

somente fotos)	1
Associa material da edição impressa como links de memória a material da edição on-line? Ou vice versa?	0 1
TOTAL: **05**	

Na nova proposta, o item *1C* é "Estrutura de links", que se refere aos elementos de organização e ao tipo de construção narrativa.

Elementos Estruturais da Memória (fixos)	
Estruturas de links	
Existe algum mapa de links disponível para que se tenha a idéia geral da estrutura disponível com todos os seus níveis de informação?	0 1
Em algum lugar da estrutura de links existe a indicação de material complementar à informação principal?	0 1
Quando se recupera a informação desejada, é possível identificar que ela faz parte de um conjunto de outras informações?	0 1
A navegação na(s) estrutura(s) permite saber onde o usuário está e por onde pode ir?	0 1
Associa material da edição impressa como links de memória a material da edição on-line? Ou vice versa?	0 1
Existem links dispostos na forma de linha do tempo?	0 1
TOTAL: **06**	

A parte 2 da nova ferramenta substitui *Aspectos dinâmicos* da Memória, por *Elementos de Conteúdo Memorial*, variáveis, em links que (se) comunicam. Diferentemente do quesito anterior, que se refere às estruturas, este agora pretende dar conta (mesmo que provisoriamente) da natureza dos links. Os links podem ser de memória, narrativos

(MIELNICZUK, 2003; BARBOSA e MIELNICZUK, 2010), simplesmente para organizar ou para construir relações semânticas ou sintáticas entre as informações. Em narrativas onde estão no corpo do texto, conduzem o leitor a explorar a informação perpendicularmente. Se estão ao lado, normalmente dão a noção de complementaridade. Links narrativos constituem as partes que compõem a apuração. São diferentes dos links de complementação ou de contexto, estes considerados por nós links de memória. Barbosa e Mielniczuk (2011) explicam que os links narrativos "são aqueles que integram a narrativa do fato jornalístico, dizem respeito à matéria jornalística". Os de memória ampliam os horizontes de exploração por parte do usuário. Os narrativos, se bem aproveitados, podem sugerir relações entre as diversas informações compondo a história como um mapa a ser desvendado pelo usuário. Os de memória fazem as conexões entre os fatos e seus por quês.

O mosaico informativo cresce em potencial quando os links de memória saem da imobilidade das barras laterais e se colocam datados e devidamente enlaçados às suas tags ao final da informação daquela página. Quando isso acontece, o que poderia ser considerado material arquivado toma outra dimensão e se adéqua ao estado da arte dos arquivos contemporâneos, vivos à primeira leitura.

Os links de memória podem ser narrativos quando tomam o lugar abaixo do último bloco de informações da página. Normalmente são identificados por "Notícias relacionadas" ou "Veja mais", "Saiba mais", "Leia mais" etc... Dessa forma, pode indicar também que a história foi construída em etapas que acompanharam o desenrolar dos acontecimentos, publicadas em sequência e organizadas visualmente ou na forma de listas. Cada parte da história pode ser contada de uma forma diferente. Nas reportagens multimídia em profundidade, existem integradas notícias curtas, de última hora, infográficos animados, interativos, vídeos, fotos instantâneas e galerias fotográficas, documentos oficiais, enquetes,

comentários dos usuários, *mashups*, e *plugins*, que indicam os novos rumos que os acontecimentos tomaram desde sua primeira enunciação. A importância de se conseguir recuperar as partes de informação e suas trilhas consiste na oportunidade de ampliar esse horizonte enunciativo.

Temos, portanto, links de memória narrativos e links de memória complementares ou de contexto. Mais uma distinção entre eles é o caráter de aprofundamento do segundo, muitas vezes de natureza enciclopédica. Outra característica dos links, é que podem ser internos ou externos. Os internos podem ser narrativos ou de memória e sempre são produzidos pelo cibermeio. Os externos podem ser documentais ou indicativos de fontes e referências. Algumas vezes estes links apontam para produções de outros cibermeios.

Para ilustrar a diferença entre os tipos, uma escala de valores entre links de memória pode ser criada da seguinte maneira:

Links narrativos = 1

Links complementares ou de contexto = 2

Links complementares de aprofundamento, internos = 3

Links complementares de aprofundamento, externos = 4

Links complementares de aprofundamento, externos e indicativos de fontes e referências = 5

Links complementares de aprofundamento, externos e documentais = 6

Estes valores somados ao total da contagem na aplicação da ferramenta agregam mais indicadores de qualidade na análise da utilização de elementos de memória. Vale ressaltar que

toda essa argumentação sobre os tipos de links foi inspirada e resgata o trabalho pioneiro entre as pesquisas brasileiras sobre o ciberjornalismo de Luciana Mielniczuk (2001, 2002, 2003).

Contemplamos os links que trazem material multimídia como indicadores de qualidade. Na Web, uma história com elementos audiovisuais amplia as possibilidades de enriquecimento da narrativa na compreensão dos acontecimentos. O valor dos registros aumenta o valor dos links.

Este item substitui os *aspectos dinâmicos da memória* da ferramenta original por *Elementos de Conteúdo Memorial*. Eles são variáveis de acordo com o gênero jornalístico e o tipo de acontecimento. Antes, esta segunda parte da ferramenta proporcionava a visão da recuperação histórica, do contexto, da memória efetivamente incorporada ao produto jornalístico. Na nova proposta também, mas, além disso, sublinha o caráter mutante de uma construção coletiva do conhecimento.

Elementos de Conteúdo Memorial (variáveis)	
Tipos de links	
Possui Links narrativos?	0 1
Links complementares ou de contexto?	0 2
Links complementares de aprofundamento, internos?	0 3
Links complementares de aprofundamento, externos?	0 4
Links complementares de aprofundamento, externos e indicativos de fontes e referências?	0 5

Links complementares de aprofundamento, externos e documentais?	0 6
Existem links de Memória na primeira página do cibermeio ou da peça analisada?	0 1
Os links de Memória, se existem, trazem material multimídia?	0 7
TOTAL: **29**	

O item *2E, Níveis de re-produção,* indica os conteúdos novos gerados por materiais já publicados pelo cibermeio ou por seu congênere impresso, quando for o caso. As questões direcionam para avaliar o grau de referecialidade dos conteúdos, que se relaciona com a localização e a dinâmica de promoção desses conteúdos.

Elementos de Conteúdo Memorial (variáveis)	
Níveis de re-produção	
Anuncia o conteúdo antigo como manchete?	0 1
Faz links entre conteúdos antigos?	0 1
Insere links para conteúdos antigos na narrativa como complementares de aprofundamento?	0 5
Insere links para conteúdos antigos multimídia na narrativa?	0 7
Disponibiliza links para conteúdos antigos multimídia em algum box separado?	0 1
Se há links complementares de aprofundamento, externos e documentais ou de	0 6

fontes e referências, eles estão em destaque?	
TOTAL: **21**	

O item *2F, Opções de armazenamento* adéqua o quesito que antes relacionava a personalização à memória e perguntava sobre possibilidades de personalização da memória pelo usuário, basicamente, se ele podia guardar para acessar quando quisesse um histórico das buscas que já efetuou. O item considera agora que os conteúdos podem ser armazenados automaticamente, por agregação de *tags*. Traz questões para os modos de visualização dos resultados das buscas, e para as ferramentas disponíveis para customizar o que foi recuperado. Iniciativas com as redes sociais como o *Twitter* podem ser incluídas neste quesito, pois ao tempo em que são espaço de disparo de informação em frases e posts, têm o recurso das *#hashtags* que comunicam e organizam o passado com etiquetas.

Elementos de Conteúdo Memorial (variáveis)	
Opções de armazenamento	
O usuário pode armazenar seu histórico de navegação ou, pelo menos, as buscas que efetuar?	0 1
Caso as buscas possam ser guardadas, as relações destas com o conjunto informativo ao qual pertencem ficam disponíveis?	0 1
A conta do *Twitter* do cibermeio possui um sistema de *hashtags* que indique material de Memória?	0 1
O cibermeio associa as *hashtags* do seu *Twitter* à narrativa, ou agrega de alguma maneira as etiquetas à narrativa?	0 1

Existem formas diferentes para o usuário visualizar os conteúdos recuperados?	0 1
Se existem ferramentas de visualização, estas permitem estabelecer relações entre os conteúdos buscados?	0 1
TOTAL: **06**	

Apresentamos agora um quadro que mostra os resultados da aplicação da ferramenta de análise da memória renovada, nos 14 cibermeios que compõem este estudo. Os números representam soma dos valores totais indicados ao final de cada parte da ferramenta.

Itens:	**1A**	**1B**	**1C**	**2D**	**2E**	**2F**	**TOTAL Pontos**
Cibermeios:							
La Vanguardia	5	17	6	29	21	6	84
El Mundo	5	17	4	29	15	4	73
Diario de Navarra	3	14	2	29	15	2	66
El Correo Gallego	2	2	1	13	14	1	33
El Correo	1	15	1	13	1	1	32
Las Provincias	2	11	1	10	1	1	28
Sur	1	11	1	10	1	1	28
Folha de S. Paulo	3	15	3	28	14	1	64
Zero Hora	1	2	1	13	1	1	19
Diário Catarinense	1	2	1	13	1	1	19
Correio Braziliense	1	2	2	10	1	0	16
Gazeta do Povo	2	5	2	2	1	0	12

Jornal do Commercio	1	2	1	2	0	0	6
A Tarde	1	0	1	2	1	0	5

Tabela 9 – Resultados da aplicação da 2ª versão da ferramenta de memória

Os resultados mostram que os cibermeios *La Vanguardia*, *El Mundo* e *Folha de S. Paulo* se destacam entre aqueles que se utilizam do potencial da memória nas coberturas jornalísticas.

Em uma leitura dos dados da tabela com os valores da aplicação, normalmente, os cibermeios com valores acima de 10 no quesito sistemas de busca (1B) são aqueles que trabalham melhor a memória na narrativa (2D), mas nem todos os que apresentam valores baixos no item 1B desconsideram a potencialidade da memória incorporada à história, como é o caso do *Zero Hora*, *Diário Catarinense* e *Correio Braziliense*. Esta preocupação se deve ao fato de que por muito tempo a prática de memória dos cibermeio se restringia a um sistema de busca por data e/ou palavra-chave. Se considerarmos que o primeiro jornal da Web foi publicado em 94, 95, até o fim da segunda geração do ciberjornalismo, quando a metáfora do impresso ainda vigorava entre as publicações, a memória era ignorada como potencial para o aumento da qualidade das produções. O cenário brasileiro começou a mudar nesse sentido a partir de 2001, quando os portais trouxeram os serviços como novidade e tendência, que acabou influenciando melhorias que começaram a ser feitas nos arquivos. Na Espanha, os cibermeios começam (JIMÉNEZ GUERRERO e HUERTA, 2002) a melhorar os sistemas de busca e suas hemerotecas na mesma época.

Comparando mais indicadores, como por exemplo 2D e 2E, respectivamente *Tipos de links* e *Níveis de re-produção*, chega-se à constatação que nem todos os cibermeios que exploram o potencial da hipertextualidade associada à memória na narrativa conseguem inovar na apresentação de conteúdos de memória e valorizar a contextualização para

enriquecer os relatos do acontecimento. A navegabilidade é o quesito menos explorado nas narrativas. A localização dos conteúdos não fica clara à primeira vista para o usuário, que muitas vezes tem que usar a barra do navegador para voltar a algum conteúdo deixado pra trás. As opções de armazenamento ou visualização de buscas ou de algum tipo de personalização que o usuário possa fazer durante sua navegação ainda são pouco explorados.

3.3 Padrões e Características de Modelos de Memória

Ao aplicarmos o instrumento de análise nos 14 cibermeios que compõem nosso corpus empírico, chegamos a alguns resultados que passamos a apresentar, tentando estabelecer um *ranking* provisório de hierarquização dos cibermeios por total alcançado na aplicação da ferramenta. Os números representam a presença e a ausência de elementos potenciais de memória definida operacionalmente pelos processos de indexação e recuperação de informações produzidas coletivamente na Internet pelos cibermeios.

Em uma escala em que o máximo é 84 (soma dos totais de todas as partes da ferramenta), o único cibermeio que alcançou a pontuação máxima foi o *La Vanguardia*. A *Folha de S. Paulo* (64), primeira colocada no *ranking* brasileiro, em uma comparação entre os países, está na quarta colocação, atrás do *Diário de Navarra* (66). Os cibermeios brasileiros obtiveram um aproveitamento dos aspectos de filtragem bem abaixo de 50%, configurando 22,6% de aproveitamento, em relação ao total. Já a maioria dos espanhóis apresentou índice acima dos 33%. Considerando estes requisitos mínimos para a articulação da memória em um cibermeio, neste atual estágio de desenvolvimento do ciberjornalismo, os jornais brasileiros ficam atrás dos espanhóis na valorização da recuperação de conteúdos jornalísticos por parte do usuário.

No que se refere aos aspectos de contexto, mais uma vez os espanhóis se destacam, com um máximo de aproveitamento com índice de 70% (*La Vanguardia*). O Brasil alcança

30% com a *Folha de S. Paulo* e quase zera este quesito com *Jornal do Commercio* e *A Tarde*. Desconsiderar aspectos que trazem a memória para o interior da produção jornalística distancia os cibermeios da proposta de fazer jornalismo na Internet aproveitando as características e especificidades do meio. Isto se aproxima mais do velho jornalismo tradicional em outros suportes, antes de que se aproximassem mais das tecnologias e formatos digitais, do que se molda no universo tridimensional do ciberjornalismo.

A presença de hemeroteca ativa só foi constatada no *La Vanguardia*, que se destaca por oferecer um sistema de busca avançado que reúne material publicado desde 1881 até os dias de hoje. O material que pode ser recuperado preserva as características originais de paginação e edição, sendo digitalizado e oferecido em PDF. Ocorrem chamadas da hemeroteca na primeira página, quando algum fato antigo merece destaque em um determinado dia.

Quando vinculadas ao arquivo pago, as edições impressas disponibilizadas em PDF estão quase que totalmente desintegradas da edição on-line. Não há articulação entre o material do impresso e do on-line e os sistemas de busca são independentes, chegando a figurar um para cada tipo de conteúdo, como fotos, áudio, vídeos, infográficos e texto.

Somente o *La Vanguardia* consegue inovar no que se refere a opções mais variadas para buscar conteúdos por parte do usuário. A hemeroteca do cibermeio catalão considera a capacidade de produzir novas experiências através das anterioridades. Ao dispor fotos antigas, reproduções de páginas do impresso de tempos em que os meios comunicavam individualmente, o *La Vanguardia* atualiza o referencial diário de informações adquiríveis através de seus links.

Há pouco uso de links de memória em matérias apresentadas na forma de vídeo, áudio ou infográfico. Na maior parte das vezes, material em outros formatos se apresenta

desintegrado, isolado, separado em seções individuais ou classificados apenas como "Multimídia", aprisionados em "masmorras" que impedem qualquer interação com outros conteúdos. Esta condição acaba por conferir desaparecimento ao que por natureza poderia conceder ao entorno informativo mais *status* de realidade.

A pouca relação entre os links de memória com outros tipos de links contribui com uma dispersão do material de arquivo, que se torna recuperável apenas no nível do sistema de busca com demanda gerada pelo usuário. Ao deixar de estabelecer relações entre o que já foi publicado e o determinado acontecimento, o jornalista perde a oportunidade de inserir a memória em um complexo informativo que tira o arquivo das profundezas do estático, trazendo-o a um patamar cíclico de produção conjunta, contínua, inovadora. Iniciativas que saem do comum foram observadas apenas no que se refere à organização dos dados recuperados, oferecendo gráficos comparativos de determinados assuntos ou linhas do tempo para visualização dos resultados. Da mesma forma, permitir personalização dos conteúdos não aparece como opção para os usuários.

Como vimos, as análises permitiram classificar indicadores de memória, que mostram o padrão de elementos que se tornaram indispensáveis para os cibermeios. Adequamos a Ferramenta de Análise de Memória (PALACIOS, 2011), apresentando uma segunda versão, baseada nos indicadores que classificamos na primeira fase da pesquisa e readequamos conforme o avanço das observações.

Os cibermeios espanhóis possuem uma seção comum a todos intitulada "Hemeroteca". No português a palavra tem a mesma grafia, "he.me.ro.te.ca *sf* (*hêmero+teca*[2]). Lugar onde se arquivam jornais e outras publicações periódicas"[99]. Em espanhol, da mesma forma[100]. Ocorrem de duas formas: 1- com uma página inicial com chamadas como se fossem notícias

[99] In: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michelis <www.michaelis.uol.com.br>
[100] http://es.wikipedia.org/wiki/Hemeroteca

atuais e com partes onde há possibilidades de acessar o que foi publicado no dia de hoje, 30 anos atrás; e 2- com uma página de busca avançada semelhante ao que no Brasil encontramos denominado por 'Arquivo' ou 'Acervo', integrando e/ou justapondo os resultados do impresso e do on-line.

La Vanguardia nos dá um exemplo de hemeroteca diferenciado. A boa qualidade da memória destaca os cibermeios na medida em que disponibiliza informações mais completas sobre os acontecimentos. O produto digital catalão apresenta um modelo de memória que valoriza o material histórico na produção diária de notícias e é o único que aproveita a página inicial da hemeroteca para oferecer um modo recursivo de visualização das informações do passado. *La Vanguardia* promove os conteúdos já publicados com uma nova roupagem.

Como um modelo de produção de notícias que valoriza as histórias relacionadas, o *La Vanguardia* apresenta ocorrências de elementos de memória que vão desde a página inicial do cibermeio até um *box* de links relacionados para ampliar a compreensão do tema em notícias de última hora.

Interessante observar como o cibermeio insere as páginas digitalizadas do impresso nas novas narrativas. Como recursos complementares à informação principal, as fotos copiadas, quando houve mais de uma impressa, compõem galerias como nas seções de multimídia, dando a impressão de unidade entre os conteúdos. A hemeroteca é gratuita, vendendo produtos específicos como coleções especiais com reportagens históricas sobre acontecimentos importantes e quantas páginas mais o usuário quiser guardar em papel ou em documento digital.

A página específica traz opções de busca de material já publicado pelo jornal impresso, desde 1881 até 2011. Se o usuário deseja recuperar o que foi publicado pelo cibermeio, deve acessar a opção "*Búsqueda avanzada*" ou "*Buscador*", que oferece consulta por data, autor, localização, gênero, seção ou editoria, palavras-chave, etc. Ao melhor estilo *Video Show*, a hemeroteca traz chamadas para informação já publicada no congênere impresso, algumas com direito a texto composto por links para matérias relacionadas, também publicadas no papel. *Video Show* é um programa de televisão brasileiro produzido e exibido pela Rede Globo desde 1983. **Figura 22 – primeira página da hemeroteca em 10/09/2011**

Entre outros quadros, o programa deixou uma marca compartilhada com outros como o *Cinemania*[101], por exemplo, apresentado durante cinco anos na extinta *Rede Manchete* (1988-1993). A fórmula que até hoje funciona consiste na reutilização de material já veiculado para contar novas histórias ou analisar situações atuais com recurso à memória audiovisual arquivada em bases de dados de centros de documentação. As novas narrativas audiovisuais trazem mosaicos de informações montados por um narrador oculto que conduz a

[101] http://memoriadatv.blogspot.com/2008/07/rede-manchete-apresentou-durante-cinco.html

história conectando as imagens resgatadas dos repositórios, produzidas em diferentes épocas. Exemplos são passagens em que há diálogos do ator com os personagens que já interpretou, ou entre os personagens, discutindo algum assunto atual, normalmente relacionado a um deles.

Como os programas de TV, a hemeroteca do *LaVanguardia* realça e reutiliza a informação jornalística que antes ocupava as *morgues* ou arquivos mortos dos edifícios onde ficavam as redações. A estrutura hipertextual que conecta um fato a outro em uma rede de relações desempenha função de narrador. Com as cópias das páginas originais da época, em alguns parágrafos se conta, por exemplo, uma importante parte da história da Segunda Guerra Mundial, quando da invasão da extinta URSS pelas tropas alemãs no dia 22 de junho de 1941[102]. A compreensão do fato, seja ele histórico ou da atualidade imediata, se oferece em um primeiro nível textual, com fotografia, e com complementos organizados em uma estrutura hipertextual.

A utilidade de um modelo como este, se mostra interessante para finalidades educacionais. Tome este exemplo um professor de História que peça aos alunos para estabelecer relações entre o regime Franquista na Espanha e o Reich, entre 1939 e 1945. A ferramenta para realizar o exercício é a hemeroteca do *La Vanguardia*, sendo que o papel do professor é o mesmo do jornalista, filtrar as informações básicas para que os alunos possam realizar seus próprios percursos na busca pelas respostas. Esta página[103] é o primeiro filtro. Como o professor, o jornalista dos cibermeios pode oferecer filtros diários de informações que agreguem ao que se produz de mais novo, o contexto necessário para que se possam compreender com mais riqueza as relações entre os fatos. Estando nesta forma atual, os fatos

[102] http://www.lavanguardia.com/hemeroteca/20110906/54210584954/la-division-azul-cruza-la-frontera-rusa.html
[103] http://www.lavanguardia.com/hemeroteca/20110906/54210584954/la-division-azul-cruza-la-frontera-rusa.html

históricos são incluídos com mais naturalidade em novas formas de ver o mundo e de lidar com o conhecimento[104].

Figura 23 - Página interna servindo como filtro de notícias publicadas pelo impresso

Outra característica da hemeroteca do *LaVanguardia* é a organização da primeira página destacando material já produzido sobre acontecimentos passados que por razões das circunstâncias estejam sendo trazidos à memória neste momento, na forma de manchetes nas

[104] A hemeroteca tem uma loja que vende produtos pela Internet. É possível comprar, por exemplo, uma seleção das melhores páginas publicadas pelo impresso na época da Segunda Guerra Mundial http://www.tiendahemeroteca.es/ishop/CategoryPage.aspx?CategoryId=3. Chega pelos correios e o pagamento é feito com alguns cliques.

primeiras páginas dos cibermeios e dos congêneres impressos. Sejam datas comemorativas por glórias ou tragédias, nascimentos ou mortes, os especiais estão sempre em destaque na hemeroteca, enquanto destaque for dado ao acontecimento em questão pela mídia, como é o caso da cobertura dos 10 anos dos atentados às torres gêmeas nos EUA.

Figura 24 – *La Vanguardia*, chamada para conteúdo de arquivo na primeira página

A hemeroteca transmite atualidade, pois dá sinais de atualização contínua, seja pelas chamadas que são constantemente trocadas na primeira página da seção, com novos resgates de fatos históricos, seja pela conexão imediata que permite estabelecer entre o passado e o presente, com os destaques que também figuram nas primeiras páginas dos cibermeios ou dos impressos. Dessas duas maneiras, já se observa uma diferenciação em relação a outros

cibermeios que não conseguem oferecer conteúdos de valor agregado aos usuários. Qual o lugar ocupado pela memória no ciberjornalismo? De protagonismo, em uma época de produção ininterrupta de informações novas e de retornos de catástrofes naturais e conflitos religiosos, políticos, entre outros destrutivos e inquietantes. É esta característica que vai organizar os conteúdos e, mais que isto, conferir um sentido mais completo ao material publicado.

É possível "curtir" a hemeroteca do *LaVanguardia* no *Facebook*, que 'linka' o dia de hoje a dias passados, quando houve algo digno de rememoração, ou seguir as atualizações do *Twitter*, como dizem, de "*las portadas de los momentos históricos y todas las efemérides destacadas del día*". *Retwittar* a hemeroteca do *LaVanguardia* é reconhecer que o que é também já foi. Sua utilidade mais visível é a capacidade de organização, no sentido da indexação dos conteúdos de forma a recuperá-los com mais facilidade. Seria preciso empreender um estudo mais profundo para compreender como se dão as dinâmicas de memória nestes ambientes. Da mesma forma, o blog da hemeroteca[105] indexa as publicações assim que elas chegam à primeira página da seção, representando mais um filtro de informações do passado.

Valorizar a história não é algo assim tão óbvio. Fato identificado por um manual de instruções para usar a hemeroteca, logo de início. *¿Qué puedo hacer en la Hemeroteca?* Funcionando como promoção do serviço, os benefícios destacados são, poder "consultar comodamente de seu computador, de forma totalmente gratuita, o arquivo completo do *La Vanguardia*. Um patrimônio de incalculável valor cultural e jornalístico: mais de 127 anos de história a um clique de distância". As instruções principais dizem respeito a como bem utilizar o sistema de busca, por palavra-chave, por data e por tendência. Tornando-se uma ferramenta

[105] http://blogs.lavanguardia.com/hemeroteca/

para extrair análises, mais que um repositório de informações ou um indexador de temas, o sistema de busca da hemeroteca gera gráficos a partir de parâmetros indicados pelo usuário. Por exemplo, veja-se a figura abaixo:

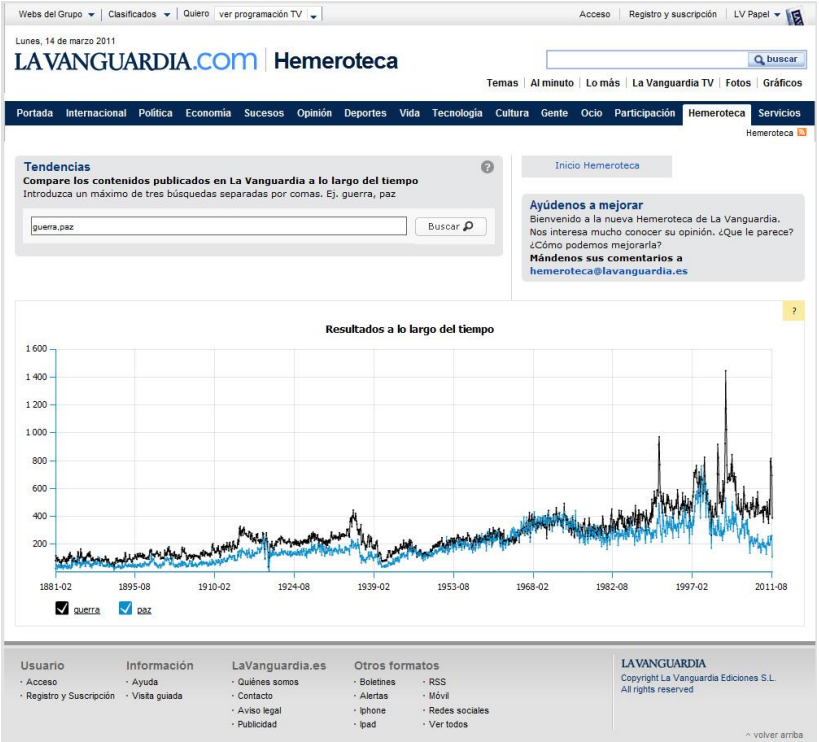

Figura 25 – *La Vanguardia*, ferramenta para análise de resultados

Em 130 anos, houve mais guerra que paz? O *LaVanguardia* publicou mais notícias de guerra que de paz, sendo que pouquíssimas vezes houve mais notícias de paz que de guerra. Formas de ver o mundo e os acontecimentos pelos registros jornalísticos. Se desejamos aprofundar a busca, ainda dispomos de linhas do tempo para comparar quanto e o que se publicou em cada ano sobre um dos assuntos comparados no gráfico principal.

Ou seja, o valor agregado que a memória pode oferecer às coberturas jornalísticas está relacionado a sua capacidade de unir conteúdos e gerar informação sempre atual, incluindo

todo seu contexto. Um sistema de filtragem mais eficiente, que ofereça mais parâmetros de recuperação de informações, pode concentrar recursos de visualização dos dados diversos como uma caixa de ferramentas para o usuário.

Podemos ver na figura anterior, que mostra a longa primeira página vertical do cibemeio (esquerda) e nossos destaques (direita), que as "efemérides" realçadas pela hemeroteca ocupam um espaço no final da página, entre outros serviços oferecidos pelo cibermeio, como programações de cinemas, canais de TV, e classificados. Ao princípio da página, o mais atual está sempre em cima, o que durante os três dias de observações formou as três chamadas para fatos relacionados aos atentados às torres gêmeas. Nem sempre, durante os períodos de análise, as chamadas se referiam a material produzido naquele dia, naquela hora. Por longos períodos, o que esteve no topo variava entre páginas do impresso do dia dos ataques, vídeos com retrospectivas, partes de uma reportagem especial que vai se formando a cada publicação de últimas notícias, infográficos ou galerias de fotos e vídeos.

A reportagem especial começa na primeira página do cibermeio. Sempre com alguma arte que diferencia a peça de outras corriqueiras. Em outros veículos, ela não possui uma página inicial, mas links direcionados para as notícias de última hora que vão sendo agregadas com o passar do tempo em uma determinada área na página inicial do cibermeio. Principalmente quando coberturas acontecem naquele momento, como no caso dos 10 anos dos atentados, a reportagem especial ganhou mais força e destaque por incluir a cobertura em tempo real do evento de comemoração dos 10 anos, em Nova Iorque. A maioria dos cibermeios apresentou cobertura minuto a minuto da cerimônia ocorrida no Marco Zero[106], que foi integrada ao que já havia sido publicado desde o dia 9 de setembro.

[106] Nome dado ao local onde ficavam os edifícios do World Trade Center, e que agora contém um memorial < http://www.wtc.com> inaugurado no dia em que os ataques completaram dez anos.

Figura 26 – *El Mundo*, primeira página, 10 anos 11/set

Nos três dias de análises, essa área apresentava chamadas diferentes para os conteúdos da reportagem completa. As chamadas eram organizadas e reorganizadas conforme se aproximava a inauguração do Marco Zero. Principalmente durante o evento, transmitido ao vivo por canais de TV em todo o mundo, novas informações eram agregadas à medida que iam sendo desveladas as surpresas da ode aos que ali morreram. E como em conjunto com a cerimônia, a reportagem apresentava elementos de análises dos fatos e retrospectivas históricas contextualizando as notícias de última hora. Era possível acompanhar em vídeo os minutos de silêncio feitos durante a inauguração do espaço memorial, ao mesmo passo em que se observava uma linha do

registrados a cada momento em que um avião se chocou com as torres em 2001. Quem costuma ver TV e acessar a Internet simultaneamente, teve a oportunidade de acompanhar os

flashes na programação e nos telejornais enquanto buscava informações adicionais nos cibermeios e nas páginas dos jornais impressos, disponibilizadas como links para a hemeroteca.

Figura 27 – Destaques para os acontecimentos principais do dia ou da semana

Na primeira aba do cibermeio, como pode ser visto na figura acima, uma área intitulada "destacamos" mostra os links para os temas mais importantes do momento. Na aba de Internacional, apenas o link para a reportagem, que durante os três dias de observações teve diversos artigos acrescentados ao conjunto informativo.

Figura 28 – *La Vanguardia*, reportagem 10 anos dos atentados às torres gêmeas

El Mundo apresenta modelos de notícias que também valorizam a memória, como *La Vanguardia*, mas não conseguem com tanto êxito associar material de arquivo à cobertura de última hora que caracteriza os cibermeios. A reportagem especial do *El Mundo* sobre os 10 anos do 11 de setembro, apesar do belo *design*, da usabilidade eficiente e informações de *background* sobre os atentados, foi produzida, publicada e como tal ficou e continua até o momento, sem possuir qualquer link com as notícias de última hora publicadas durante os dias que antecederam a cerimônia pelo aniversário dos 10 anos.

Figura 29 - Página de abertura da reportagem do *ElMundo.com*

A tela reproduzida acima, que abre a reportagem, permaneceu igual durante os dias de observações. Clicando em qualquer dos links, conhecemos as causas, consequências, os fatos e analises sobre o cenário mundial, tendo em vista a gravidade dos acontecimentos e a repercussão que os atentados às torres gêmeas tiveram em todo o mundo.

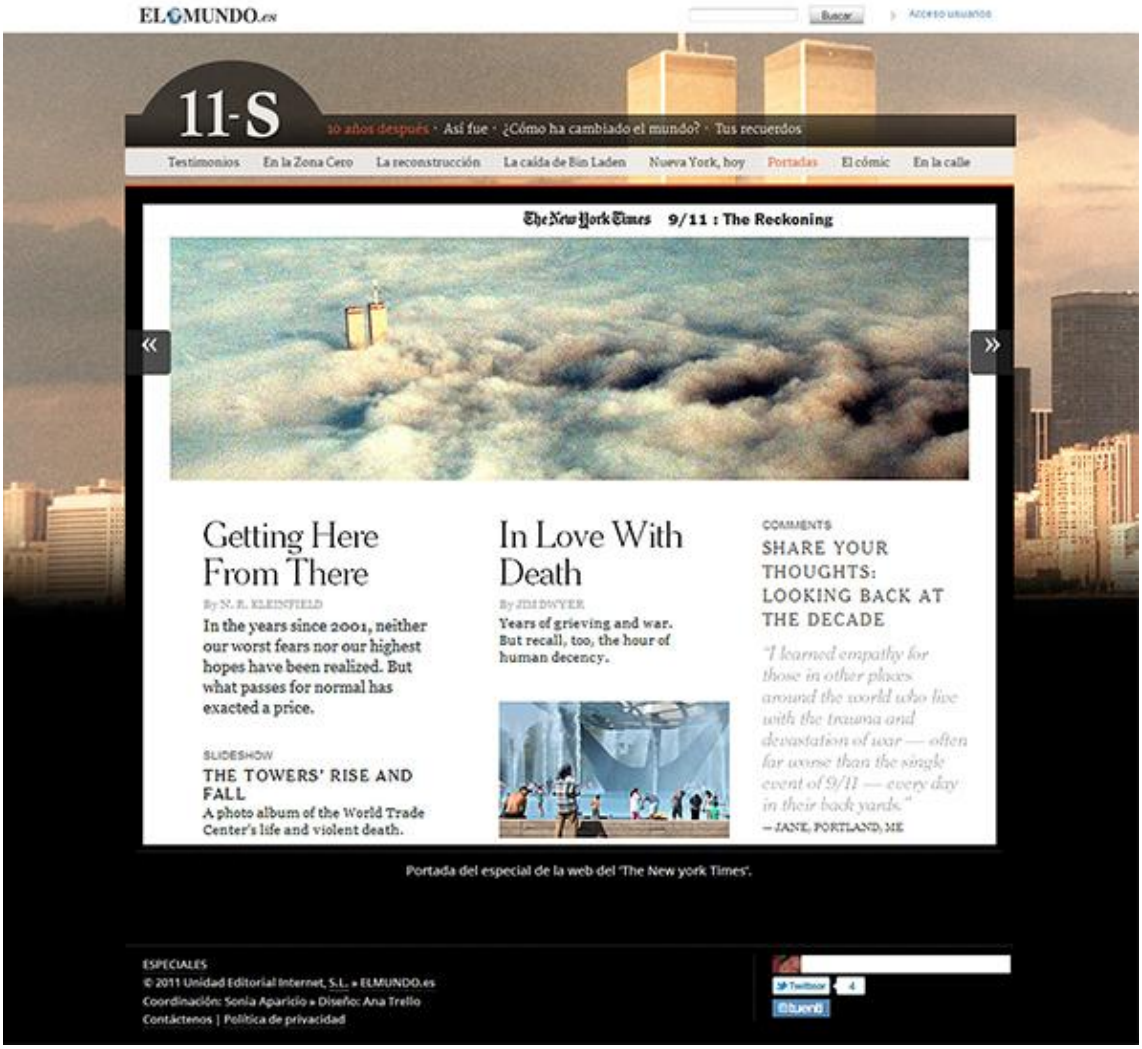

Figura 30 – *El Mundo*, reprodução da primeira página do *The NYTimes*

A não ser por uma seção chamada "*Portadas*", em que reproduziam as primeiras páginas de jornais e revistas mais importantes do mundo sobre o aniversário dos atentados, conteúdo novo não era agregado. Acima, a reprodução da primeira página do cibermeio *The New York Times*, no dia 09/09.

O *El Mundo* apresenta um modelo de memória que se aproxima do que faz o *LaVanguardia* apenas no que diz respeito a agregar informações de *background* às matérias. Os infográficos produzidos pelo cibermeio já ganharam prêmios e são sempre citados entre os melhores, pela bibliografia internacional e nacional. Além da multimidialidade, a memória é sempre uma característica que se destaca nas peças, pois as que possuem estruturas

hipertextuais complexas recorrem a material de arquivo quando o fato demanda explicações sobre o contexto dos acontecimentos, envolvendo a relação entre partes, como em uma história com vários níveis de informação.

A primeira página da hemeroteca do *ElMundo.com* se assemelha a um sistema de busca simples agregado a outro mais avançado, com campos para busca de conteúdos publicados pelo impresso ou pelo cibermeio. O *design* é diferente do resto do cibermeio. O buscador traz elementos de páginas de épocas passadas do cibermeio, antes de atualizações de *layout*.

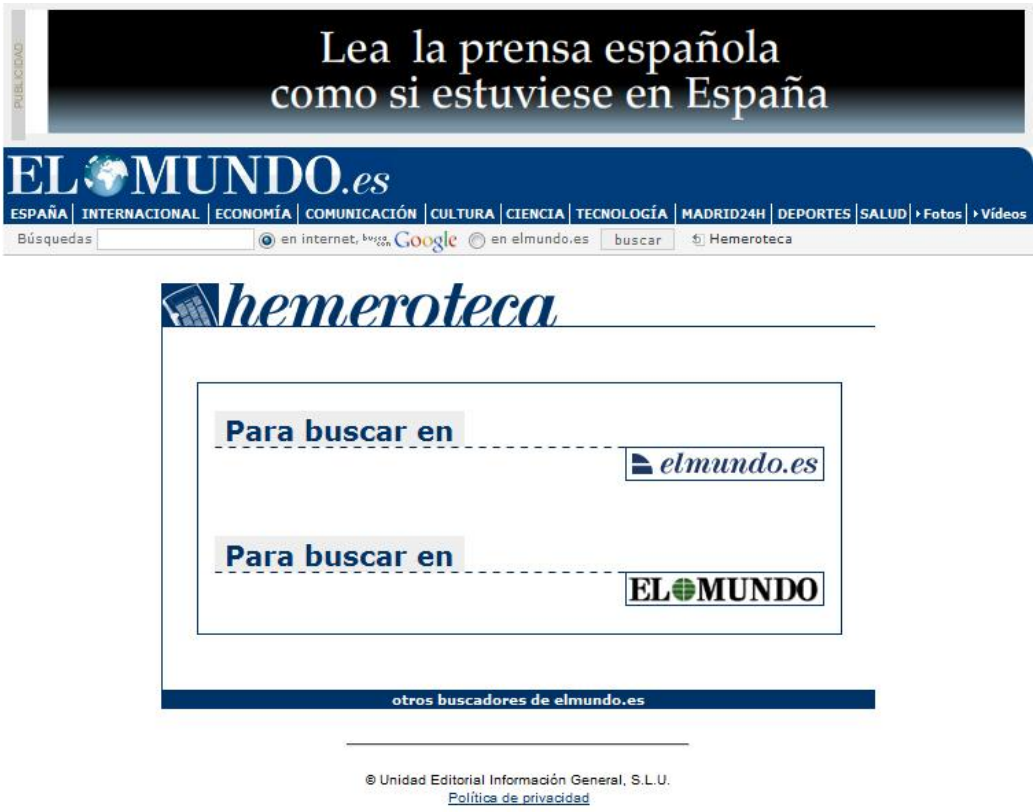

Figura 31 – *El Mundo*, sistema de busca de edições impressas e on-line

Se clicamos para buscar em *ElMundo.es*, chegamos a página a seguir:

Figura 32 – *El Mundo*, sistema de busca de edições on-line, organização cronológica

Esta página possibilita buscar por data, palavra-chave e traz como resultados a página do cibermeio exatamente como estava publicada em algum momento registrada na data que o usuário deseja resgatar. São arquivadas todas as matérias e todas as seções e os links funcionam perfeitamente, mantendo-se as relações entre eles. Podemos, por exemplo, resgatar a primeira página do cibermeio em 11 de setembro de 2006 para ver como foi a cobertura do aniversário de cinco anos dos atentados nos EUA, como na figura a seguir.

Figura 33 – *El Mundo*, primeira página em 2006, cinco anos dos atentados do 11/09

A reportagem de 2006 sobre os cinco anos dos atentados às torres gêmeas mostram uma estrutura já naquela época com material de contexto relacionado, como vemos na figura acima. Elementos como galerias de fotos e vídeos.

A memória que se apresenta integrada à narrativa, nas reportagens especiais, é representada no por modelos avançados de estrutura hipertextual, próxima do que Paul Bradshaw (2007) chama de *News Diamond*[107].

O pesquisador, professor em universidades inglesas, mantém um blog de comentários e análises sobre o Jornalismo na Internet[108]. Em 2007, iniciou uma discussão sobre a nova configuração de modelos de notícias para as Redes e lançou o *News Diamond* como uma atualização da técnica da Pirâmide Invertida para a construção de textos jornalísticos para a Web. O modelo reproduzido na figura abaixo esquematiza o processo de transformação por que passa o material noticioso, cada parte representando diferentes estágios de construção do texto. No caso dos textos para a Web, as informações contidas em cada parte podem ser apresentadas em quaisquer formatos, áudio, vídeo, fotos, documentos, além de aglutinar diferentes gêneros como entrevistas, charges, artigos opinativos, notas, associados a comentários dos próprios usuários seja no cibermeio ou nas redes sociais.

[107] http://onlinejournalismblog.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/
[108] http://onlinejournalismblog.com

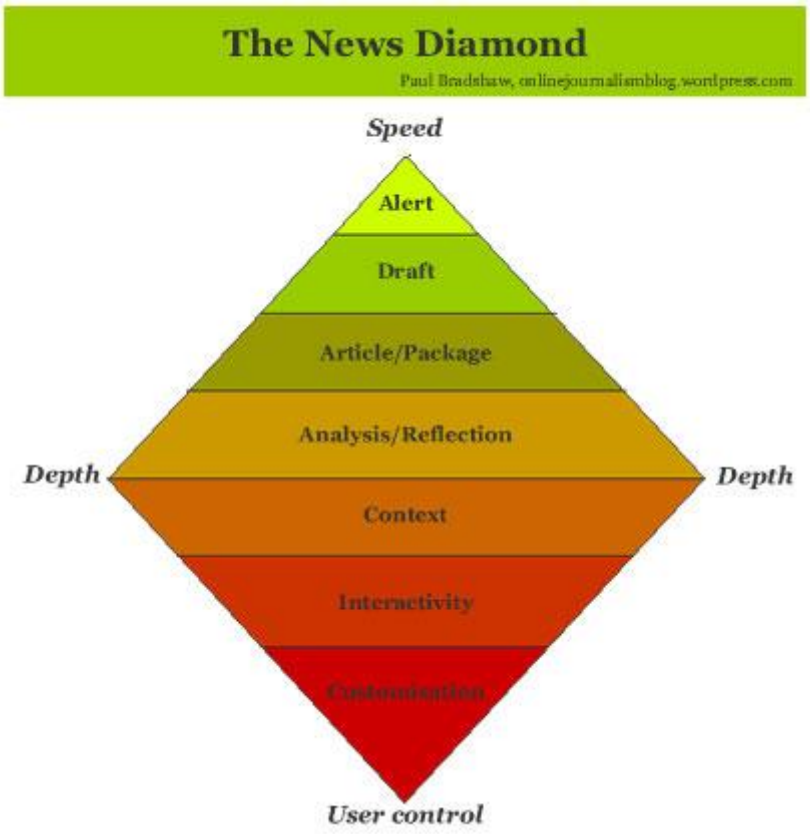

Figura 34 – *News Diamond* (BRADSHAW, 2007)

Segundo o autor, a força do meio está na união de duas características, a profundidade (espaço) e a velocidade (tempo), que representam a natureza do ambiente. O novo modelo não abandona completamente a Pirâmide Invertida, acoplando metaforicamente pirâmides de todas as direções nas paredes do diamante. A metáfora que utiliza para descrever o modelo de notícias do século 21 considera o potencial da Internet e focaliza o Jornalismo enquanto um processo, e não mais como um produto. Este é para ele o "Jornalismo Iterativo", ou seja, aquele que é feito ou repetido muitas vezes, um processo de repetições.

Visto desta forma, o modelo de Bradshaw (2007) encaixa a discussão que estabelecemos anteriormente sobre a capacidade memorialista da multimidialidade presente nas reportagens especiais. O processo de composição do material informativo se desenvolve da primeira página do cibermeio à seção específica a que está vinculado, do início até o

encerramento de uma cobertura. Cada vez que o assunto volta a ser tema de debates e de atenção do *mainstream*, mais conteúdo é agregado, e as chamadas voltam a ter destaque. A análise da repercussão da cobertura também passa a ser elemento de memória, pois proporciona aos usuários sínteses e avaliações gerais ou específicas sobre os acontecimentos associadas ao material de atualidade para produzir contexto.

Anterior ao *News Diamond* é o da Pirâmide Deitada (CANAVILHAS, 2006). O modelo proposto pelo pesquisador português João Canavilhas, da Universidade da Beira Interior, baseou-se nas estruturas de reportagens especiais, chegando a um diagrama que considera níveis de aprofundamento da informação básica em um conjunto de assuntos relacionados e que se explicam.

Os cibermeios espanhóis, com destaque para *LaVanguardia*, *El Mundo*, *El Correo* e *Diário de Navarra*, apresentam estruturas como a destes modelos. Entre os brasileiros, apenas a *Folha de S. Paulo* se aproxima desses modelos, tendo cada vez mais publicado reportagens que concentram e conectam conteúdos produzidos anteriormente e outras fontes de informação.

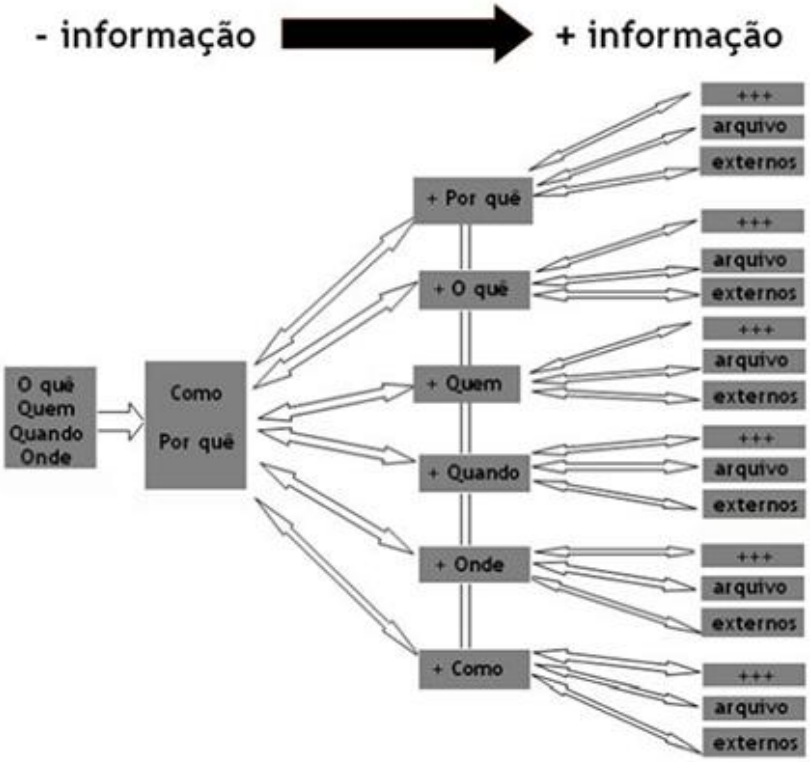

Figura 35 – Modelo de reportagem (CANAVILHAS, 2006)

A *Folha de S. Paulo* investe em peças bem elaboradas do ponto de vista do sistema de links e da cobertura. Da mesma forma que os espanhóis, trazem informação de contexto e documentos oficiais, e de outras fontes como blogs e redes sociais, além das últimas notícias publicadas pelas agências internacionais. Nas coberturas sobre os 10 anos do 11 de setembro, destaque para o especial da *Folha* e a cobertura do enviado especial do *Zero Hora*, Rodrigo Lopes, que atualizava as informações sobre a cerimônia e as repercussões da inauguração do Marco Zero, diretamente de Nova Iorque, via blog.

Figura 36 – *Folha de S.Paulo*, reportagem 10 anos do 11 de setembro

Reportagem da *Folha de S.Paulo* trazia informação em diversos formatos, galerias de fotos, curiosidades, linhas do tempo, infográficos, testemunhos e espaço para interação com as redes sociais. Cobertura minuto a minuto, sempre anunciadas na primeira página, davam as últimas informações sobre a inauguração do Marco Zero, no dia 11 de setembro de 2011.

Figura 37 – *Zero Hora*, blog/coluna de Rodrigo Lopes.

Figura 38 – *Gazeta do Povo*, reportagem 10 anos do 11 de setembro

As coberturas de jornais como *A Tarde*, *Diário Catarinense*, *La Voz de Galicia*, *Sur*, *Las Provincias*, *El Correo* estão mais voltadas para questões locais e que dizem respeito às comunidades a que pertencem os periódicos. Na época das observações, o *Diário Catarinense* deu ênfase à cobertura sobre as enchentes que assolaram a região, com vítimas em mais de 14 municípios. Se referiu ao que ocorria nos EUA com uma matéria que falava de um *website* onde se podia ajudar a criar mensagens em tributo às vítimas e um editorial. A mobilização gerada pelas fortes chuvas transformaram a primeira página do cibermeio em local de conexão entre várias redes de solidariedade destacando o caráter social do cibermeio e produzindo uma memória que agora pode ser acessada como informação minuto a minuto.

O grau de complexidade do mecanismo interno de buscas e do tipo de material que pode ser recuperado através dele se dá a partir dos parâmetros oferecidos ao usuário para

busca. Determina o nível se o cibermeio facilita ou não a busca do usuário por informações publicadas. Compreende também a existência ou inexistência de facilitador de busca fora do cibermeio, como por exemplo campo direto para o *Google* ou similares.

Possibilita observar se há organização de materiais em diferentes formatos e se estes podem ser recuperados em separado, se existem galerias de áudio, foto, vídeo e se é possível fazer buscas de temas já indicando o formato desejado de apresentação da informação. Interessante para o caso de saber-se de antemão que determinada informação está disponível em vídeo, por exemplo. Ou então, para o caso de querer-se áudio relacionado a um acontecimento específico. No que se refere às nuvens de *tags*, se aparecem dentro das matérias, está mantida sua condição de integrante do sistema de busca.

A localização dos links em uma matéria sugere hierarquias e permite uma visualização do que é material de contexto produzido pelo cibermeio, o que é especial, o que vem de outras fontes, o que amplia, o que se permite navegar de memória dentro do cibermeio ou fora dele. Possibilita observar se há memória associada a material em outros formatos que não somente texto. Se em chamadas de primeira página, links de memória sugerem uma maior articulação desta potencialidade pelo cibermeio, já que não aparecem somente em reportagens especiais ou apenas em determinadas editorias.

Para diferenciar tipos de links, se de contexto, documentação, ampliação ou recuperação cronológica, buscou-se objetividade maior para facilitar o trabalho do avaliador. Se o material de memória associado foi produzido pelo cibermeio ou se por outras fontes. Se ampliam informações tratadas na matéria e se incentivam independência do usuário na busca por mais informações, caso deseje. Se oferecem contexto montando cronologia dos acontecimentos. Se consideram como memória também o que está fora do cibermeio, tendo

em conta que registros desta natureza colaboram com uma melhor compreensão de fatos e acontecimentos.

As observações mostraram um crescente desenvolvimento da memória nos cibermeios analisados nesta pesquisa. O *ranking* elaborado a partir da contagem dos pontos indicados na aplicação da ferramenta de memória demonstrou a centralidade da discussão sobre o estabelecimento de parâmetros para avaliar cibermeios. A ferramenta de análise de memória se apresenta como integrante de um conjunto de ferramentas para análise de potencialidades articuladas pelos cibermeios. A dinâmica de aplicação, bem como seus resultados descritos neste trabalho, demonstram a relevância do alargamento da discussão sobre o tema da memória, entre aquelas sobre potencialidades ampliadas presentes nos estudos que buscam delimitar linguagens, formatos, produtos e conteúdos no ciberjornalismo.

Nossas conclusões fornecerão, a seguir, uma síntese das etapas de desenvolvimento da pesquisa e seus resultados, a partir da comprovação das hipóteses de trabalho e dos objetivos alcançados e sistematizados.

CONCLUSÕES

There is no archive without a place of consignation, without a technique of repetition, and without a certain exteriority. No archive without outside.

Jacques Derrida

Mais duradouros que os resultados concretos obtidos pelas análises realizadas nos cibermeios durante o período de pesquisa são os direcionamentos de reflexão produzidos pelo próprio processo de buscar estabelecer categorias e proceder a mensuração dessas categorias. Os resultados são necessariamente um 'instantâneo', uma fotografia de situação, a partir de um corte sincrônico; as reflexões são mais duradouras e levam a outros exercícios com perspectivas de desdobramentos no que se refere aos problemas gerais sobre o que medir e como medir os cibermeios.

Para concluir a etapa da pesquisa que se encerra com o doutoramento, apresentamos nos capítulos 2 e 3 os resultados da avaliação do instrumento de análise e aplicação de uma proposta de versão atualizada da Ferramenta para Análise de Memória em Cibermeios. Tendo descrito e analisado o processo de pesquisa e o desenvolvimento que deu origem a esta tese, apresentamos os dados coletados com o uso da primeira e segunda versão da ferramenta, ilustrando cada quesito da ficha de avaliação. Com base nas pontuações alcançadas pelos cibermeios, estabelecemos um *ranking* posicionando nos primeiros lugares aqueles em que a ocorrência de elementos de memória supera os demais. No caso brasileiro, na seguinte ordem, classificamos os cibermeios: *Folha de S. Paulo, Zero Hora, Diário Catarinense, Correio Braziliense, Gazeta do Povo, Jornal do Commercio* e *A Tarde*. No caso espanhol, *La*

Vanguardia, El Mundo, Diario de Navarra, El Correo, El Correo Gallego, Las Provincias e *Sur*.

No contexto deste trabalho, assumiu centralidade o estabelecimento de novas formas de abordagem e análise dos produtos jornalísticos na Internet e de suas características em estágio de desenvolvimento atual. Por essa razão e com foco em uma dessas características, a memória, destacamos métodos e métricas, procedimentos e instrumentos no capítulo 3. Apresentamos a metodologia de análise de qualidade de memória em cibermeios, que originalmente desenvolvemos, testamos, adequamos e aplicamos, bem como seus resultados. Foi preciso considerar e aproveitar o esforço anterior de pesquisadores, principalmente a pesquisa do Convênio CAPES-DGU, no sentido de direcionar os estudos sobre qualidade no ciberjornalismo, para materializar uma proposta mais avançada para representar momentos da prática nos cibermeios. Nossas referências permitiram partir da premissa de que há necessidade, para avanço do campo, da urgência de criar novos modos de ver o ciberjornalismo.

A pesquisa demandou trabalho, em etapas, de observação, anotação, organização das amostras, tabulação dos dados e extração de informações a partir das ocorrências de elementos de memória. Baseamos a primeira etapa de coleta de dados em uma questão-guia: Como a memória se manifesta nos cibermeios? Era o que precisávamos para iniciar a busca pelo que poderiam ser fundamentos da memória. Observações contínuas, sem preocupações em registrar amostras em alguma sequência definida, serviram para perceber em que áreas dos sites poderíamos encontrar operações e elementos de memória e quais eram eles. Os critérios de identificação dos elementos, no primeiro momento, foram todos os possíveis de se identificar no que representava evidência de processos de indexação e recuperação de informações. Os cibermeios que serviram de corpus empírico para esta primeira fase ainda

eram provisórios e tiveram material coletado em diferentes momentos. Essa primeira etapa teve um caráter exploratório, caracterizado por uma navegação livre pelos produtos.

A busca por parâmetros de análise que mais contribuíssem com as discussões que estabelecíamos e a direção que tomou a pesquisa do Convênio CAPES-DGU, com a definição de 14 cibermeios para as análises, direcionou o momento seguinte de nossa metodologia. Passou-se a valorizar as recorrências de elementos que, naqueles produtos especificamente, permitissem ou realizassem operações de indexação e recuperação de informações nos cibermeios. Identificamos padrões, tabulando o que se repetia e se diferenciava em cada caso. Para isso, analisamos períodos de tempo mais curtos (uma semana) para viabilizar essa coleta de dados mediante observação com as fichas de análise. Neste processo, fomos remodelando a Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios, agregando novas questões e reorganizando outras, como descrevemos no capítulo 3. Passamos a aplicar a nova proposta de ferramenta, ao mesmo tempo em que íamos aprimorando os quesitos. Ao final, chegamos à proposta com a qual finalizamos esta tese, aplicando pela última vez, nos 14 cibermeios, as fichas remodeladas.

A ferramenta de memória, como matriz para avaliar a qualidade dos cibermeios, em primeiro lugar, identificou um cenário composto por novos parâmetros de análise. A discussão sobre a atualização das metodologias de pesquisa em ciberjornalismo mostrou que para uma realidade de inovações tecnológicas constantes, com informação em fluxo ininterrupto, os usuários passaram a ser mais exigentes e habilitados a produzir conteúdos, aumentando a velocidade de disseminação de informações.

Hoje, o tempo que uma informação leva de sua fonte a um usuário único, instantes antes deste último repassar a terceiros a informação original, é medido em segundos. Com este cenário, onde e como armazenar, e o que potencialmente fazer com tanta informação? A

tese trouxe uma proposta de abordagem para compor avaliações de características e tendências em cibermeios, considerando a memória como um dos possíveis e potenciais critérios de qualidade e a relevância de seu caráter de preservação e recuperação de informações jornalísticas. A memória, além de operar no nível das narrativas, com links que organizam e dão direção aos conteúdos, oferecem relações, 'lembrando' e 'esquecendo' de fatos quando necessário. Desenvolvemos um trabalho de compreensão de fundamentos relacionados às dinâmicas de articulação de elementos de memória na forma de conteúdos. A memória é uma potencialidade formada por elementos indispensáveis à produção de conteúdos nos cibermeios, servindo como um dos parâmetros com padrões definíveis para empreender análises e estudos de qualidade em ciberjornalismo.

Partimos do *modus operandi* da memória nos cibermeios para estabelecer parâmetros de análise. As categorias criadas permitiram organizar os elementos em dois grupos: elementos estruturais, de filtragem, que fazem parte da 'espinha dorsal' do cibermeio ou da narrativa, no caso de uma reportagem. E elementos de conteúdo memorial, contextuais, e disponibilizados na forma de links que se comunicam via bases de dados.

Com a aplicação da ferramenta em um universo de 14 cibermeios de dois países, Brasil e Espanha, no contexto de um convênio de pesquisa, pudemos visualizar um panorama de crescimento e ampliação de recursos de memória nas coberturas jornalísticas. Dos que menos exploram a potencialidade, como *Jornal do Commercio*, *A Tarde*, *Las Provincias* e *Sur*, aos que mais incrementam seus conteúdos com informações e ferramentas para facilitar o acesso do usuário ao conhecimento, como *La Vanguardia* e *El Mundo*, constatou-se que a prática das notícias relacionadas e contextualizadoras passou a ser aspecto comum a todas as produções. As reportagens ganharam mais links, imagens em galerias e em diversos formatos para contar as histórias, explicar situações, mostrar perspectivas diversas. Os sistemas de

busca aumentaram os critérios disponibilizados aos usuários para encontrar, relacionar e aproveitar, de acordo com suas necessidades, os conteúdos publicados pelos cibermeios.

Nossa hipótese principal de trabalho considerava que a memória seria um dos elementos indispensáveis à produção de conteúdos nos cibermeios, servindo como um dos parâmetros para análises e estudos de qualidade em ciberjornalismo. Um dos parâmetros, porque como a memória, multimidialidade, interatividade, hipertextualidade, entre outras potencialidades, tiveram desenvolvidas metodologias para mensuração de qualidade. A memória também se mostrou operacional no sentido de fornecer critérios fundamentais para analisar cibermeios, como a pesquisa comprovou.

Nossas hipóteses secundárias, decorrentes da principal, foram testadas e nesse processo de testes, resultados foram emergindo e sendo analisados. Observamos que a prática e o consumo de relatos publicados continuamente pelos cibermeios vêm sendo alterados de forma significativa. Desde que o ciberjornalismo começou a se desenvolver, experimentações, mudanças no *design* e conteúdo indexado nas páginas de abertura e de reportagens, na organização dos sistemas de busca, nos arquivos e hemerotecas, já permitem identificar padrões de composição crescentemente contextualizadores e mais definidos.

No que se refere especificamente às reportagens, foi comprovado que o aumento da densidade informativa enriquece o conjunto de informações com a inclusão de elementos de memória nas narrativas e consequentemente, amplia as possibilidades de manutenção ou aumento de qualidade do conteúdo disponibilizado ao usuário. Em suas modalidades na Internet, a reportagem estabelece os contornos de uma arquitetura da memória nos cibermeios, potencialmente operacionalizada pelo hipertexto, alimentada coletiva e continuamente, personalizável e ativada pela interatividade natural das redes digitais conectadas. Há níveis diferentes de reportagens, como mostramos no capítulo 2, e dentro de

cada nível, possibilidades diferentes de mensuração podem ser mais exploradas para além da análise de itens que existem e que não existem. Dos objetivos específicos, alcançamos um mapeamento de conceitos que situaram o estudo da memória e de suas relações com o jornalismo e a Internet. Filtrar, Contextualizar e Disponibilizar se tornaram ações-eixo para identificar elementos e operações de memória nos cibermeios.

O principal objetivo desta tese era identificar e sistematizar padrões de memória no ciberjornalismo e indicar práticas fundamentais a se considerar em avaliações de qualidade em cibermeios. Com as análises empreendidas, conseguimos mostrar um panorama do que, nestes últimos quatro anos, vem sendo desenvolvido pelos produtos. O que aqui se buscou não pretendeu fixar um modelo único de mensuração de qualidade, ou estabelecer padrões fixos, mas sim, ajudar a repensar práticas e estruturas, buscando-se identificar aquelas que são as que se destacam entre todas as conhecidas e suas especificidades.

Este trabalho de pesquisa serviu para mostrar um mapeamento de características e tendências da memória nos cibermeios. Serviu para alinhar questões e discussões sobre a memória nesses produtos, a partir de um referencial teórico nacional e internacional que de muitas formas busca delimitar direcionamentos para o ciberjornalismo.

Como perspectivas de desenvolvimento visualizamos desdobramentos na adequação do instrumento de análise, ainda em fase de testes, e que deverá ser apropriado para novas aplicações e observações no sentido mais específico da memória relacional e de quais relações são estas estabelecidas entre os usuários e os conteúdos. O potencial mais alargado da memória enquanto produtora de conteúdos atualizáveis aumenta cada vez mais os vínculos com o anteriormente publicado. As dinâmicas que os conteúdos podem estabelecer nas mídias sociais, em referências mútuas contínuas entre o cibermeio e toda sua rede de usuários conectados, agregam o valor dos comentários de diversas pessoas sobre os mais variados

assuntos, consequentemente aproximando dados e informações daqueles produzidos pelos cibermeios. O trabalho de análise e reflexão do momento em que se encontram os cibermeios, no contexto de avanços tecnológicos das redes telemáticas e das mídias sociais podem direcionar investigações sobre até que ponto o potencial viral dos conteúdos pode interferir no acúmulo de memória por parte do cibermeio. Ou ainda como a indexação dos conteúdos pelo cibermeio pode otimizar os resultados mostrados ao usuário.

Outra ampliação da pesquisa pode abranger recorte e aprimoramento da ferramenta que possa ser incorporada aos critérios de análise de conteúdo de reportagens trazidas pelo cibermeio à atualidade para extrair indicadores mais internos às reportagens, com base em termos, construções e referências no texto. Qual o percentual de reportagens que resgatam material de arquivo? Quais os assuntos mais destacados em determinados períodos de análise que trazem vínculos com material de arquivo produzido pelo cibermeio ou congênere impresso? Os números podem dar uma dimensão mais abrangente de utilização efetiva de elementos de memória que sejam agregadores de narrativas, sendo estas textuais ou visuais, a depender dos indicadores que se extraiam.

Da discussão mais aprofundada sobre as relações entre memória e jornalismo na Internet, caberia ainda ampliar o repertório de pesquisas que tratam de encontrar formas de mensuração de qualidade em produtos jornalísticos ou genéricos.

Como um ponto de partida, tanto para estudar a memória nos cibermeios, como para perceber formas de avaliar as produções, a ferramenta de análise se mostrou catalisadora de diagnósticos. A depender da maneira como for empregada, pode gerar resultados diferentes e complementares, com aplicação individual ou múltipla. Se utilizada para avaliar um cibermeio[109], fornece resultado de uma situação isolada. O cibermeio opera a memória

[109] Para diagnósticos mais completos, que considerem outras características do meio para avaliar os produtos,

mediante pontuação *x*. Essa pontuação pode ser acompanhada durante um período de tempo em que a ferramenta seja aplicada. Com dois ou mais números, gerados a partir de aplicações em diferentes dias, pode-se verificar se aumentou o diminuiu o nível de operação de memória no cibermeio.

O instrumento de análise pode ser também utilizado para comparar cibermeios por nível de operação de memória, à hora da aplicação, anotando-se todos aqueles elementos que se relacionem com a memória, mas que não tenham sido contemplados pela ferramenta (o último campo da ferramenta é destinado a anotações e observações nestes termos)[110]. Ao final do procedimento, que pode ser efetuado em um único dia ou em períodos definidos, obtêm-se numerações que podem ser organizadas numericamente. Eis o *ranking* de produtos por operação de memória[111]. O *ranking* pode ser acompanhado com aplicações diárias ou em períodos, e os cibermeios podem subir ou descer de posição. Registradas essas possíveis mudanças na classificação, um mapa de movimento de operações de memória pode ser construído, ressaltando-se padrões, tendências e inovações, em linhas do tempo.

As duas abordagens se complementam, tendo em vista que a aplicação individual é determinante para a aplicação múltipla que gera o *ranking*, e se complementam também ao estabelecerem um patamar de análise de situação de um conjunto de cibermeios, em períodos ou épocas determinadas, por país, por região, estado, cidade. Ressaltamos que quanto mais características forem contempladas nas avaliações, mais próximo de uma "radiografia" do cibermeio se torna possível obter. Da nossa experiência com as repetidas aplicações extraímos também a constatação da importância em atentar, desde o início, para o método de armazenamento das amostras vinculadas aos períodos de análise, bem como às aplicações da

---

recomenda-se a utilização em conjunto com as ferramentas de análise que compõem o manual *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (PALACIOS, 2011).

[110] Ver capítulo 3 ou Apêndice 1 ou Apêndice 2.

[111] Como o que apresentamos no capítulo 3.

ferramenta. Deve-se indexar o material coletado de forma a ser recuperado com certa facilidade, considerando-se o montante de amostras, no caso de estudos comparativos com mais de seis cibermeios. Testamos diferentes formas de armazenamento com um (em conjunto com outros pesquisadores do Convênio, com uma ferramenta geral[112]), com dez[113], já utilizando a primeira versão da ferramenta de memória, e com catorze cibermeios, integrantes da pesquisa do Convênio e com aplicação das duas versões da ferramenta para análise de memória.

As dificuldades se apresentaram com relação a aspectos distintos que só o empirismo foi capaz de demonstrar. Na primeira aplicação, a dificuldade era identificar os itens nos cibermeios a que se referiam as questões, mais abertas que nas versões posteriores. Como a ferramenta de Lluís Codina que baseou a que estava sendo utilizada pelos pesquisadores do Convênio era genérica, como explicamos em vários momentos de nosso trabalho, as questões geraram resultados diversos e difíceis de comparar quando se juntaram as aplicações efetuadas pelos grupos. Inicialmente, duvidou-se que a aplicabilidade da ferramenta traria resultados precisos, pois deixavam de fora aspectos fundamentais para uma análise mais próxima da realidade. Com a divisão dos grupos de pesquisadores por característica, foi possível visualizar com mais clareza aspectos que anteriormente não tinham sido contemplados.

A segunda fase de aplicações que empreendemos com a ferramenta de memória, já em nosso trabalho individual, impôs limites, pois em vez de aplicarmos simultaneamente ao salvamento das páginas (amostras), salvamos para em seguida observar e anotar. Constatado o erro, foi possível aplicar a ferramenta mais uma vez, coletando mais um conjunto de amostras. Nesta fase, o montante gerado pelas unidades coletadas em dez cibermeios se mostrou

[112] *Publico.pt*, de Portugal. Ver Introdução.
[113] Na primeira fase de nossa pesquisa individual, incluindo o cibermeio *Publico.pt*

demasiado profundo para permitir retornos. Ou seja, é determinante anotar o link de cada página analisada, e não apenas do cibermeio. Considerando as três unidades de análise em que optamos por basear nosso estudo, as observações empreendidas nos 14 cibermeios permitiu o aprimorar o armazenamento dos dados. Não usamos para este processo uma base de dados. Avanços para os estudos desta natureza devem considerar fortemente a necessidade de construção de uma base de dados que registre e facilite perceber as relações existentes entre as amostras e os quesitos das fichas de avaliação.

Mais que mapear características e tendências em cibermeios, no que se refere às operações de memória, realizamos um estudo sobre como estudar a memória no ciberjornalismo. Trata-se de uma discussão aberta há pouco tempo, considerando os quase 20 anos de jornalismo na Internet e que merece aprofundamentos, ampliações, reescritas, aplicações e reaplicações de instrumentos de análise capazes de captar a realidade do que está sendo experimentado pelos cibermeios, equilibrando a prática e a teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSETH, Espen J. (1997). Cybertext – Perspectives on Ergodic Literature. London: The Johns Hopkins University Press.

ABADAL, Ernest; CODINA, Lluís. (2005). Recuperación de Información. In: *Bases de Datos Documentales: Características, funciones y método*. Madrid: Síntesis. p. 29-92. In: <http://www.semanticaweb.net/archives/riv2.doc>.

ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. (2003). *Manual de Redación Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel.

ALONSO, Jaime; MARTÍNEZ, Lourdes. (2003). Medios interactivos: caracterización y contenidos. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. Manual de Reddación Ciberperiodística. Barcelona: Ariel.

APPADURAI, Arjun. (1981). The past as a scarce resource. In: Man (n.s), 16(2): 201-219.

ASSMANN, Aleida. (2011a). Canon and Archive. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

_____. (2011b). Cultural Memory and Western Civilization. Functions, Media, Archives. New York: Cambridge University Press. First english edition (2011). 1ª edição (1999).

BAKHTIN, Mikhail. (1992). Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. (1979). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

BARBOSA, Marialva. (1996). Imprensa, Poder e Público: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). Tese de Doutorado em História – UFF.

BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz; SCHWINGEL, Carla. (2009). Information and Database Architecture. In: PALACIOS, Marcos; DIAZ NOCI, Javier(Org.). Online journalism: research methods. A multidisplinary approach in comparative perspective. Online journalism: research methods. 1ed.Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, v. 1, p. 01-178.

_____. (2008a). Jornalismo Digital em Ambientes Dinâmicos. Propriedades, rupturas e potencialidades do Modelo JDBD. In: Observatorio (OBS*) Journal, 4 (2008), 217-244.

In: <http://obs.obercom.pt>.

_____. (2008b). Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. Artigo apresentado no III Congreso Internacional de Periodismo en la Red - Foro Web 2.0: Blogs, Wikis, Redes Sociales y e-Participación, GT 7 - Cibercultura y Tendencias de la Prensa en Internet. Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Complutense de Madrid..

_____; RIBAS, Beatriz. (2008). Bases de dados no ciberjornalismo: caminhos metodológicos. In: PALACIOS, Marcos; DIAZ NOCI, Javier. Metodologia para o estudo dos cibermeios - Estado da arte & perspectivas. 1ed.Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 01-364.

_____; RIBAS, Beatriz. (2007a). Mapeamento conceitual e metodológico preliminar sobre as bases de dados no ciberjornalismo. Artigo apresentado no I Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermeios, realizado entre 3 e 7 de dezembro de 2007, na FACOM/UFBA.

_____. (2007b). Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA. In: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm>.

_____. (Org.) (2007c). Jornalismo digital de terceira geração. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: LabcomBooks.

_____. (2006a). O que é jornalismo digital em bases de dados. In: Anais XV Encontro Anual da Compós (CD-ROM). Bauru: Editora UNESP, v. 1.

_____. (2006b). Jornalismo digital em bases de dados. In: VII Congreso Internacional de Comunicación Lusófona – LUSOCOM. Actas do Congreso Internacional Lusocom 2006. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico - Universidade de Santiago de Compostela, v. 168.

_____. (2005a). Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos conceitos. In: 4º SOPCOM - Repensar os Media: Novos Contextos, 2005, Aveiro. 4º SOPCOM - Livro de Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Mesa Novas Tecnologias. Novas Linguagens). Aveiro: Universidade de Aveiro.

_____. (2005b). Jornalismo digital e bases de dados: mapeando conceitos e funcionalidades. In: 4º SOPCOM - Repensar os Media: Novos Contextos, 2005, Aveiro. 4º SOPCOM - Livro de Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Mesa Jornalismo). Aveiro: Universidade de Aveiro.

_____. (2004a). Banco de Dados como metáfora para o jornalismo digital de terceira

geração. In: Anais III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI (CD-ROM).

_____. (2004b). Identificando remediações e rupturas no uso de bancos de dados no jornalismo digital. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil.

_____. (2004c). Bancos de Dados: Agentes para um Webjornalismo Inteligente? Salvador. In: Anais do V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet. Salvador: Agecom.

_____.; MIELNICZUK, L.; QUADROS, C. (2006b). Estudos sobre jornalismo digital no Brasil. In: *eCompós*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Edição nº7, Dezembro, 2006. In: <http://www.compos.org.br/ecompos/adm/documentos/ecompos07_dezembro2006_claudia_luciana_suzana.pdf>.

_____.; MACHADO, E.; MIELNICZUK, L.; PALACIOS, M.; RIBAS, B. (2006c). Beyond Prophecies: A critique of "New News Retrospective". In: Brazilian Journalism Research – journalism theory, research and criticism. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Vol. 2, n. 1 (jan./jun. 2006). Brasília: Universidade de Brasília – Faculdade de Comunicação.

BASILI, Victor; CALDIERA, Gianluigi; ROMBACH, Dieter. (1992). Goal-Question-Metrics Paradigm, IEEE Transactions on Software Engineering. In: http://wwwagse-old.informatik.uni-kl.de/pubs/repository/basili94b/encyclo.gqm.pdf

BASTOS, Helder (2010). Origens e evolução do ciberjornalismo em Portugal. Os primeiros quinze anos (1995-2010). Porto: Afrontamento.

_____. (2000). Jornalismo Electrónico: Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redacções. Coimbra: Minerva.

BAUMAN, Zygmunt. (2007). Vida Líquida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEER, David. Social network(ing) sites… revisiting the story so far: A response to Danah Boyd & Nicole Ellison. Journal of Computer-Mediated Communication, n. 13 (2), p.516-529, 2008. In: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2008.00408.x/pdf>.

BELL, Gordon; GEMMELL, Jim. (2010). O Futuro da Memória. Total Recall. Campus – Elsevier.

BERNERS-LEE, T.; HENDLER, J.; LASSILA, O. (2001). The Semantic Web. Maio. In: <http://www.sciam.com>.

BERKOWITZ, Dan. (2011). Telling the Unknown through the Familiar: Collective Memory as Journalistic Device in a Changing Media Environment. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. (2011). On Media Memory Collective Memory ina a New Media Age. New York: Palgrave McMillan.

BLOCK, Maurice. (1977). The past and the present in the present. Man (n.s), 12, 278-292.

BOCZKOWSKI, Pablo. (2004). Digitizing in online newspapers. Cambridge, MA: The MIT Press.

BOLTER, Jay David; GROMALA, Diane. (2003). Windows and Mirrors – Interaction Design, Digital Art, and The Myth of Transparency. Cambridge: The MIT Press.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. (2002). Remediation: Understanding new media. Quinta Edição do original de 1999. Cambridge: The MIT Press.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. Network Journalism (1999). In: <http://home.pscw.uva.nl/ deuze/publ9.htm>

BOLTER, Jay David. (1991). Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

BOHANNON, John. (2011). Searching for the *Google* Effect on People's Memory. In: news & Analisys, Science Magazine, http://news.pmiservizi.it/pdf/searching-for-the-*Google*-effect-on-people-s-memory.pdf

BRAMBILLA, Ana Maria. (2006). Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhMyNews International. (Dissertação de Mestrado). Comunicação e Informação – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BREITMAN, Karin. (2005). *Web Semântica: a internet do futuro*. Rio de Janeiro: LTC.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. (2002). A Social History of the Media: From Gutenberg to the Internet. London: Polity.

BRUNER, Rick. (1998). Net Results: Web Marketing That Works.

BRUNS, A. (2005). Gatewatching: Collaborative online news production. New York: Peter Lang.

BUCKLAND, Michel (1991). Information as a thing. Journal of the American Society of Information Science 42:5 (June 1991): 351-360.

CARA, F.; BROADBENT, S. (2003). Les nouvelles architectures de l´information. In : Origgi, G.; Arikha, N. *Le texte à l´heure de l´internet*. Paris: Bibliothèque publique d´information. pp. 197-213.

CARLSON, David. (2003). The History of Online Journalism. In: KAWAMOTO, Kevin. Digital Journalism – Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

CASTELLS, Manuel. (2010). A ciberguerra do Wikileaks. La Vanguardia, 11/DEZ. Tradução : Eduardo Graeff. In : http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/2010/10.12. A_ciberguerra_do_Wikileaks.pdf

_____. (2003). A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. (2008). La Web 2.0 como red social de comunicación e Información. Estudios sobre el Mensaje Periodístico, Universidad Complutense de Madrid, n. 14, p. 345-361, jun. In: <http://www.ucm.es/info/emp/Numer_14/Sum/4-04.pdf>

CENDÓN, Beatriz Valadares. (2001). Ferramentas de busca na Web. Ciência da Informação, Brasília, v.30, n.1, p. 39-49, jan/abr. In: http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a06v30n1.pdf

CODINA, Lluís. (2011). Ferramenta para Análise Geral de Qualidade em Cibermeios. In: PALACIOS, Marcos. (2011). Ferramentas para análise de qualidade no Ciberjornalismo. 1ed.Covilhã: Labcom Books, v. 1, p. 1-305.

CODINA, Lluís (2005a). Metainformación. La ventaja inexplorada de la comunicación on-line. In: <www2.ing.puc.cl/~/dcolle/publicaciones/metainfo/meta.htm>.

_____. (2005b). Procesos documentales y gestión del conocimiento. In: Razón y Palabra, Nº4, ago/sept. In: <www.razonypalabra.org.mx/actual/rcolle.html>.

_____. (2003). Hiperdocumentos: composición, estructura y evaluación. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier (orgs.) Manual de Redacción Ciberperiodística. Barcelona: Ed. Ariel, 2003. Capítulo 3, págs. 141 a 194.

_____. (2000). Análisis lógico de hechos noticiosos. In: Revista Latina de Comunicación Social, Nº37. In: <www.ull.es/publicaciones/latina>.

CHRISTOFOLLETI, Rogério. (2010). Valores intangíveis e qualidade em produtos e serviços jornalísticos: visões empresariais. In: VIII Encontro da SBPJor, São Luiz.

COLLE, Raymond. (2002). *Explotar la información noticiosa*. *Data mining* aplicado a la documentación periodística. Madrid: Departamento de Biblioteconomia y Documentación, Universidad Complutense de Madrid.

COLORADO, Borja Navarro. (2003). Aspectos retórico-comunicativos del desarrollo de sitios web. Society for the History of Rhetoric XIV Biennial Conference. Madrid e Calahorra. In: <http://www.dlsi.ua.es/%7Eborja/ishr03.pdf>.

CONDE, Mª Rosa B.; ROMÁN, José A. R. S. (2005). Investigar en Comunicación. Guía práctica de métodos y técnicas de investigación social en Comunicación. Madrid: Mc Graw Hill.

CONDE, Mª Rosa B.; GALERA, Mª del Carmen G. (2005). El método científico aplicado a la investigación en Comunicación Mediática. In: CONDE, Mª Rosa B.; ROMÁN, José A. R. S. Investigar en Comunicación. Guía práctica de métodos y técnicas de investigación social en Comunicación. Madrid: Mc Graw Hill. Pp: 19-42.

CONNERTON, Paul. (2009). How Modernity Forgets. Cambridge University Press: New York.

_____. (1989). How Societies Remember. Cambridge University Press: New York.

DALÍ, Salvador. (1993). Vida Secreta de Salvador Dalí. La Caja de Pandora 1. Editorial Antártida.

DALMONTE, Edson Fernando. (2009). A esfera paratextual: o lugar do leitor-participante no webjornalismo. Galáxia (PUCSP), v. 18, p. 113-12.

_____. (2008). Posicionamento discursivo no Webjornalismo: temporalidade, paratexto, comunidades de experiência e novos dispositivos de enunciação. Tese de Doutorado, Facom/PÓSCOM/UFBA.

_____.; FERREIRA, Giovandro M. (2007). Webjornalismo, critérios de noticiabilidade e efeitos de sentido. In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

DAVENPORT, Thomas H.; BECK, John C. (2002), Attention Economy: Understanding the New Currency of Business. Harvard Business Press.

DE WOLK, Roland. (2001). Introduction to Online Journalism: Publishing news and information. Boston: Allyn and Bacon.

DERRIDA, Jacques. (1995). Archive Fever: A Freudian Impression. Diacritics, Vol. 25, No. 2, pp. 9-63. The Johns Hopkins University Press.

DEUZE, Mark. (2004). What is Multimedia Journalism? In: Journalism Studies, vol. 5, n°. 2, pp. 139-52.

DÍAZ NOCI, Javier. (2011). Online News. Narrative, Hypertext and Interactivity. An Analysis of International Media. Tese de Cátedra. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.

_____.; DOMINGO, David; MASIP, Pere; MICÓ Josep; RUIZ, Carles. (2010). Comments in News, Democracy Boosteror Journalistic Nightmare: Assessing the Quality and Dynamics of Citizen Debates in Catalan Online Newspapers, International Symposium on Online Journalism, Austin, Texas.

_____.; PALACIOS, Marcos (ogs.). (2008). Metodologia para o estudo dos cibermeios. Estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA.

_____. (2005). Los géneros ciberperiodísticos: una aproximación teórica a los cibertextos, sus elementos e su tipología. In: GARCÍA, Xosé López; OTERO, María Luiza; FARIÑA, José Pereira; MARIÑO, Manuel Gago; FERNANDEZ, Moisés Limia. Tendencias en el ciberperiodismo iberoamericano: Ponencias do Congreso Iberoamericano de Xornalismo Dixital, Santiago de Compostela, 29-30 de noviembre 2004. Santiago de Compostela: Cursos e congresos, 2005.

_____.; SALAVERRÍA, Ramón. (2003). Hipertexto periodístico: teoría y modelos. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. Manual de Reddación Ciberperiodística. Barcelona: Ariel.

_____. (2002). La escritura digital – Hipertexto y construcción del discurso informativo en el periodismo electrónico. Bilbao: Universidad del País Vasco.

_____. (1994). El nuevo periódico electrónico: redefinición del mensaje tradicional como producto interactivo y multimedia, IX Jornadas internacionales de ciencias de la información, Pamplona, Universidad de Navarra, 1994. <http://www.ehu.es/diaz-noci/Conf/C2.pdf>

ENNE, Ana Lucia S. (2004). Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos, Unisinos, V(2): 101-116.

ERLL, Astrid. (2011). Memory in culture. Translated by Sara B. Young. Palgrave MacMillan Memory Studies.

ERLL, Astrid; NUNNING, Ansgar. (2010). A Companion to Cultural Memory Studies. Berlin/New York: De Gruyter.

EYERMAN, Ron. (2011). The Past in the Present: Culture and The Transmission of Memory. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

FEITOSA, Ailton. (2006). *Organização da Informação na Web – das TAGs à Web Semântica*. Brasília: Thesaurus.

FERREIRA, Jonatas; AMARAL, Aécio. (2004). Memória eletrônica e desterritorialização. Política & Sociedade, v. 4, p.137-166, abr.

FIDALGO, António. (2007a). Data Mining e um novo jornalismo de investigação. In: BARBOSA, Suzana. (Org.). (2007). O jornalismo digital de terceira geração, LABCOM BOOKS, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

_____. (2007b). A resolução semântica no jornalismo online. In: BARBOSA, Suzana (Org.). *Jornalismo digital de terceira geração*. Coleção Estudos em Comunicação. Covilhã: LabcomBooks, pp: 93-102.

_____. (2004b). Jornalismo online segundo o modelo de Otto Groth. In: Pauta Geral Nº 06, Salvador: Calandra.

_____. (2004a). Do poliedro à esfera: os campos de classificação. A resolução semântica no jornalismo online. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil.

_____. (2003). Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em base de dados. In: Lemos, André *et al*. (Orgs.). *Mídia.Br*. Livro da Compós, Porto Alegre: Meridional. pp: 180-192.

FIDLER, Roger. (1997). Mediamorphosis: understanding new media. California: Pine forge Press.

FLORES VIVAR, Jesús Miguel. (2009). Nuevos modelos de comunicación, perfiles y tendencias en las redes sociales. Comunicar, v. 17, n 33, p. 73-81. In: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=15812486009>.

FOGEL, Jean-François; PATINO, Bruno. (2005). *Une Presse Sans Gutenberg*. Paris: Grasset.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. (2005). A Fabricação do Presente – como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: UFS.

FRANCISCO, Kárita Cristina. (2010). O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais? In: PRISMA.COM n.º 12 – Especial Ciberjornalismo 2010.

GAGO, Manuel. (2007). Flash 2.0. Tecnología y cibermedios en la nueva web social. In: URETA, Ainara Larrondo; TELLERÍA, Ana Serrano (eds.). *Diseño periodístico en internet*. Leioa: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco. pp: 103-128.

_____. (2006). La arquitectura de la información, ingeniería del periodismo. In: LÓPEZ, Xosé (Coord.). *Sistemas digitales de información*. Madrid: Pearson Educación. pp: 81-142.

GARCÍA, Xosé L. et al. (2005). Tipología de los cibermedios. In: SALAVERRÍA, Ramón. (Coord.). Cibermedios. El impacto de internet en los medios de comunicación en España. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones. pp: 39-82.

GARCÍA, Xosé López. (2003). Retórica del hipertexto periodístico. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. Manual de Reddación Ciberperiodística. Barcelona: Ariel.

GARRISON, Bruce. (1998). *Computer-Assisted Reporting*. London: LEA Publishers. (Second edition).

GENRO FILHO, Adelmo. (1987). O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê.

GILLMOR, Dan. We The Media: Grassroots Journalism by the People, for the People. Cambridge: O'Reilly, 2004.

GÓMEZ, Jerónimo Alayón. (2004). Retórica y Discurso Hipertextual: Del trovador oral al trovador hipermedial. Notas para un estudio. II Congreso Online OCS, GT-24 Retórica y comunicación persuasiva en la sociedad digital. <http://www.cibersociedad.net>

GONZÁLEZ, José Antonio Moreiro. (2005). Conceptos introductorios al estudio de la información documental. Departamento de Biblioteconomia y Documentación, Universidad Carlos III de Madrid. Salvador, Bahia. EDUFBA / Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

GOODY, Jack. (2011). Memory in Oral and Literate Traditions. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

GUALLAR, J. & ABADAL, E. (2009). The digital press archives of the leading Spanish online newspapers. In: Information Research, 15(1) paper 424.

GUNTER, Barrie. (2003). News and the net. New Jersey: LEA.

JAVA, Akshay; SONG, Xiaodan; FININ, Tim; TSENG, Belle. (2007). Why We *Twitter*: Understanding Microblogging Usage and Communities. Procedings of the Joint 9th WEBKDD, 2007. In: <http://ebiquity.umbc.edu/paper/html/id/367/Why-We-*Twitter*Understanding-Microblogging-Usage-and-Communities>

JERÓNIMO, Pedro; DUARTE, Ângela. (2010). *Twitter* e jornalismo de proximidade: estudo de rotinas de produção nos principais títulos de imprensa regional em Portugal. PRISMA.COM n.º 12 – Especial Ciberjornalismo 2010.

JIMÉNEZ GUERRERO, L; HUERTA, F. (2002). Periódicos online. In: Libro blanco de la prensa diaria. Madrid: AEDE.

JOHNSON, Steven. (2001). Cultura da Interface. Jorge Zahar Editora, São Paulo.

HALBWACHS, Maurice. (2006). A memória coletiva. São Paulo: Centauro.

HALL, Jim. (2007). The News Blog in 2005. Social Journalism at the Eye of The Storm. In: BARBOSA, Suzana. (2007). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Labcom, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.

_____. (2001). Online Journalism. A critical primer. London: Pluto Press.

HERBERT, John (2000). Journalism in the digital age: theory and practice for broadcast, print and on-line media. Oxford: Focal Press.

HEYMAN, Bob. (2008). Who Coined The Term SEO? In: http://searchengineland.com/who-coined-the-term-seo-14916

HOBSBAWN, Eric. (1995). Era dos extremos. São Paulo, Cia das Letras.

HOLANDA, André; PALACIOS, Marcos; QUADROS, Cláudia; SILVA, Janalyne. (2008a). Research on participatory journalism in Brazil: A survey of the state of the art. Brazilian Journalism Research, v. 4, p. 54-68.

HOLANDA, André; PALACIOS, Marcos; QUADROS, Cláudia; SILVA, Janalyne. (2008b). Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. In: Marcos Palacios; Javier Días Noci. (Org.). Metodologia para o estudo dos cibermeios. Estado da arte & perspectivas. Metodologia para o estudo dos cibermeios. Estado da arte & perspectivas. 1ed.Salvador: Edufba, 2008, v. 1, p. 261-278.

HOLOVATY, Andrew. (2006b). A fundamental way newspaper sites need to change. 06/Setembro. In: <http://www.holovaty.com/blog/archive/2006/09/06/0307>.

_____. (2006a). Dynamic News Stories. In: O´Reilly XML.com, 17/Maio. In: <http://www.xml.com/pub/a/2006/05/17/dynamic-news-stories.html>.

_____. (2005). Microformats could describe online news intelligently. In: <www.holovaty.com/blog/archive/2005/03/18/0033>.

HUBERMAN, Bernardo A., PIROLLI, Peter L. T., PITKOW , James E, LUKOSE , Rajan M. (1998). Strong Regularities in World Wide Web Surfing. Science Magazine 3 April, vol. 280 no. 5360 pp. 95-97.

HYVÖNEN, Eero. (2002). The Semantic Web – the new internet of meanings. In: HYVÖNEN, Eero (editor). Semantic Web Kick-Off in Finland: vision, technologies, research and applications. Helsinki, Finland: HIIT

Publications. In: <http://www.cs.helsinki.fi/u/eahyvone/stes/semanticweb/kick-off/index.html>.

JENKINS, Henry. (2009). Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph.

KOCH, Tom. (1991). Journalism for the 21st Century. Online information, electronic databases and the news. New York: Praeger.

LAGE, Nilson. (2002b). Jornalistas-robôs. A era das máquinas inteligentes, ano 1. In: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da301020021.htm>.

_____. (2002a). No futuro do jornalismo, a integração com os computadores. Paper apresentado no 5º. Fórum de Professores de Jornalismo, em Abril, Porto Alegre-RS/Brasil. In: <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/lage-Artforum.pdf>.

_____. (2001). A reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record.LANDOW, George. (2006). Hypertext 3.0 - Hypertext 3.0: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. Parallax: Re-visions of Culture and Society.

_____. (1997). Hypertext 2.0 – The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Edição revisada e ampliada do original de 1992. Maryland: The Johns Hopkins University Press.

LASICA, Joseph D. (1998). The World Wide Web Never Forgets. *American Journalism Review*, Vol. 20, No. 5.

LAZULY, Pierre. (2003). O mundo Segundo o *Google*. In: Le Monde Diplomatique: Internet, 01/10/2033.

LE GOFF, Jacques. (2003). História e Memória. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP.

LEE HOTZ, Robert. (2009). A Data Deluge Swamps Science Historians. Matéria do The Wall Street Journal Online. In: <http://online.wsj.com/article/SB125139942345664387.html >

LEMOS, André. (2009). Cultura da Mobilidade. Revista FAMECOS (Online), v. 1, p. 28-35.

_____. (2007). Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, Funções pós-massivas e territórios informacionais. Matrizes, v. 1, p. 121-138.

_____. (2005a). Ciber-Cultura-Remix. “Sentidos e Processos”, mostra“Cinético Digital’, Centro Itaú Cultural. Mesa: “Redes: criação e reconfiguração”, São Paulo, Itaú Cultural, agosto/2005.

_____. (2005b). Cibercultura e Tsunamis.Tecnologias de Comunicação Móvel, Blogs e Mobilização Social. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 26, p. 29-40.

_____. (2004). Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. Razón y Palabra, Mexico, v. 41.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. (1999a). Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, p. 145-155

_____. (1999b). As tecnologias da inteligência. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 203 p.

_____. (1996). O que é virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 157p.

LIMA, Lara Viviane Silva de. (2000). Jornalismo de precisão e jornalismo científico: estudo da aplicabilidade. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. UFSC. In: <www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/tese-lara.pdf>.

LIMA JÚNIOR, Walter T. (2010). Considerações sobre a relevância da informação jornalística nos sistemas computacionais conectados em rede. Comunicologia, Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. (Brasília), v. 1, p. 14-31.

_____. (2009). Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 95-106, dez.

_____. (2007). Primórdios das fontes digitais na produção do jornalismo tradicional. In: Intercom Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em

Comunicação – NP Jornalismo. In: <www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1605-2.pdf>.

_____. (2006a). Classificação das bases conceituais para validação de instâncias e atributos a serem utilizados na elaboração de sistema digital de busca de fontes jornalísticas. In: Anais do IV Congresso da SBPJor (CD-ROM). Porto Alegre-RS/Brasil.

_____. (2006b). Sistema digital de busca inteligente de fontes jornalísticas. Trabalho apresentado no 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. In: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4.htm>.

_____. (2004). Jornalismo Inteligente (JI) na era do data mining. In: Anais do II SBPJor (CD-ROM). Salvador-BA/Brasil.

LIMA JÚNIOR, Walter T.; BARBOSA, Pablo. (2007). Mineração de dados e textos e suas possibilidades aplicadas ao processo de produção da notícia. In: Anais do V Congresso da SBPJor (CD-ROM). Aracaju-SE/Brasil.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (2001). *Pesquisa em comunicação.* São Paulo: Loyola, (6ª ed.).

LÓPEZ, Xosé (Coord.). (2006). *Sistemas digitales de información*. Madrid: Pearson Educación.

LÓPEZ, Xosé; GAGO, Manuel; PEREIRA, Xosé. (2003a). Arquitectura y Organización de la Información. In: ALIAGA, Ramón Salaverría; DÍAZ NOCI, Javier. *Manual de Redación Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel.

LÓPEZ, Xosé; GAGO, Manuel; PEREIRA, Xosé (2003b). *Nuevas tendencias del periodismo electrónico*, Laverde Ediciones.

LOPEZ, Débora; FREIRE, Marcelo. (2010). O potencial das ferramentas multimídia em ambiente de convergência: um estudo de caso do site da Rádio BandNews FM. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), v. Ano2, p. 30-45.

_____. (2009). Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. (Tese de Doutorado). Faculdade de Comunicação (UFBA).

MACHADO, Elias. (2010). Jornalismo em bases de dados, ano zero. Observatório da Imprensa. Ed. 619. In: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo-em-bases-de-dados-ano-zero

_____.; PALACIOS, Marcos. (2007). Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada ao GJOL. In: MACHADO, Márcia B; LAGO, Cláudia. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. (1ªed.). Petropolis: Vozes, v. 1, pp. 199-222.

_____. (2006). *O Jornalismo Digital em Base de Dados*. Florianópolis: Calandra.

_____. (2004a). Banco de dados como formato no jornalismo digital. In: Anais III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico, UBI (CD-ROM), 2004a.

_____. (2004b). O banco de dados como espaço de composição de narrativas multimídia. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil.

_____. (2004c). A Intranet como Modelo de Gestão no Jornalismo Digital. In: *Pauta Geral Revista de Jornalismo*. Ano 11 – Nº 6. Salvador: Calandra.

_____. (2003: O ciberespaço como fonte para os jornalistas. Calandra, Salvador.

_____. (2001). *O* jornal digital como epicentro das redes de circulação de notícias. In: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4369/1/NP2MACHADO.pdf >.

_____. (2000a). Os novos conceitos de edição no jornalismo digital. *Comunicação e Sociedade*, nº 2, vol.14: 357-373.

_____. (2000). La Estructura de la Noticia en las Redes Digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. (Tese de Doutorado). Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

_____. (1996). Manual do Jornalismo na Internet. In: <http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm>.

MACHADO, Irene. (2001). Digitalização. Linguagem. Discurso. As Mediações Dialógicas Possíveis. Lumina. Juiz de Fora: Facom/UFJF, v.4, n.2, p. 19-48, jul./dez.

MACHADO, Irene; PEREIRA, Mirna Feitoza. (2004). *Design* da Comunicação no Jornalismo de Guerra. Semiosfera, Revista de Comunicação e Cultura, Ano 4, N° 7, Dezembro.

MANOVICH, Lev. (2001). *The language of new media*. Cambridge: MIT Press.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. (1999). Designing Qualitative Research. Forum: Qualitative Social Research, 9(3), Art. 13.

MATTOS, Sérgio. (2009). O contexto midiático. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

_____. (Org.). (2008). Memória da imprensa contemporânea da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

_____. (2002). História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 247.

_____. Censura de guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico. (1991). Salvador: Sindicato dos Jornalistas

Profissionais do Estado da Bahia, 1991. p.54.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor. (2009). Delete: The Virtue of Forgetting in the Digital Age. Princeton, NJ: Princeton University Press.

MCADAMS, Mindy. (2007). What journalists should know about databases. In: Teaching Online Journalism´ Blog. 08/Outubro. In: <http://mindymcadams.com/tojou/2007/what-journalists-should-know-about-databases/>.

_____. (2005). Flash Journalism. How to create multimedia news packages. Burlington: Focal Press.

MCLUHAN, Marshall. (1969). Os meios de comunicação como extensões do homem, Trad. Décio Pignatari, São Paulo, Cultrix.

MEADOWS, Mark Stephen. (2003). Pause & Effect. The art of interactive narrative. Indiana: New Riders.

MEYER, Philip. (1999). The future of CAR: Declare Victory and Get Out! From “When Nerds and World Collide: Reflections on the Development of Computer Assisted

Reporting. In: *The Poynter Institute for Media Studies*. In: <www.unc.edu/~pmeyer/carfuture.doc>.

_____. (1993). Periodismo de Precisión: Nuevas Fronteras para La Investigación Periodística. Barcelona: Bosch.

_____ . (1991). The new precision journalism. Bloomington: Indiana University Press.

MIELNICZUK, Luciana; MARQUES, Iuri Lamel. (2006). Sistemas publicadores para webjornalismo: MapaLink, um protótipo para produtos de terceira geração. In: Anais XV Encontro Anual da Compós (CD-ROM). Bauru: Editora UNESP, V. 1.

_____. (2003). Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA, Salvador. In: <http://www.facom.ufba.br/jol/producao_teses.htm>.

_____. Considerações sobre interatividade no contexto das novas mídias. In: LEMOS, A; PALACIOS, M. Janelas do Ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. (2000). Interatividade como dispositivo do jornalismo online. In: GOMES, I.M; MIELNICZUK, L; et al. (2000). Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II. Salvador: Facom/UFBA.

_____. (1999). Interatividade no jornalisno online: o caso do NetEstado. XXII Congresso da Intercom. <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/1999 _ mielniczuk_netestado.pdf>

MOHERDAUI, Luciana. (2005). O Usuário de Notícias no Jornalismo Digital: um estudo sobre a função do sujeito no Último Segundo e no A Tarde Online. Dissertação de Mestrado. FACOM/UFBA.

MONTEIRO, Silvana. Drumond.; CARELLI, Ana Esmeralda. (2007). Ciberespaço, memória e esquecimento. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação In: < http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>.

MORAES, Francilaine Munhoz. (2004). Discurso jornalístico on-line: a perspectiva crítica da narratividade. (Dissertação de mestrado). Brasília: UnB.

MORGAINE, Daniel. (1971). Dix ans pour survivre (Un quotidien gran public en 1980). París, Hachette.

MORIN, Edgard. (1999). Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal, EDUFRN.

MORVILLE, Peter. (2005). Ambient Findability. California: O'Reilly.

NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. (2011). On Media Memory Collective Memory ina a New Media Age. New York: Palgrave McMillan.

NEWMAN, Nic. (2009). The rise of social media and its impact on mainstream journalism: A study of how newspapers and broadcasters in the UK and US are responding to a wave of participatory social media, and a historic shift in control towards individual consumers. Working paper. Reuters Institute for The Study of Journalism. In: http://www.sssup.it/UploadDocs/6635_8_S_The_rise_of_Social_Media_and_ its_Impact_on_mainstream_journalism_Newman_07.pdf

NICOLESCU, Basarab. (2000). Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO.

NOGUEIRA, Leila. (2005). O webjornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online. Dissertação de Mestrado. FACOM/UFBA.

NORA, Pierre. (2011). Reasons for the Current Upsurge in Memory. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

_____. (2001). Rethinking France. Les Lieux de Mémoire. Vol. 1, The State. The University of Chicago Press.

_____. (1997). Realms of Memory. The Construction of the French Past. Columbia University Press.

_____ . (1993). Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

O´CONNOR, Rory. (2009). *Facebook* and *Twitter* Are Reshaping Journalism As We Know It. In: <http://kauri.aut.ac.nz:8080/dspace/handle/123456789/1839>.

OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

_____; ROBBINS, J. (1998). Social Memory Studies: From "Collective Memory" to the Historical Sociology of Mnemonic Practices. Annual Review of Sociology, 24, 105-140.

OLIVEIRA, Leonardo Bueno de. (2006). Arquitetura da Informação aplicada na construção de um sistema publicador para jornais digitais. (Dissertação de Mestrado). ECA/USP. In: http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/bdtd/2006/2006-meoliveira_leonardo.pdf.

PAIM, Isis; NEHMY, Rosa Maria Quadros. (1998). A desconstrução do conceito de "qualidade da informação". In: Ci. Inf., Brasília, v. 27, n. 1, p. 36-45, jan./abr.

_____.; _____.; GUIMARÃES, César Geraldo. (1996). Problematização do conceito "Qualidade" da informação. In: Perspec. Ci. Inf., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 111-119, jan./jun.

PALACIOS, Marcos. (2011). Ferramentas para análise de qualidade no Ciberjornalismo. 1ed.Covilhã: Labcom Books, v. 1, p. 1-305.

_____; RIBAS, Beatriz. (2011). Ferramenta para Análise de Memória em Cibermeios. In: PALACIOS, Marcos. (2011). Ferramentas para análise de qualidade no Ciberjornalismo. 1ed.Covilhã: Labcom Books, v. 1, p. 1-305.

_____. (2010a). Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História. Matrizes, USP, v. 4, p. 37-50.

_____. (2010b). Positioning yet another idea under the glocalisation umbrella: Reader participation and audience communities as market strategies in globalised online journalism. Communicatio South African Journal for Communication Theory and Research, v. 36, p. 276-287.

_____. (2008). A memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos. In: Revsita FAMECOS, Nº 37, dezembro de 2008. In:http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4805/3609

_____; MUNHOZ, Paulo. (2007). Fotografia, Blogs e Jornalismo na Internet: Oposições, Apropriações e Simbioses. In: BARBOSA, Suzana. (Org.). (2007). O jornalismo digital de terceira geração, LABCOM BOOKS, Universidade da Beira Interior, Covilhã.

_____. MACHADO, Elias ; SCWINGEL, Carla ; ROCHA, Leandro. (2006). Um Jornal Laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado. O caso da Plataforma Panopticon. In: Razón y Palabra, Monterrey México, v. 49.

_____. (2003a). Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital. Salvador: Calandra.

_____. (2003b). Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático. In: <http://www.facom.ufba.br/jol/doc/artigo.palacios.jorn.redes.hibridas.doc>.

_____. MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. (2002a). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. In: *Comunicarte*, Revista de Comunicação e Arte, vol.1, n.2, Universidade de Aveiro, Portugal, set.

_____. _____.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. (2002b). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro. In: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf>

_____. ; _____ . (2002c). Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual. In: FRANÇA, Vera; MOTTA Luiz Gonzaga; PAIVA, Raquel;WEBER, Maria Helena. (Org.). Estratégias e Cultura da Comunicação. Estratégias e Cultura da Comunicação. Brasília: Editira UNB.

_____. (1999). Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. Lugar Comum, Rio de Janeiro, n.08, p. 111-121.

PATINO, Bruno. (2001). *Transmettre, réagir, se souvenir: le journalisme sur internet*. Bibliothéque Centre Pompidou. Disponível em : <http://www.text-e.org/conf/index.cfm?fa=printable&ConfText_ID=8 >

PAUL, Nora. (1999). *Computer-Assisted Research. A Guide to Tapping Online Information*. Chicago: Bonus. (Fourth Edition).

PAVLIK, John. (2005). El periodismo y los nuevos medios de comunicación. Barcelona: Paidós Comunicación.

_____. (2001). Journalism and New Media. New York: Columbia University Press.

_____. (1999). New Media and News: Implications for the Future of Journalism. New Media & Society April, vol. 1 no. 1 54-59.

PENENBERG, Adam. (2010). Viral Loop. Como o crescimento viral transformou *Youtube*,

Facebook e *Twitter* em gigantes e converteu audiência em receita. Do original de 2009 Viral Loop, Hyperion. Elsevier Editora Ltda: Rio de Janeiro.

PEREIRA, Xosé. (2007). Arquitetura de la Información. Ingeniería del periodismo. In: URETA, Ainara Larrondo; TELLERÍA, Ana Serrano (eds.). *Diseño periodístico en internet*. Leioa: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco. pp: 193-206.

_____. (2006). La presencia gráfica del sistema (front-end). In: LÓPEZ, Xosé. *Sistemas digitales de información*. Madrid: Pearson Educación. pp: 143-215.

PORTO ALEGRE, Raquel. (2004). O radiojornalismo nas redes digitais: Um estudo sobre emissoras no ciberespaço. Dissertação de Mestrado: FACOM/UFBA.

PRIMO, Alex. (2011). Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, *Twitter*, *Facebook* e Flipboard. 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Rio de Janeiro, ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro), Novembro.

_____. (2007). O aspecto relacional das interações na Web 2.0. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, v. 9, ago. In:< http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154>.

PRYOR, L. (2002). The third wave of online journalism. In: *Online Journalism Review*, 18/abril/2002. In: www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php.

PRUDKIN, Gonzalo. (2010). Blogs futbolísticos em el Brasil y en La Argentina: La blogosfera como extensión del periodismo y de los estadios. Tese de Doutorado. FACOM/PÓSCOM/UFBA.

QUADROS, Claudia Irene de; QUADROS JR. Itanel Bastos de; MASIP, Pere Masip. (2010). Webjornalismo: da forma ao sentido. Os casos de Gazeta do Povo e La Vanguardia. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 161-177, dez.

_____. (2005a). Base de dados: a memória extensiva do jornalismo. In: *Em Questão*. Porto Alegre. V. 11. N.2, Jul./dez. In: www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2005_v11_n2/9_basesdedados.pdf.

_____. (2005b). A participação do público no webjornalismo. e-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Vol. 4. Dez. 2-17.

_____. (2004). Jornalismo e base de dados para gerar conhecimento. In: Anais do II SBPJor. Salvador-BA/Brasil.

_____. (1998). Periodistas Electrónicos: Las exigencias professionales en la Red. Estudio de los casos El Pais Digital, El Mundo Del Siglo XXI, NETESTADO y O Globo. Tese de Doutorado. Universidad de La Laguna.

QUINN, Stephen. (2005). *Convergent journalism. The fundamentals of Multimedia Reporting*. New York: Peter Lang Publishing.

_____. (2002). *Knowledge management in the digital newsroom*. London: Focal Press.

QUIVEY, Mary Ann. (2002). The Semantic Web – The future of our online experience. In: *EDL547 New Technology Research Paper*. MLT Program – University of Illinois. 22/04/2002. In: <http://students.uis.edu/mquiv01s/semanticweb.html>.

RADSTONE, Susannah; SCHWARZ, Bill. (2010). Memory. Histories, Theories, Debates. New York: Fordham University Press.

RECUERO, Raquel. (2009). Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina.

_____. (2003). Warblogs: Os Weblogs, o Jornalismo Online e a Guerra no Iraque. Verso e Reverso (São Leopoldo), São Leopoldo, n.37, p. 57-76.

RIBAS, Beatriz; BARBOSA, Suzana. (2008a). Bases de dados no ciberjornalismo: caminhos metodológicos. In: PALACIOS, Marcos; DIAZ NOCI, Javier. Metodologia para o estudo dos cibermeios - Estado da arte & perspectivas. 1ed.Salvador: EDUFBA, v. 1, p. 01-364.

_____. (2008b). Memória e Ciberjornalismo: Considerações sobre potencialidades para a prática jornalística nas redes digitais. Texto submetido como requisito parcial para o exame de qualificação doutoral, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, FACOM/UFBA.

_____; BARBOSA, Suzana. (2007). Mapeamento conceitual e metodológico preliminar sobre as bases de dados no ciberjornalismo. Artigo apresentado no I Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermeios, realizado entre 3 e 7 de dezembro de 2007, na FACOM/UFBA.

_____. (2007a). Web Semântica e produção de notícias: Anotações para o estudo da aplicação da tecnologia ao campo do Jornalismo. In: Anais do V Congresso da SBPJor (CD-ROM). Aracaju-SE/Brasil.

_____. (2007b). Blogs como ferramentas de ensino do jornalismo. In: Marcos Palacios; Elias Machado. (Org.). O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade. O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade. 1ed.Salvador: EDUFBA, , v. 1, p. 159-175.

_____; PALACIOS, Marcos. (2007c). Manual de Laboratório de Jornalismo na Internet. 1. ed. Salvador: EDUFBA, v. 1. 92p.

_____. (2005). A Narrativa Webjornalística - um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço. (Dissertação de Mestrado). FACOM/UFBA, Salvador.

RIBEIRO, José Carlos; CHAMUSCA, Marcello; CARVALHAL, Márcia. (2006). As tecnologias contemporâneas de comunicação e as mudanças na produção e no consumo de informações. UNIrevista - Vol. 1, n° 3, julho.

_____. (2001). Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço. In: André Lemos; Marcos Palacios. (Org.). Janel@s do Ciberespaço. Janel@s do Ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, 2001, v. , p. 138-150.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. (1995). A história do seu tempo. A imprensa e a produção do sentido histórico. Dissertação de mestrado. ECO-UFRJ.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Catarina. (2006). Blogs e a fragmentação do espaço público. Livros Labcom: Universidade da Beira Interior, Portugal.

RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ, Ruth; CODINA, Lluís; PREDRAZA-JIMÉNEZ Rafael. (2012). Indicadores para la evaluación de la calidad en cibermedios; análisis de la interación y de la adopción de la Web 2.0. Revista Española de Documentación Cientifica, 35, 1, enero-marzo, 61-93.

_____. (2010). Cibermedios y web 2.0: modelo de análisis y resultados de aplicación. El profesional de la información, enero-febrero, v. 19, n. 1, pp. 35-44.

_____.; PEDRAZA-JIMÉNEZ, Rafael. (2009). La adaptación de los periódicos digitales al entorno de la Web 2.0. In: I Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0. La revolución del periodismo ciudadano; 11-13 nov 2009; Bilbao.

ROGERS, E. M. (1995). *Diffusion of innovations.* (4th edition). New York: Free Press.

ROSENFELD, Louis; MORVILLE, Peter. (2002). *Information Architeture for the World Wide Web: Designing Large-Scale Web Sites.* (2ed.). Cambridge: O'Reilly.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. (1997). O jornal e seu Banco de Dados: uma simbiose obrigatória. In: *Ci. Inf.* vol.26 n.1 Brasília. In: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000100014&script=sci_ arttext&tlng=>.

RUCHATZ, Jens. (2010). The Photograph as Externalization and Trace. In: ERLL, Astrid; NUNNING, Ansgar. (2010). A Companion to Cultural Memory Studies. Berlin/New York: De Gruyter.

SAAD, Beth. (2011). Apontamentos sobre o jornalismo extra-muros do Wikileaks. Contemporânea – Comunicação e Cultura. Póscom/UFBa.

_____; MADUREIRA, Francisco. (2010). Jornalista-cidadão ou fonte de informação: etudo exploratório do papel do público no jornalismo participativo dos grandes portais brasileiros. Estudos em Comunicação/Communication Studies, v. 1, p. 157-184, 2010.

_____. (2003). Estratégias para Mídia Digital. São Paulo. Senac.

SALAVERRÍA, Ramón. (Coord.). (2005a). Cibermedios. El impacto de internet en los medios de comunicación en España. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.

_____. (2005b). Redacción periodística en internet. Barcelona: EUNSA.

SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, Luis; et al. (s/d). An experience with Semantic Web technologies in the news domain. In: <http://www.dfki.uni-kl.de/~bernardi/News/publication-download/SWCASE_NEWS.pdf>

SCHUTZ, Tanjev. (1999). Interactive options in Online Journalism: A Content Analysis of 100 U.S. Newspapers. Journal of Computer Mediated Communication, 5 (1).

SCHWARZ, Bill. (2010). Memory, Temporality, Modernity: Les lieux de memoire. In: RADSTONE, Susannah; SCHWARZ, Bill. (2010). Memory. Histories, Theories, Debates. New York: Fordham University Press.

SCHWINGEL, Carla. (2005). Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no jornalismo digital. In: Anais do XIV Encontro Anual da Compós. Também In: <www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/estudos2005.htm>

_____. (2004a). Os sistemas de publicação como fator da terceira geração do jornalismo digital. In: <www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_schwingel_sistemas_publicaçao.pdf>.

_____. (2004b). A arquitetura da informação e o sistema de publicação do Independent Media Center. In: Anais do V Congreso Iberoamericano de Periodismo en Internet. Salvador: FACOM/UFBA.

SEIXAS, Lia. (2009). O lugar da narrativa no hipertexto jornalístico: uma análise do conceito de narrativa na webnotícia. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1671.

_____. (2004). Gêneros jornalísticos digitais – um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. In: Anais do XIII Encontro Anual da Compós.

SENNETT, Richard. (2001). Autoridade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Record.

SHEPHERD, M., & WATTERS, C. (1999). The functionality attribute of cybergenres. In: Proceedings of the 32nd Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS '99). http://csdl2.computer.org/comp/proceedings/hicss/1999/0001/02/00012007.PDF

SILVA JÚNIOR, Afonso da. (2006). Uma Trajetória em Redes: Modelos e Características Operacionais das Agências de Notícias, das Origens às Redes Digitais, com Três Estudos de Caso. (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA, Salvador. In: <www.facom.ufba.br/jol/producao_teses>.

SMITH, Anthony. (1980). Goodbye Gutenberg: The Newspaper Revolution of the 1980s. New York: Oxford University Press.

SMOLKA, Ana Luiza B. (2000). A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho.

SPARROW, Betsy; LIU, Jenny; WEGNER, Daniel M. (2011). *Google* Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips. In: Sciencexpress, http://www.wjh.harvard.edu/~wegner/pdfs/science.1207745.full.pdf

TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa; SCHIEL, Ulrich. (1997). A Internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. Ci. Inf. vol. 26 no. 1 Brasilia Jan./Apr.

TEIXEIRA, Heurisgleides Sousa. (2010). Concepções de tempo e memória em Jorge Luis Borges: uma análise dos contos "Funes, el memorioso" e "La biblioteca de babel". (Dissertação de Mestrado). Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista/BA.

TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. (2011). Journalism as an Agent of Prospective Memory. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal. (2011). On Media Memory Collective Memory ina a New Media Age. New York: Palgrave McMillan.

WEGNER, Daniel. (1995). A computer network model of human transactive memory. Social Cognition. Vol.13, n°3, pp. 319-339.

WEINRICH, Harald. (2011). Lethe: The Art and Critique of Forgetting. In: OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. (2011). The Collective Memory Reader. Oxford University Press.

WHITEHEAD, Anne. (2009). Memory. The New Critical Idiom. London: Routledge.

WOLTON, Dominique. (1999). Internet et après: une theorie critique des noveaux médias, Paris: Flammarion.

YIN, Robert K.(2005). Estudo de caso. Planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. (3ª edição). Porto Alegre: Bookman.

ZAGO, Gabriela da Silva (2011a). Informações Jornalísticas no *Twitter*: redes sociais e filtros de informações. Comunicologia (Brasília), v. 1, p. 58-73.

_____. (2011b). O *Twitter* como fonte para o jornalismo. Animus (Santa Maria), v. 10, p. 51-65, 2011.

_____. (2011c). Recirculação jornalística no *Twitter* : filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.

_____. (2010). Informações Hiperlocais no *Twitter*: Produção Colaborativa e Mobilidade. Ícone (Recife), v. 12, p. 2.

_____. (2008). O *Twitter* como Suporte para Produção e Difusão de Conteúdos Jornalísticos. Ciberlegenda. Anais do 6º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Novembro.

ZELIZER, Barbie. (2010). Journalism's Memory Work. In : ERLL, Astrid; NUNNING, Ansgar. (2010). A Companion to Cultural Memory Studies. Berlin/New York: De Gruyter.

_____. (2008). Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. In: Memory Studies. SAGE. In: <http://mss.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/1/79>

_____. (1992). Covering the body: the Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory. Chicago: University of Chicago Press.

APÊNDICE I – Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios (PALACIOS e RIBAS, 2011)

Primeira versão, 2011.

IDENTIFICAÇÃO DO CIBERMEIO

Cibermeio:	
Grupo:	
URL:	
Data/Período de avaliação:	
Hora:	
Avaliador:	

PARTE 1:

Aspectos Estáticos da Memória

Sistema de busca	
O site possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras?	0 1
Possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras fora do próprio meio? (*Google* ou outros buscadores associados aos sistemas de busca)	0 1
Permite algum tipo de busca avançada mediante busca por campos, operadores booleanos, etc, dentro do próprio site?	0 1
Oferece busca por períodos cronológicos (de *data* até *data*)?	0 1
Oferece busca por editorias ou seções?	0 1
Oferece busca específica por formato (somente gráficos, somente áudio, vídeo, foto etc...)?	0 1
Oferece algum outro parâmetro de busca que não os acima?	0

Especificar: _____	1
Oferece organização de resultados da busca por relevância, data ou qualquer outro parâmetro? Especificar: _____	0 1
Existe recurso de Tags (nuvem de tags) servindo para Buscas?	0 1
O acesso para o arquivo do cibermeio pode ser encontrado na home page, na barra de navegação principal, na primeira tela (sem que seja necessário rolamento da página)?	0 1
TOTAL: **10**	

História	
Existe uma hemeroteca histórica (Coleção de edições anteriores do cibermeio organizada cronologicamente)?	0 1
A recuperação de edições anteriores na hemeroteca permite acesso ao material original completo, inclusive com fotos e outros recursos multimídia?	0 1
O acesso à hemeroteca histórica é livre de pagamento?	0 1
O acesso à hemeroteca histórica é livre de registro?	0 1
Existe uma hemeroteca histórica da edição impressa (Coleção de edições anteriores da edição impressa organizada cronologicamente)?	0 1
TOTAL: **5**	

Articulação com edição impressa	
Oferece busca de material publicado na edição impressa?	0 1
A busca na edição impressa possui os mesmos parâmetros para busca na edição on-line?	0 1
O material arquivado da edição impressa é oferecido em HTML ou qualquer outro formato que não seja as páginas originais em PDF?	0 1

Possibilita busca em separado de material da edição impressa? (somente texto, somente fotos)	0 1
Associa material da edição impressa como links de memória a material da edição on-line? Ou vice versa?	0 1
TOTAL: **5**	

TOTAL PARTE 1: **19**

PARTE 2:

Aspectos Dinâmicos da Memória

Localização de links	
Chamadas de Primeira Página trazem links para outras matérias de arquivo?	0 1
Em caso positivo os links referentes estão localizados no corpo do texto?	0 1
Se estão no corpo do texto, estão também fora dele?	0 1
Existem links de memória associados a material apresentado somente em vídeo ou áudio?	0 1
TOTAL: **4**	

Natureza dos links	
Existem matérias com links para documentos que agreguem mais informação ao tema tratado? (ex. Leis, publicações em Diário Oficial ou em sites oficiais, registro impresso digitalizado, ou ainda em outros formatos como vídeo ou áudio)	0 1
Existem matérias com links para outras matérias publicadas pelo cibermeio sobre o mesmo tema?	0 1
Os links para matérias com o mesmo tema já publicadas pelo cibermeio aparecem como uma cronologia de acontecimentos?	0 1
Oferece em matérias links relacionados ao tema que tenham sido publicados	0

por outro cibermeio?	1
Oferece em matérias links para outros sites (blogs, sites independentes ou oficiais) que permitam ao usuário buscar mais informações sobre o tema tratado se assim desejar?	0 1
TOTAL: **5**	

Personalização e Memória	
Existe associação entre memória e personalização com oferta de áreas nas quais os leitores podem montar seus próprios arquivos de notícias e clipagens?	0 1
TOTAL: **1**	

TOTAL PARTE 2: **11**

TOTAL GERAL (parte 1 + parte 2): **30**

PARTE 3:

Observação de aspectos inovadores no uso da Memória

Observe se há usos de memória que não foram contemplados pelos questionários Parte 1 e Parte 2. Se forem encontrados aspectos não contemplados pelas perguntas, faça uma descrição detalhada dos recursos encontrados e informe as URLs para localização.

APÊNDICE II – Ferramenta de Análise de Memória em Cibermeios

Segunda versão, 2012.

IDENTIFICAÇÃO DO CIBERMEIO

Cibermeio:	
Grupo:	
URL:	
Data/Período de avaliação:	
Hora:	
Avaliador:	

PARTE 1:

Elementos Estruturais da Memória

Elementos Estruturais da Memória (fixos)	
Tipos de documentos	
A peça jornalística ou o cibermeio oferece mais de duas opções de formatos para as informações? Ex:. Texto, foto, vídeo, áudio, animações ou slideshows.	0 1
Há informações sobre a origem dos documentos agregados às narrativas?	0 1
Os documentos estão associados a algum tipo de classificação como tesauro ou tags que indiquem a localização do arquivo já publicado?	0 1
Documentos antigos e de valor histórico são incorporados digitalizados às narrativas?	0 1
Disponibiliza arquivos e documentos que não tenham sido produzidos pelo cibermeio?	0 1
TOTAL: **05**	

Sistemas de busca	
O cibermeio possui um sistema interno de acesso à informação mediante busca por palavras?	0 1
Possui um sistema de acesso à informação mediante busca por palavras fora do próprio meio? (*Google* ou outros buscadores associados aos sistemas de busca)	0 1
Permite algum tipo de busca avançada mediante busca por campos, operadores booleanos, etc, dentro do próprio site?	0 1
Oferece busca por períodos cronológicos (de *data* até *data*)?	0 1
Oferece busca por editorias ou seções?	0 1
Oferece busca específica por formato (somente gráficos, somente áudio, vídeo, foto etc...)?	0 1
Oferece algum outro parâmetro de busca que não os acima? Especificar: _____	0 1
Oferece organização de resultados da busca por relevância, data ou qualquer outro parâmetro? Especificar: _____	0 1
Existe recurso de Tags (ou nuvem de tags) servindo para buscas?	0 1
O acesso para o arquivo do cibermeio pode ser encontrado na página inicial, na barra de navegação principal, ou na primeira tela (sem que seja necessário rolamento da página)?	0 1
Permite a visualização dos resultados das buscas com gráficos comparativos ou outros recursos que diferenciem dados e estabeleçam relações entre as informações recuperadas?	0 1
O sistema de busca permite recuperar material produzido exclusivamente pelo e para o congênere impresso?	0 1
O material recuperado da edição impressa é oferecido em HTML ou qualquer outro formato que não seja as páginas originais em PDF?	0 1

Existem parâmetros que não apenas data e palavra-chave para busca r material da edição impressa?	0 1
Permite busca em separado de material da edição impressa? (somente texto ou somente fotos).	0 1
Oferece algum espaço especialmente criado para conter informações históricas?	0 1
O cibermeio disponibiliza algum manual de utilização do sistema de busca?	0 1
TOTAL: **17**	

Estruturas de links	
Existe algum mapa de links disponível para que se tenha a idéia geral da estrutura disponível com todos os seus níveis de informação?	0 1
Em algum lugar da estrutura de links existe a indicação de material complementar à informação principal?	0 1
Quando se recupera a informação desejada, é possível identificar que ela faz parte de um conjunto de outras informações?	0 1
A navegação na(s) estrutura(s) permite saber onde o usuário está e por onde pode ir?	0 1
Associa material da edição impressa como links de memória a material da edição on-line? Ou vice versa?	0 1
Existem links dispostos na forma de linha do tempo?	0 1
TOTAL: **06**	

PARTE 2:

Elementos de Conteúdo Memorial (variáveis)

Tipos de links	
Possui Links narrativos?	0 1
Links complementares ou de contexto?	0 2
Links complementares de aprofundamento, internos?	0 3
Links complementares de aprofundamento, externos?	0 4
Links complementares de aprofundamento, externos e indicativos de fontes e referências?	0 5
Links complementares de aprofundamento, externos e documentais?	0 6
Existem links de Memória na primeira página do cibermeio ou da peça analisada?	0 1
Os links de Memória, se existem, trazem material multimídia?	0 7
TOTAL: **29**	

Níveis de re-produção	
Anuncia o conteúdo antigo como manchete?	0 1
Faz links entre conteúdos antigos?	0 1
Insere links para conteúdos antigos na narrativa como complementares de aprofundamento?	0 5

Insere links para conteúdos antigos multimídia na narrativa?	0 7
Disponibiliza links para conteúdos antigos multimídia em algum box separado?	0 1
Se há links complementares de aprofundamento, externos e documentais ou de fontes e referências, eles estão em destaque?	0 6
TOTAL: **21**	

Opções de armazenamento	
O usuário pode armazenar seu histórico de navegação ou, pelo menos, as buscas que efetuar?	0 1
Caso as buscas possam ser guardadas, as relações destas com o conjunto informativo ao qual pertencem ficam disponíveis?	0 1
A conta do *Twitter* do cibermeio possui um sistema de *hashtags* que indique material de Memória?	0 1
O cibermeio associa as *hashtags* do seu *Twitter* à narrativa, ou agrega de alguma maneira as etiquetas à narrativa?	0 1
Existem formas diferentes para o usuário visualizar os conteúdos recuperados?	0 1
Se existem ferramentas de visualização, estas permitem estabelecer relações entre os conteúdos buscados?	0 1
TOTAL: **06**	

PARTE 3:

Observação de aspectos inovadores no uso da Memória

Observe se há usos de Memória que não foram contemplados pelos questionários Parte 1 e Parte 2. Se forem encontrados aspectos não contemplados pelas perguntas, faça uma descrição detalhada dos recursos encontrados e informe as URLs para localização.

ANEXO 1:

Ferramenta para Análise Geral de Qualidade em Websites (CODINA, 2003).

Evaluador:	

Medio:	
URL:	**http://...**
Fecha:	**Todos en la misma fecha.**
Hora:	**Se recomienda hacer la evaluación en dos momentos diferentes del día. Se recomendaba entre las 9 y las 10 de la mañana (siempre hora local del medio analizado, que coincidía con la ciudad de residencia del evaluador) y entre las 20 y las 22 horas.**

Evaluación total:	

Lo que se evalúa es TODO el sitio web.

I. CONTENIDO Y ACCESO A LA INFORMACIÓN

EVALUACIÓN TOTAL DE LA PARTE I: CONTENIDO Y ACCESO A LA INFORMACIÓN	

1. Acceso a la información: Navegación y Recuperación

1.1. Navegación global		
¿Dispone la publicación de un sumario general que proporcione información sobre las opciones principales del sitio?	0	1
Total:		

1.2. Expresividad	
¿La navegación global presenta un número limitado de opciones unitarias -o de conjuntos de opciones bien agrupadas- de manera que pueden tenerse a la vista las opciones principales sin necesidad de efectuar desplazamientos con el cursor?	0 1
¿Con o sin desplazamiento, el número total de opciones del sumario principal se mantiene en torno a unas pocas unidades -caso ideal- o unas pocas decenas o bien se acerca e incluso supera el medio centenar --caso peor-?	0 1
Total:	

1.3. Identificación	
¿Contiene cada página o sección de la publicación un título, un autor (si procede) y una fecha de actualización (si procede)?	0 1
Total:	

1.4. Recorrido secuencial	
¿Es posible seguir la estructura de contenidos de forma secuencial?	0 1
¿Dispone el sitio web de un mapa?	0 1
Total:	

1.5. Navegación estructural	
¿Es posible acceder directamente a cualquier sección importante de la publicación sin necesidad de pasar por las secciones previas?	0 1
¿La estructura de secciones de la publicación es clara y está adecuadamente soportada en la navegación?	0 1
¿Se puede acceder a cualquier lugar de la web desde cualquier otro lugar, mediante un pequeño número de elecciones -o lo que es lo mismo, mediante un pequeño número de clics relativamente pequeño, 5 clics o menos?	0 1

Total:	

1.6. Navegación constante		
¿Existe, al menos una parte de la navegación en el sitio que sea constante, es decir, que se mantenga igual en todas las secciones del sitio?	0	1
¿Proporciona orientaciones de contexto que responda a preguntas del estilo *¿dónde estoy?, ¿estoy al principio, en medio o final de algo de qué extensión ?*	0	1
¿Proporciona orientaciones de contexto que responda a preguntas del estilo*¿estoy al principio, en medio o final de algo de qué extensión ?*	0	1
Total:		

1.7. Jerarquización		
¿Existe evidencias de que los contenidos de la web han sido jerarquizados de acuerdo a su importancia relativa en la portada?	0	1
¿Existe evidencias de que los contenidos de la web han sido jerarquizados de acuerdo a su importancia relativa en cada una de las secciones	0	1
Total:		

1.8. Navegación local		
¿Contienen las secciones de la publicación menús o sumarios locales que nos ayuden a conocer con detalle su contenido temático y acceder a cualquiera de sus partes con un número mínimo de clics?	0	1
Total:		

1.9. Navegación semántica		
¿Existe navegación semántica, es decir, existen enlaces que sirven para relacionar secciones o ítems que mantienen entre ellos alguna clase de asociación (aparte de la vinculación jerárquica): semejanza, causa/efecto, definiens/definiendum, texto/nota de aclaración,	0	1

cita/referencia, explicación/ejemplo, etc.?	
Total:	

1.10. Sistema de etiquetas		
Las etiquetas textuales --o los iconos, en su caso-- de las opciones de menú, (1) ¿ son ambiguos?	0	1
(2) ¿son autoexcluyentes o se solapan entre ellos?	0	1
(3) ¿es consistente el sistema de etiquetas o se *design*an las mismas cosas con distintos nombres o bien se utilizan diversas convenciones para las mismas funciones?	0	1
Total:		

1.11. Recuperación de información		
¿Posee un sistema de acceso a la información mediante búsqueda por palabras?	0	1
Total:		

1.12. Búsqueda avanzada		
¿Permite algún tipo de búsqueda avanzada mediante búsqueda por campos, operadores booleanos, , etc...?	0	1
Total:		

1.13. Lenguaje documental		
¿Contiene un sistema de búsqueda basada en alguna forma de lenguaje o de tratamiento documental: sistema de clasificación, ontología, descriptores, tesauro...?	0	1
Total:		

Evaluación total de Acceso a la información : navegación y recuperación	

2. Ergonomía: Comodidad y facilidad de utilización

2.1. Facilidad		
¿Las acciones aparentemente más frecuentes son las más accesibles o, por el contrario, requieren de diversas acciones, desplazamientos, numerosos clics, etc.?	0	1
Total:		

2.2. Flexibilidad		
¿Se pueden realizar las mismas acciones de distintas formas?	0	1
Total:		

2.3.Claridad		
¿Hay una buena relación figura/fondo en la web, es decir, hay un contraste adecuado entre texto y fondo?	0	1
¿Entre ilustraciones y texto?	0	1
¿Entre ilustraciones y fondo?	0	1
Total:		

2.4. Legibilidad		
¿La tipografía empleada: família de letra y tamaño para los textos es adecuada para una buena legibilidad?	0	1
¿Las líneas de texto ocupan toda la anchura de la pantalla?	0	1
¿Hay pocos espacios blancos -lo cual provoca mala legibilidad y fatiga visual- o, por el contrario el texto deja márgenes amplios a los	0	1

lados y hay espacios en blanco entre los párrafos de texto?	
Total:	

2.5. Recursos multimedia	
¿Las imágenes o los sonidos, si las hay, complementan la información textual y son necesarias para la exposición del tema tratado o entorpecen la lectura del texto o, al revés, el texto entorpece la lectura de las imágenes y del sonido?	0 1
Total:	

Evaluación total de ergonomía:	

II. VISIBILIDAD

EVALUACIÓN TOTAL DE VISIBILIDAD:	

3. Luminosidad

3.1. Enlaces[1]	
¿Posee enlaces a recursos externos?	0 1
Yahoo	1 2 3 4 5
PageRank de Goole	1 2 3 4 5
Traffic Rank de Alexa	1 2 3 4 5
Total:	

3.2. Contexto del enlace		
¿Aparecen los enlaces a fuentes externas en el contexto oportuno y favorecen así el aprovechamiento del material?	0	1
Total:		

3.3. Anticipación		
Si el recurso utiliza enlaces incrustados en el contenido de la publicación, ¿están identificados de manera adecuada de forma que anticipen al lector el resultado de activar el enlace y, en todo caso, es evidente para el lector que si activa el enlace abandona el artículo o sección que está leyendo de la publicación?	0	1
Total:		

3.4. Oportunidad		
¿El número y la naturaleza de los enlaces es adecuado a las características del recurso o, por el contrario es escaso, excesivo o injustificado?	0	1
Total:		

3.5. Calidad de los enlaces externos		
¿Presenta indicios de que los enlaces han sido seleccionados y evaluados siguiendo algún criterio claro de calidad intrínseca de los recursos enlazados?	0	1
Total:		

3.6. Actualización		
¿Están actualizados los enlaces del recurso considerado o, por el contrario, hay abundancia relativa de enlaces obsoletos o "rotos"?	0	1
Total:		

3.7. Tratamiento		
En el caso de presentar los enlaces externos en una sección bien diferenciada, ¿propone una simple lista de títulos de sedes web o, por el contrario, se presenta alguna clase de información de valor añadido sobre ellas?	0	1
Total:		

Evaluación total de luminosidad:	

4. Posicionamiento

4.1. Metadatos	
¿El elemento head de la web contiene al menos algunas etiquetas de meta datos básicas como <title>, <author>, <keywords> y <description>?	0 1
Total:	

4.2. Dublin Core	
¿El elemento head contiene un sistema avanzado de meta datos, como Dublin Core?	0 1
Total:	

4.3. Popularidad	
¿Es un sitio muy enlazado? ¿Cuantos enlaces de entrada recibe la página principal del medio?	1 2 3 4 5
Total:	

Evaluación total del posicionamiento:	

III. USABILIDAD

EVALUACIÓN TOTAL DE LA PARTE III: USABILIDAD	

5. Adaptación

5.1. Adaptación		
¿Pueden los usuarios de la web adaptarla a sus necesidades, lengua, contexto o intereses personales?	0	1
Total:		

5.2. Redundancia		
¿Se pueden realizar las acciones más habituales de distintas formas o se puede acceder a las principales secciones por diversas vías?	0	1
Total:		

5.3. Acceso		
¿Las acciones más habituales están presentes en la primera sección de la web y sin necesidad de realizar *scrolls* o, por el contrario, requieren de diversos clics?	0	1
Total:		

5.4. Política		
¿Hay una sección dedicada a exponer las normas y la política de la institución editora, por ejemplo, respecto a la forma de suscripción, si es el caso, normas de uso, envío de rectificaciones, etc.?	0	1
Total:		

Evaluación total de adaptación:	